



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

FLÁVIA RIBEIRO FRANCO

**O PAPEL DOS DILEMAS NA PEDAGOGIA DE GRUPOS
SOCIOEDUCATIVOS**

**Brasília – DF
Dezembro/2013**

FLÁVIA RIBEIRO FRANCO

**O PAPEL DOS DILEMAS NA PEDAGOGIA DE GRUPOS
SOCIOEDUCATIVOS**

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação (FE) como
requisito à obtenção do título de
Graduação do Curso de Pedagogia
da Universidade de Brasília (UnB).

**Orientador: Prof. Dr. Paulo
Sérgio de Andrade Bareicha.**

Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Educação

Brasília – DF
Dezembro/2013

Franco, Flávia Ribeiro

O papel dos dilemas na pedagogia de grupos socioeducativos. /

Flávia Ribeiro Franco – Brasília, 2013.

104f

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília, 2013.

Orientador: Paulo Sérgio de Andrade Bareicha

1. Dilemas. 2. Grupos Socioeducativos. 3. Pedagogia Psicodramática. 4. Drogas. I.Título.

FLÁVIA RIBEIRO FRANCO

O PAPEL DOS DILEMAS NA PEDAGOGIA DOS GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS

Monografia apresentada à Faculdade de Educação (FE) como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), apreciada e aprovada em 17 de dezembro de 2013 pela banca examinadora composta por:

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
Universidade de Brasília – UnB
Orientador

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella
Universidade de Brasília (UnB)

Prof^a. Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho
Universidade de Brasília (UnB)

Brasília
Dezembro/2013

Dedico este trabalho em especial aos meus pais: Gislaine Ribeiro da Silva e Jó Batista Franco.

Aos amigos espirituais que sempre me amparam e me conduziram até aqui.

E àqueles que em meio aos dilemas seguem o caminho da reflexão e persistem na caminhada com amor e fé.

AGRADECIMENTOS

"Se as coisas são impossíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las!
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!
(Mário Quintana)

Não poderia deixar de mencionar que esta pesquisa, apesar de realizada no segundo semestre do ano de 2013, é resultado de cinco anos cursando Pedagogia na Universidade de Brasília. A escolha do tema e produção do presente trabalho não foram por acaso, cada dia na UnB convergia para a escolha de um tema de trabalho final que incorporasse os conhecimentos, valores, crenças e aprendizados que se acumulavam durante a caminhada, entre encontros e desencontros, eis aqui o resultado de pensamentos e crenças gestados durante cinco anos.

Na consistência entre autor e obra, no cuidado da escolha dos autores a serem citados, este trabalho se torna uma representação da visão e de valores que constituí durante cinco anos de um caminho difícil, marcado por momentos de quase desistência sempre vencidos pela esperança e por uma “mão amiga”. Além do zelo do meu anjo guardião e de amigos espirituais, amigos terrenos nunca me faltaram. Por isso, minha gratidão eterna e sinceros agradecimentos a todas as pessoas que direta ou indiretamente me encorajaram, me ajudaram a chegar ao final do curso e a produzir este trabalho de valor pessoal e acadêmico.

Agradeço primeiramente a todos os professores/doutores que me acompanharam durante a graduação. Meus agradecimentos a todos, vocês são os profissionais que me inspiram.

Agradeço também em especial ao Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha, que me inspira no papel profissional, no papel de escritor e de professor. Obrigada por me conceder o privilégio de ser sua orientanda, pela paciência, generosidade, por todo auxílio e por me presentear com uma das descobertas mais significativas da minha vida: o psicodrama.

Meus respeitosos agradecimentos aos componentes da banca examinadora, pela disponibilidade, participação, compartilhamento e pelo privilégio de suas presenças na banca examinadora do presente trabalho.

Agradeço ao Instituto Círculo de Giz, pelo espaço aberto a pesquisa e confiança no meu trabalho. Assim, agradeço também as colegas do curso e aos participantes dos grupos socioeducativos sem os quais essa pesquisa não se realizaria.

Agradeço aos sorrisos, palavras amigas, apoio, vivências, abraços e “prosas” a todos vocês que tornaram meus dias mais bonitos, obrigada Sérgio, Ires, Wagner (Cebola), Maristela, Virgílio, Yuri, Fernanda, Gabi, Gêssica, Virgínia, Marcelo, Carol, Ana Cláudia, Alice, ao casal Mírian e Márcio, a Hidelbrando e Lu que me atendia sempre com tanto carinho.

Agradeço a Tia Carmelina e a minha vó e madrinha: Maria José Amélia da Silva, exemplos inspiradores de fé e coragem com que conduziram suas vidas, obrigada pelo carinho, atenção, dedicação e zelo com que sempre me acolheram. A conclusão deste trabalho passa por vocês.

Aos meus primos, primas, meus tios e tias que mesmo de longe mandaram suas vibrações de afeto, em especial ao Tio Leone quem primeiro acreditou no meu potencial profissional.

Agradeço à minha amada família em especial meus irmãos Luiz Carlos e Fernanda pelas visitas aqui em Brasília e despedidas carregadas de sentimentos que me davam mais força e motivação na caminhada. Que alegria tê-los em minha vida, obrigada por tudo, amo muito vocês.

Ao meu irmão de laços espirituais, Thiago Vaz, pela amizade, cumplicidade, insistência e imenso apoio que me deste, não fosse você talvez não tivesse chegado ao final deste trabalho. Obrigada por sempre reanimar meus passos quando pensava em abandonar a estrada.

Unidos pelos mistérios dessa existência e pelo amor que cultivamos a cada dia, agradeço ao Síri Dharma, obrigada por todo tempo que dedicastes a me ajudar com o curso de Pedagogia e com meus dilemas. Obrigada pelo incentivo à busca de conhecimento e aprimoramento diário. É um privilégio ser sua companheira, obrigada por fazer parte da minha vida, caminhar ao meu lado e me sustentar nos momentos finais e mais críticos deste trabalho.

E o que dizer a você mãe? O que dizer a você pai? Vocês foram e são à base de tudo. Desde os primeiros passos na vida até a firmeza dos passos de hoje, são vocês os responsáveis por quem sou e tudo que tenho hoje. Obrigada pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente por toda vida que vocês abdicaram e dedicaram a mim. Valeu a pena toda distância, todas as renúncias, as dificuldades e lutas que travamos para chegar até aqui. Vocês, mais do que eu, foram responsáveis para que esse trabalho chegasse ao fim. A conclusão deste curso e dessa monografia é muito mais de vocês do que minha. Obrigada por tudo, pelo amor,

inspiração, pela dignidade dos exemplos e ensinamentos que me deixam de herança. Eu amo muito vocês, a vocês minha eterna e indescritível gratidão.

A todos que já falei, agradeço por acreditarem no meu potencial, na minha profissão, nas minhas ideias, nos meus devaneios. Quão generosa e bondosa foi a vida ao me colocar em encontro com cada um de vocês.

Em tempos em que quase ninguém se olha nos olhos, em que a maioria das pessoas pouco se interessa pelo que não lhes diz respeito, só mesmo agradecendo àqueles que percebem nossas descrenças, indecisões, suspeitas, tudo o que nos paralisa, e gastam um pouco da sua energia conosco, insistindo.

Martha Medeiros

Ainda neste espaço de escrita, peço licença ao leitor para continuar escrevendo mais esta última página em gratidão, ultrapassando o número páginas com que geralmente se resumem os agradecimentos, pois a abreviação não é bem vinda quando o assunto é reconhecimento e gratidão àqueles que compõem minha história, assim, não poderia deixar de grafar o agradecimento mais importante:

à Deus, causa primária de todas as coisas e a Jesus, obrigada por essa vida, pelos amigos espirituais, pelo consolador prometido, por meu anjo da guarda e pelos amigos terrenos. Obrigada por todas estas pessoas citadas anteriormente que cruzaram meu caminho e me ajudaram não só na construção do presente trabalho, mas na minha construção de mundo, ao qual devolverei os aprendizados. Obrigada por este corpo, por todos os elementos que me constituem e me dão esperança de poder trabalhar na sublime profissão de Pedagogo.

Pela coragem de facear as dificuldades criadas por nós mesmos;
Pelas provas que nos aperfeiçoam o raciocínio e nos abrandam o coração;
Pela fé na imortalidade e pelo privilégio de servir;
Pelo dom de saber que somos responsáveis pelas próprias ações;
Pelos recursos nutrientes e curativos que trazemos em nós próprios;
Pelo discernimento que nos permite diferenciar aquilo que nos é útil daquilo que não nos serve;
Pelo amparo da afeição no qual as nossas vidas se alimentam em permuta constante;
Pela bênção da oração que nos faculta apoio interior ;
Pelos irmãos de ideal e pelos que divergem de nossas idéias;
Pelas oportunidades de auxílio e trabalho que sempre se apresentam à nossa frente;
Pelas saudades, pelos amores, pelos sofrimentos e também pelas dores;
Pela companhia dos entes queridos, que mesmo longe não estão esquecidos;
Obrigado Senhor pela vida, pelo sol, pelo ar, alimento, pela natureza;
Pela tranquilidade de consciência que ninguém consegue subtrair-nos;
Por tudo isso, e por todos os demais tesouros, de esperança e de amor, de alegria e de paz, de que nos enriquece a existência
(Emmanuel, psicografia de Chico Xavier)

Divisa

*“Mais importante do que a ciência
é o seu resultado. Uma resposta
provoca uma centena de perguntas.*

*Mais importante do que a poesia
é o seu resultado.*

Um poema invoca uma centena de atos heróicos.

*Mais importante do que o reconhecimento
é o seu resultado, O resultado é dor e culpa*

Mais importante do que a procriação é a criança.

*Mais importante do que a evolução da criação
é a evolução do criador.*

Em lugar de passos imperativos, o imperador.

Em lugar de passos criativos, o criador.

Um encontro de dois:

olhos nos olhos, face a face.

*E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos
e colocá-los-ei no lugar dos meus;*

*E arrancarei meus olhos
para colocá-los no lugar dos teus;*

Então ver-te-ei com os teus olhos

E tu ver-me-às com os meus.

Assim, até a coisa comum serve o silêncio

E nosso encontro permanece a meta sem cadeias:

*O Lugar indeterminado,
num tempo indeterminado,*

*A palavra indeterminada
para o Homem indeterminado.”*

(Jacob Levy Moreno)

“O homem tem medo de sua espontaneidade.

*Seus antepassados da selva temiam o fogo:
temeram o fogo até que aprenderam a acendê-lo.*

*Do mesmo modo, o homem temerá viver
apelando à sua espontaneidade*

até que aprenda a provocá-la e a educá-la.”

Jacob Levy Moreno

A dúvida é o principio da sabedoria.

Aristóteles

RESUMO:

Esse trabalho tem como objetivo geral investigar o papel dos dilemas na pedagogia de grupos socioeducativos (GS), compreendendo os dilemas como situações de conflito que envolvem escolhas significativas e diretivas da vida daquele que escolhe. Por estarem sempre presentes na vida do ser humano e serem ainda pouco refletidos em seu caráter pedagógico, os dilemas são a questão central da presente pesquisa. Para melhor compreensão do assunto foi realizada uma pesquisa exploratória de abordagem fenomenológica sobre as vivências e relatos registrados em notas de campo acerca dos dilemas dos participantes de grupos socioeducativos que estão em conflito com a lei por porte ou uso de substâncias ilícitas. Buscando conhecer e analisar o papel dos dilemas nesses grupos, definiu-se três objetivos específicos: investigar a pedagogia psicodramática abordada no grupo, caracterizar o grupo socioeducativo como ambiente de aprendizagem e analisar os dilemas encontrados. Através dessa pesquisa notou-se que os dilemas assumiram: o papel de unir os participantes do grupo em torno de um tema; o papel de incluir as pessoas; o papel de abrir cena para discussão e o papel de estimular a inquietação e buscas por respostas.

Palavras-chave: Dilemas, Grupos Socioeducativos, Pedagogia Psicodramática, Drogas.

ABSTRACT

This work has as main objective to investigate the role of the dilemmas in the pedagogy of socio groups (SG), comprising the dilemmas and conflict situations that involve significant policy choices and the life that you choose. For always being present in the lives of human beings and still be somewhat reflected in their pedagogical, dilemmas are the central issue of this research. For better understanding of the subject an exploratory phenomenological approach to their experiences and stories recorded in field notes about the dilemmas of the participants of socio groups that are in conflict with the law for possession or use of illegal substances was performed. Seeking to understand and analyze the role of the dilemmas these groups, we defined three specific objectives: to investigate the psychodrama pedagogy addressed the group, characterizing the group as childcare learning environment and analyze the dilemmas found. Through this research it was noted that the assumed dilemmas : the role of uniting the members of the group around a theme, including the role of people, the role of opening scene for discussion and role of encouraging unrest and searches for answers.

Keywords: Dilemmas , Socio Groups , Education Psychodramatic Drugs

LISTA DE QUADROS

P. 47 QUADRO 1- Gráfico de Idade média e desvio padrão na qual usou pela primeira vez algum tipo de substância psicoativa. (Fonte: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>)

P. 54 QUADRO 2- Esquema: Socionomia, ramificações científicas e respectivos métodos. (Fonte: RIQUET, 1999, p.182.)

P. 56 QUADRO 3- O tecido ou complexos psicodramáticos. (Fonte: ROMAÑA, 1999, p. 14)

P. 66 QUADRO 4- Calendário de organização dos dias de encontro de cada grupo. (Fonte: Autoria própria)

P. 86 QUADRO 5- Quadro de presença dos beneficiários do GS (Fonte: Autoria própria)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CUE	Convenção Única sobre Entorpecentes,
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EUA	Estados Unidos da América
FE	Faculdade de Educação
FEBRAP	Federação Brasileira de Psicodrama
GS	Grupo Socioeducativo
OBID	Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial da Saúde
SERUQ	Serviço de Assessoramento a Magistrados sobre Usuários de Drogas
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
SISNAD	Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas
TJDFT	Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios
UNB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
1 MEMORIAL	19
2 INTRODUÇÃO	31
3 JUSTIFICATIVA	36
4 REFERENCIAL TEÓRICO	38
4.1 DROGAS E GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS	38
4.1.1 MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS	39
4.1.2 A NOVA LEI DE DROGAS E AS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS	42
4.2 AS DROGAS E OS DILEMAS	43
4.2.1 DROGAS, POR QUÊ?	44
4.2.2 A MACONHA E A COCAÍNA	45
4.2.3 TRAFICANTE, USUÁRIO E DEPENDENTE	48
4.2.4 O USO E OS DILEMAS	49
4.3 PEDAGOGIA PSICODRAMÁTICA	53
4.3.1 JACOB LEVY MORENO E O PSICODRAMA	54
4.3.2 AS TÉCNICAS E O COMPLEXO PSICODRAMÁTICO	58
4.3.3 PSICODRAMA E EDUCAÇÃO	61
4.4 INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA E GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS	63
5 METODOLOGIA	66
5.1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS DA METODOLOGIA	66
5.2 CORPUS DE PESQUISA	67
5.2.1 PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA	67
5.2.2 CONTEXTOS E PARTICIPANTES DA PESQUISA	67
5.2.3 ESCOLHA DAS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	70

5.2.4 TÉCNICA DA ANÁLISE DOS DADOS	71
5.2.5 CRONOGRAMA DE PESQUISA	71
6 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS	72
6.1 DESCRIÇÃO GERAL E ANÁLISE DOS ENCONTROS	72
6.2 ANÁLISE DOS DILEMAS ENCONTRADOS	92
6.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O papel dos dilemas na pedagogia de GS	98
7 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	101

APRESENTAÇÃO

Esse trabalho monográfico é considerado um requisito parcial para a obtenção do título de graduação do curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília. Ele é constituído por três partes básicas. A primeira parte consiste no memorial, no qual descrevo meu percurso até o fim do curso na universidade, levando em consideração os primeiros anos de escolaridade, a educação básica, os dilemas e experiências vivenciadas que influenciaram na escolha do curso, bem como o ingresso no curso de Pedagogia e alguns momentos relevantes que obtive durante os 4 anos e 10 meses que estive na Universidade. A segunda parte corresponde a pesquisa propriamente dita: introdução, dando uma visão geral do tema; justificativa da escolha do tema e relevância da pesquisa; referencial teórico utilizado como base na pesquisa; metodologia; e desenvolvimento da pesquisa juntamente com os resultados obtidos a respeito do problema e análise dos dados. A terceira parte diz respeito às perspectivas futuras em relação à profissão de pedagogo, expondo o que pretendo realizar após a conclusão do curso perante a sociedade e anseios pessoais.

Antes de dar início ao memorial e seguimento a introdução e pesquisa realizada, apresento aqui os pensamentos iniciais que geraram a presente monografia. Durante todo curso de Pedagogia e devido a questões pessoais, sempre tive questionamentos e curiosidade das variáveis que levavam as pessoas a escolher certas condutas de vida ou agir de “tal” maneira diante da vida. As personalidades, a evolução, a constituição e o jeito de ser de cada pessoa me impressionava e no final do curso eu comecei a procurar algo que me conduzisse a trabalhar com pesquisas que envolvesse esses temas e cheguei ao tema: moralidade humana. No contato com meu orientador e na discussão sobre as possibilidades de se trabalhar o tema fui apresentada por ele a obra “*Aquele que diz sim e aquele que diz não*” de Bertold Brecht¹ e através do dilema vivenciado pelo personagem principal da obra começaram a surgir pensamentos de que vivenciamos dilemas durante toda as nossas vidas e direcionamos então a atenção a temática: dilemas. A partir desse pensamento fui dialogando e encontrando relações com todos os temas que anteriormente eu havia pensado em trabalhar inclusive com relação a questões morais e éticas, refletindo também na analogia entre teatro e vida.

Portanto, foi decidido a abordagem sobre os dilemas e unimos esse tema ao contexto dos participantes do Instituto Círculo de Giz. O Instituto Círculo de Giz é um consultório psicológico que atua como uma das unidades de atendimento das Redes Sociais do DF que atendem usuários de drogas em conflito com a lei por porte e uso de substâncias ilícitas.

¹ Peça teatral escrita em 1929/30 disponível através da obra: BRECHT, Bertold. Teatro completo, em 12 volumes / [Tradução Wolf-gang Bader, Marcos Roma Santa, Wira Selanski]. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Coleção Teatro; v. 11)

O Instituto promove um espaço de acolhimento aos usuários de drogas através de uma pedagogia psicodramática com grupos socioeducativos e abre espaço de pesquisa para estudantes da UnB. Instigada pelo trabalho realizado com esses grupos socioeducativos e pelo espaço de pesquisa significativo que o Instituto vem disponibilizando há anos através de projetos de pesquisa vinculados a UnB, optei por investigar a relação entre dilemas e o Programa Socioeducativo do Instituto Círculo de Giz que será mencionando novamente mais a frente.

Para início de leitura deixo um último esclarecimento: a palavra *Dilema* utilizada tantas vezes neste trabalho, em seu significado mais comum como, por exemplo, seria encontrado em qualquer dicionário Aurélio, traduz-se em situação embaraçosa com duas saídas difíceis ou penosas, no entanto, a palavra dilema assume aqui um sentido figurado semelhante a esse sentido comum, porém mais amplo. Utilizamos o termo dilemas porque analisamos situações que de certa forma conduzem a reflexão e envolvem critérios de juízo de valores, dando alternativas e escolhas que nem sempre são fáceis de serem vivenciadas. Assim, o termo dilemas não se trata necessariamente de duas alternativas difíceis ou um problema insolúvel, ou apenas com duas saídas difíceis e penosas, mas o termo aqui expresso se dá no sentido de uma situação conflituosa, que envolvem questões morais, sentimentais, pessoais, sociais, enfim, situações que envolvem questões delicadas, mas que por mais “insolúvel” ou difícil que pareça, exigem escolha, escolha que levam as pessoas a argumentos que justifiquem a alternativa que lhe parece mais justa, confortável ou que levam o sujeito a inclinar-se por uma opção dando argumentos a seu favor e que independente das variáveis envolvidas na escolha é justificável. Assim entende-se por dilemas, situações de conflito nesta concepção descrita.

Para uma maior clareza do sentido que empregamos a palavra dilemas neste trabalho, pensemos nos dilemas vivenciados pela humanidade ou no preço que algumas pessoas pagaram por seus dilemas pessoais, como exemplo: as fogueiras da inquisição por quais passaram pessoas que ficaram entre o que acreditavam e o socialmente aceito na época, pensemos nos tempos de escravidão, nas guerras travadas ao longo dos séculos, nos dilemas das pessoas que vivenciaram a segunda guerra mundial ou o nazismo, grandes cientistas como Albert Einstein, Isaac Newton e Charles Darwin com seus próprios dilemas e questionamentos nos trazendo grandes descobertas, os dilemas que a própria ciência enfrenta ao esbarrar em questões religiosas e morais mas que se não percorresse por dilemas não haveria tanto progresso. Não precisamos ir longe para encontrarmos dilemas, a ditadura, a luta

das mulheres, os dilemas vivenciados por árabes e judeus ou os dilemas que depois de vivenciados levaram a queda do muro de Berlim, grandes homens que vivenciaram dilemas e causaram dilemas marcando toda humanidade como Nelson Mandela, Gandhi e o próprio Jesus Cristo. Hoje vivenciamos alguns dilemas como o aborto, a eutanásia, casamento gay e tantos outros que envolvem questões delicadas e que devido as situações conflituosas são exemplos de dilemas, não necessariamente no sentido comum da palavra, mas nesse sentido mais complexo que aqui empregamos e consideramos.

É neste sentido de dilemas como situações delicadas, que fomos buscar os dilemas vivenciados pelos participantes do Instituto Círculo de Giz. Interessante ressaltar que o próprio nome do Instituto pesquisado tem relação de certa forma com um dilema, o dilema do Círculo de Giz Caucásio, uma das peças de teatro de Bertold Brecht, que grafamos aqui como sugestão àqueles a quem se interessar pelo conhecimento da história do nome do Instituto Círculo de Giz. Apresentando então estas considerações iniciais, avencemos para o memorial e em seguida a introdução do presente trabalho monográfico dando continuação acerca dos dilemas.

1 MEMORIAL

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim, Doce ou atroz
Manso ou feroz; Eu caçador de mim
Preso a canções, entregue a paixões,
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar, longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai; Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir, o que me faz sentir
Eu, caçador de mim
(Milton Nascimento- Caçador de Mim)

Se não tens uma aldeia, meu filho, tens de ir em busca dela!
Um menino não pode viver sem ter a sua aldeia.
(João dos Santos)

Devo confessar preliminarmente que hoje eu já não sei exatamente quem eu fui e ainda busco saber quem sou. Escrevo as próximas linhas me reencontrando na memória, na fronteira entre a criança que fui e a mulher que sou. O esforço da busca entre meus 22 anos vividos, trazem a necessidade de declarar que aqui, estão apenas pequenos fragmentos de momentos, momentos que a cada dia se distorcem com as minhas próprias mudanças, em um eterno renovar-se. Linhas de interlocução, vírgulas de incompletude, palavras que não traduzem necessariamente o todo que me constitui. Depois de uma profunda busca das minhas relações com o tempo, na intimidade dos acontecimentos, nos encontros e desencontros que vivi, reconheço que algumas coisas, por mais tempo que passem, permanecem, se ficam, ficam por algum motivo, e são esses motivos que me conduziram até aqui. Os meus segredos, mistérios e todo o ser complexo que há em mim permanecerão nas entrelinhas. Nas linhas, o relato de um ser incompleto, característica principal deste memorial: a incompletude.

Nasci junto com a chegada do outono, em março daquele ano de 1991, na cidade João Pinheiro, interior de Minas Gerais. Minha irmã Fernanda de 4 anos na época e meus pais estavam a minha espera. Flávia Ribeiro Franco, foram essas, as três primeiras palavras que a vida me ofereceu. Sou filha de um fazendeiro e de uma Pedagoga. Meu pai, Jó Batista Franco, o mais novo de 14 irmãos, filho de uma família tradicionalista conhecida e engajada na política da cidade, casou-se com minha mãe: Gislaine Ribeiro da Silva, educadora, militante e dedicada à educação durante a maior parte da sua vida, foi quem, depois de anos de

casamento, nos meus nove anos de idade, ficou com a minha guarda e a de meus dois irmãos após a separação com meu pai.

Imprescindível se faz, destacar que minha família foi e continua sendo fundamental na minha formação e em toda minha vida. O ponto de partida da minha identidade e formação passa por uma mãe guerreira, corajosa, protetora, dedicada, trabalhadora e um pai também trabalhador, honesto, humilde, simples e generoso. Ambos deixaram e vem me deixando uma herança sagrada de virtudes, valores e exemplos que, assim como meus irmãos e minha avó, são parte intrínseca da minha vida.

Nos meus primeiros anos de vida e durante toda minha infância, a introspecção, a insegurança, a dificuldade de interação com as pessoas e a timidez eram sempre constantes na minha personalidade. Costumo me referir à frase de Cecília Meireles ao falar da minha infância: *“minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão.”* Minha rotina favorecia geralmente apenas o contato com o meu círculo familiar. Não saía muito de casa a não ser para a casa de outros parentes e para a igreja católica com minha mãe e minha irmã aos domingos. Era muito apegada a minha mãe, que na maior parte do tempo estava trabalhando. Enquanto minha mãe trabalhava como educadora, meu pai tinha um comércio local e ia para sua fazenda de vez em quando. Enquanto meus pais trabalhavam, minha irmã ia para a escola e eu permanecia em casa com uma secretária/babá que eu amava muito. Também passava muitos dias na casa da minha avó materna, a qual me estimulou a fazer catequese e posteriormente a crisma na igreja Católica. Era essa rotina a qual geralmente estive incluída durante toda minha infância.

Aos cinco anos de idade, no mesmo ano que meu irmão Luiz Carlos nasceu, houve uma mudança na minha rotina e tive o meu primeiro contato com a escola. Fui matriculada na turma do Jardim 2 em uma escola particular perto da minha casa. Apesar de ter uma entrada atraente, com parquinho, árvores e areia, eu não quis entrar nos primeiros dias. Na primeira semana de aula, quando percebia que minha mãe não entraria comigo, eu agarrava uma cerca de arame que havia na entrada da escola e não soltava. Eu não me sentia alguém separada da minha mãe. Apertava bem forte a cerca e chorava quando via minha mãe indo embora, tinha medo de que ela não voltasse mais. Com minhas reações, minha mãe e as professoras tiveram dificuldades em me manter naquele ambiente, nos primeiros dias me levavam de volta pra casa. Faltei às primeiras aulas e nos dias seguintes chamaram a minha prima que estudava na escola para estudar na carteira do meu lado, isso facilitou minha permanência e a partir daí decidi ficar.

Ainda nas lembranças do meu ensino infantil, me recordo que enquanto as crianças brincavam umas com as outras, na maioria das vezes eu brincava sozinha. Na sala de aula eu interagia com minha prima, fora dela eu estava só com o mundo. A minha satisfação era a observação, explorar o ambiente, eu não sabia como me aproximar das pessoas e nem como me comportar diante delas. Conhecer os colegas para mim era observá-los. Na hora do recreio, quando a sirene tocava todos corriam para disputar um único balanço, eu não dava importância, lanchava e depois ia brincar com areia, olhar os pássaros, as abelhas. Olhava os muros de cerca viva, descobria neles florestas e histórias onde minha imaginação encontrava passagens secretas por todos os lados. Vivia em um mundo de fantasia criado por mim mesma, foi uma fase onde a minha imaginação não tinha limites.

Fui alfabetizada nessa escola, lembro-me que para cada letra do alfabeto havia uma imagem cuja a primeira letra do nome correspondia a letra a ser trabalhada. Havia linhas com letras pontilhadas para sobrepormos o lápis e escrevê-las. Concluí a Pré-escola sem saber escrever a letra H mas já dominava a escrita. Após a formatura fui visitar alguns parentes ainda vestida com a toga e tirar fotografias com eles, recebi muita atenção por parte deles nesse dia e foi aí que percebi o quanto as pessoas consideravam importante a escola, ou melhor, a conquista do diploma.

Após concluir o ensino infantil, mudei para outra escola particular e iniciei o ensino fundamental. Na primeira série rejeitei novamente a ideia de permanecer na escola. A professora era minha prima, isso facilitou minha adaptação. Eu continuava com meu mundo particular, introspectiva, olhando muito as coisas e as pessoas, tentando entender como o mundo funcionava, porque as pessoas eram como eram. Eu gostava do ambiente escolar mas não me encaixava nos grupos. Andava com uma ou no máximo duas colegas. Nessa série comecei a escrever somente com letras cursivas e em cadernos com mais linhas do que no ensino infantil, o que para mim foi sinônimo de autonomia. Lembro-me da minha “babá/secretária” em casa enfeitando a capa dos meus cadernos junto com uma amiga da minha mãe, a Gilda, que também era professora.

Nos anos seguintes do ensino fundamental, houve algumas mudanças do contexto de aprendizagem ao qual estava acostumada, exceto pelos pequenos grupos “fechados por afinidade” entre os colegas e fortalecido pelo vínculo deles fora da escola, grupos que eu não fazia parte. A partir da terceira série havia maior quantidade de professoras e um número maior de disciplinas. Se antes havia só uma professora por série, agora haviam no mínimo três, e as aulas exigiam cada vez mais um quantidade maior de conhecimentos a serem

estudados. Não me lembro dos conteúdos, mas lembro das professoras. Eu era uma aluna dedicada, gostava de estudar e tirava boas notas. Da terceira série em diante havia uma supervisora que agora entrava em contato com os alunos. Ela era supervisora e ao mesmo tempo a psicóloga da escola. Fui para sua sala três vezes. A primeira vez ela me recebeu atuando como psicóloga, pediu para eu fazer qualquer desenho e falar sobre minha família, assim fiz, me senti importante por ter a atenção da supervisora por alguns minutos, mas, até hoje, não tive retorno daquela prática. As outras duas vezes que fui para a sala dela, foi pela tabuada dos fatos fundamentais. Naquela época decorávamos a tabuada e ela era a responsável pelos testes de “tomar” a tabuada e ver se a gente acertava mais do que errava. Eu me saía razoavelmente bem, mas não entrava na competição dos colegas para ver quem era o melhor.

Muitas professoras marcaram em especial a minha vida e por vezes meu rendimento era proporcional à atenção que elas me davam. Houve uma professora da quarta série que me proporcionou alguns momentos significativos. Sensibilizada pelas minhas lágrimas durante as aulas devido a separação de meus pais nessa época, e também, sensível as minhas falsas dores de barriga, dores de cabeça, entre outras dores que inventava pra ir embora para casa, ela sempre criava uma situação de diálogo e conversa comigo durante as aulas, dando uma atenção especial as minhas necessidades. Com ela aprendi a escrever a letra H que ficou esquecida desde a pré escola. Ela me proporcionou uma das experiências mais significativas da minha trajetória escolar: a interpretação do papel principal de uma peça de teatro durante a feira de ciências na escola. Interpretei a chapeuzinho vermelho. No dia da peça, minha mãe me arrumou, me fantasiou e foi comigo no dia da apresentação. A vergonha e a insegurança foram esquecidas, a fantasia me vestiu e naquele momento senti-me livre para toda minha expressão. Essa peça de teatro foi um divisor de etapas na minha infância, proporcionou a partir daquele dia a confiança em mim mesma. Através desta, dos elogios e incentivos escutados pela apresentação que fiz, fui me sentindo mais segura para interagir com as pessoas e me expor a elas. Depois dessa peça teatral, assumi outro perfil de aluna.

O novo perfil de aluna caracterizava-se por uma criança mais espontânea e expressiva. Conseguia interagir e sentir conforto nos lugares que ocupava. Sabia estar “sozinha”, “ser alguém”, sem se sentir mal ou constrangida por isso. Apesar da característica marcante de introspecção, a representação teatral possibilitou uma nova maneira de agir no mundo. Na paixão pelas artes, música, dança, desenhos e tudo que a imaginação permitia, fui encontrando uma maneira de me dizer ao mundo. A minha linguagem, minha expressão e meu jeito de ser,

foram marcados pela sensibilidade e um jeito poético de perceber a vida, sempre enamorada pelas músicas. Ganhar um computador de presente de 15 anos de idade foi algo que permitiu a minha conexão com as artes e a literatura. Não havia biblioteca na minha cidade e dentro da escola a leitura por prazer não era estimulada.

Quanto mais se aproximavam os anos finais do ensino fundamental, mais mudanças ocorriam no contexto escolar. As disciplinas aumentavam com o passar dos anos e os alunos perdiam cada vez mais sua importância dentro da sala de aula. O que se fazia valer eram as “matérias”, as notas e o boletim. Nesse período participei de competições de handebol, futebol, atletismo entre outras atividades que existiam nos campeonatos entre as escolas. Adorava as aulas de educação física. Me destacava nos jogos esportivos da escola e isso me trazia mais interação com os colegas.

Cursei alguns dos anos finais do ensino fundamental em uma escola onde minha mãe era uma das proprietárias. Foi nessa escola onde mais senti liberdade para agir, expressar e me expor. Fiz amizades significativas, fui líder de turma, “professora” de aulas de dança de salão, tive meu primeiro ‘amor secreto’ e vivi uma adolescência muito tranquila e serena. Passei de figurante à protagonista. Minha mãe desfez a sociedade da escola quando eu estava no final da 8ª série e fui transferida para uma escola pública.

Juntamente com a mudança de uma escola particular para uma escola pública, tive o meu primeiro emprego que trouxe contribuições significativas na minha formação. Fui trabalhar como monitora de aulas de informática onde meu chefe era meu tio Leone, o irmão mais novo da minha mãe. Estudava de manhã e trabalhava à tarde. Na nova escola fui bem acolhida pelo garoto mais popular da turma. Ficamos muito amigos logo no primeiro contato, isso tornou mais fácil minha inclusão naquele espaço. O ambiente era acolhedor, os colegas eram mais abertos ao diálogo uns com os outros, não havia pequenos grupos fechados por afinidade como vivenciei na escola particular. Havia uma turma unida compartilhando e não competindo os aprendizados. O 1º e 2º ano do ensino médio também foram nessa escola pública onde tive a minha primeira recuperação, em física, e as primeiras advertências por matar aula e correr no corredor. Foram meus melhores anos em uma escola.

No final do 2º ano do ensino médio, aos 16 anos de idade, acompanhei a construção de uma escola particular que atendia do ensino infantil ao ensino médio. Presenciei a construção de seus muros, a elaboração do Projeto Político Pedagógico e também a conquista de autorização do funcionamento de cursos Técnicos nessa escola 4 anos depois. Era o início do Colégio COC Baluarte, fundado por minha mãe em sociedade com meu tio Leone. Após a

construção da escola, eu deixei de ser professora de Informática e comecei a trabalhar como auxiliar de secretaria nessa escola, onde também cursei o 3º ano do Ensino Médio.

Trabalhar no Colégio Baluarte foi fundamental para me perceber como pessoa e ir juntando elementos para posteriormente optar por fazer pedagogia. Das marcas que as pessoas deixaram em mim naquele ambiente de trabalho, Gilda, a mesma amiga da minha mãe que enfeitava meus cadernos quando eu era pequena, me chamava atenção com sua criatividade e amor pela profissão. Gilda era uma professora que valorizava as diferenças. Ao perceber alunos que tinham um comportamento diferente da maioria, acreditava naquela “diferença” como ferramenta para a aprendizagem e estimulava os potenciais de cada um, por mais dificuldade que algum aluno apresentasse. No decorrer dos meses, sua turma alcançava uma transformação incrivelmente positiva no que se refere à aprendizagem e formação integral do ser humano. Às vezes, os próprios pais dos alunos acreditavam mais no fracasso do que no sucesso de seus filhos, mas Gilda estimulava a autoconfiança, estimulava o melhor de cada um, e os próprios filhos passavam a ensinar os pais. Gilda, assim como minha mãe, foram as educadoras que mais me influenciaram na minha paixão pela educação. Minha mãe era uma diretora e gestora democrática exemplar. Ambas tinham um contato franco e fraterno com cada um de seus alunos, sem dar preferência para um ou outro. Eu ficava grande parte do meu tempo acompanhando e ajudando no trabalho pedagógico, fascinada pelo momento da aprendizagem, o contexto escolar e as relações entre professores, pais e alunos.

Enquanto auxiliar de secretaria eu experimentava esses momentos pedagógicos que a escola me permitia. Como aluna do 3º ano do ensino médio eu vivenciava a pressão do vestibular. Eu não gostava da idéia de ter que escolher um futuro quando eu nem me conhecia naquele presente. No início do ano todos os colegas falavam das suas escolhas para o vestibular, mas eu nunca nem tinha parado para pensar na escolha, na verdade, nem quis parar, contava que no momento eu saberia o que escolher. Uma certeza eu tinha: queria trabalhar com gente! Comecei a me analisar e percebi que, desde pequena, tenho total admiração pelas obras divinas, principalmente pela criatura humana, eu sabia que algo que sempre esteve presente em mim era a observação e a busca de compreensão sobre as coisas e as pessoas. Foi o próprio ser humano a maior influência para minha escolha da opção do vestibular.

Tive dificuldades em escolher algo quando eu simplesmente gostava de tudo. A principio pensei em três escolhas: Teatro, Psicologia ou Pedagogia. No entanto, se eu escolhesse Teatro não haveria nenhuma chance de emprego na área dentro da minha cidade e

deixei como segunda opção para um futuro possível. Então, não tive dúvidas, queria Psicologia, queria entender as ações, o jeito de ser, o jeito de pensar e o jeito de agir das pessoas. Todavia, pela falta de informação das pessoas as quais eu questionava sobre o curso de Psicologia, fui inteiramente desmotivada para essa escolha. Psicólogos na minha cidade eram raros, e não tinha campo de atuação, poderia fazer, mas não iria trabalhar. Das minhas opções restou Pedagogia.

Apesar de algumas pessoas da minha família e amigos não gostarem muito da minha escolha para o curso de Pedagogia, decidi manter a decisão mesmo diante as criticas. Havia um impulso dentro de mim que não me dava dúvidas de que queria trabalhar com “gente”. Escolher uma área era limitar as possibilidades, escolhi a educação acreditando na aproximação desta com todas as áreas do conhecimento e com a diversidade humana. No meu íntimo sabia que cada pessoa tem um potencial “mágico” dentro de si e eu queria trabalhar com essa magia. Era uma necessidade gritante de compreender o ser humano. Não percebia ainda que essa vontade passava também pela necessidade pessoal de me compreender. Movida por amor, pelo ser humano, suas infinitas possibilidades, prestei vestibular para Pedagogia .

Limitada aos saberes e possibilidades daquela cidade do interior, fui desatenta com as datas de inscrição para os vestibulares e não tive muito conhecimento das oportunidades que eu tinha. Naquele ano de 2008 prestei vestibular apenas para duas Universidades Federais, a de Uberlândia e a de Brasília. Passei nas duas e também nas Faculdades Particulares das cidades vizinhas a minha. O primeiro resultado foi o da Faculdade de Patos de Minas (UNIPAM) onde passei classificada em primeiro lugar para pedagogia, o que para mim foi um estímulo a mais para manter firme a convicção pela escolha do curso. Em seguida saiu os outros resultados. Entre todos escolhi a UnB pelo prestígio e porque era mais perto da minha cidade natal do que Uberlândia.

Após o resultado do vestibular mudei para Brasília em março de 2009. Nunca tinha ido à cidade a não ser na realização das provas do vestibular. Morei sozinha e fui levando como podia o novo contexto de vida. Na primeira semana morando em Brasília, em um dia chuvoso, caminhando de volta pra casa às quatro horas da tarde, fui assaltada. O assalto me trouxe uma lucidez maior do que eu estava vivenciando, no entanto, a cada dia me sentia mais motivada pela nova vida e tudo que ela e a cidade me ofereciam. Foram meses difíceis de adaptação, administrar a própria vida e conciliá-la aos trabalhos domésticos, sempre sozinha e

sem auxílio, eram novidades para mim. Na época eu tinha um namorado que me ajudou muito nesse período de adaptação e no conhecimento da cidade.

Mais novidade do que a cidade, os desafios, a rotina e as pessoas, foi a Universidade. Acostumada com a dinâmica escolar e sem saber como “funcionava” a UnB, tive vários transtornos devido à falta de informação e a dificuldade de interação. Quando prestei vestibular não sabia que a grade era aberta, não tinha habilidade com o sistema de matrícula e não entendi sua lógica. Além disso, não sabia a dinâmica dos projetos e as oportunidades dentro da universidade, era tímida e isso diminuiu a possibilidade de ajuda de informação por parte dos colegas. Os projetos 1 e 2 ofertados pelo sistema possibilitou superficialmente uma noção de como funcionavam algumas questões acerca do curso, no entanto, só descobri muitas coisas já nos últimos semestres quando não restavam muitas opções. Sendo assim, cursei os três primeiros semestres na imaturidade de quem acabou de sair do ensino médio, ia para UnB fazer as disciplinas que o sistema ofertava e voltava para casa.

Um dos períodos mais difíceis e que gerou consequências para os semestres seguintes, foi quando no terceiro semestre do curso, no ano de 2010, houve uma greve dos professores da UnB, coincidindo com um período de instabilidades e desafios que tive que enfrentar. A greve da UnB encerrou quando eu vivenciava muitos conflitos. Retornei as aulas em meio às dificuldades e ainda era incerta minha permanência em Brasília.

Devido às dificuldades que também passavam por questões financeiras, recorri à assistência estudantil que a UnB oferecia para alunos carentes, no entanto, não consegui auxílio. Precisando de apoio financeiro para minha permanência em Brasília, procurei estágios na área de Pedagogia. Consegui um estágio para trabalhar em um turma de alfabetização com alunos de 5 anos de idade, na Escola Paroquial Santo Antônio. De acordo com o horário do estágio, me matriculei nas disciplinas e no projeto 3 de modo que os horários se encaixavam. Fiz a fase 1 do Projeto 3 na área de Orientação Vocacional, a escolha não foi por afinidade do tema mas sim pelo fato de ser o único projeto que encaixava na minha grade. Entretanto, encontrei no projeto questões interessantes relacionadas aos conflitos, dificuldades dos estudantes de fazerem escolhas e questões sobre a consciência limitada que eles tinham das variáveis e implicações de uma escolha.

Como houve greve naquele ano, o calendário acadêmico foi alterado e houve uma sequência de dois semestres seguidos. Juntamente com essas alterações, com as exigências do estágio e os conflitos que eu passava, o curso de Pedagogia ficou muito cansativo pra mim. Não consegui me adaptar as mudanças e exigências do momento, surgiram mais problemas e

em meio às dificuldades fui abandonando as disciplinas e ficando cada vez mais desmotivada. Pela primeira vez não sentia vontade de estar na UnB, não tinha ânimo para ir para as aulas nem via sentido nisso. Saí do estágio, tranquei o semestre e fui para minha cidade natal.

Enquanto descansava e restabelecia um equilíbrio interior, fiz amizade com o Thiago, um garoto da minha idade que morava em Brasília e que manteve a amizade comigo. Foi ele quem me auxiliou no retorno as atividades em Brasília depois desse período difícil, e fui sendo auxiliada por ele na descoberta de novos caminhos e novas possibilidades que até então eu não enxergava. Foi uma pessoa fundamental para a minha permanência em Brasília e na UnB. Mais uma vez, a companhia de alguém me deu apoio para continuar caminhando.

Ao retornar para Brasília, agora com o apoio desse amigo, continuei cursando normalmente as disciplinas e mudei alguns hábitos para conciliar a minha realidade com a nova “fase”. Matriculei na fase 2 do projeto 3 na área do Lúdico e contação de histórias. Estava adorando o projeto e pretendia continuar dando sequência nos próximos semestres, mas abandonei o projeto porque a professora deixou a faculdade. Nesse mesmo semestre reencontrei a paixão e a motivação pelo curso de Pedagogia através do exemplo de alguns professores da Faculdade de Educação. Reencontrei minha motivação pelo ser humano e segui mais estimulada e confiante no ano seguinte.

Em 2012, no primeiro semestre fiz a fase 2 e 3 do Projeto 3 na área de Alfabetização e Letramento com a professora Stella Maris Bortoni Ricardo. Ela influenciou muito na minha formação como pesquisadora. Foi com ela que aprendi a fazer projetos de pesquisa e desenvolvi uma pesquisa piloto com o tema Letramento Literário na educação infantil. Fora da faculdade aconteciam algumas mudanças que colaboraram para minha segurança e permanência efetiva em Brasília, uma delas foi deixar de morar sozinha e ter mudado para o apartamento na casa de uma “tia avó”. Enquanto morava lá comecei a estagiar na Brinquedoteca do Terraço Shopping. Nesse período também trabalhei como “bartender” em “baladas”, eventos (Open-Bar, Lounge), shows, boates e clubes em Brasília para ter uma renda “extra”. Esse trabalho permitiu o contato com uma realidade e um público que me deram grandes exemplos de caminhos que não pretendo seguir.

No semestre seguinte, dei sequência a fase 1 e 2 do projeto 4 com a professora Ana Dilma cuja área é Letras e assumiu os projetos da Stella. Readaptei o projeto de pesquisa de Letramento Literário para Jovens e Adultos e fui aplicá-lo no Centro de Ensino 02, uma escola pública do Cruzeiro Velho. Enquanto fazia o Projeto 4 tive um choque de realidade diferente das minhas expectativas. A experiência com Jovens e Adultos foi rica. Aprendi a

exercitar uma escuta e olhar sensível em relação aos alunos e apesar da inexperiência, dei aulas de alfabetização segundo o método de Paulo Freire, pesquisando sempre com muita dedicação os temas a serem trabalhados e sentindo os estímulos e necessidades que a turma me apresentava. As teorias de Paulo Freire foram fundamentais. Tivemos resultados positivos e foram momentos importantes para minha formação, mas, contudo, apesar da riqueza daqueles encontros, optei por deixar a fase 2 do projeto 4 para ser feita paralelamente ao projeto 5, e como não havia definido tema, concluí apenas a fase 1.

Ainda no ano de 2012, faz-se necessário pontuar que foi um ano de muitas descobertas. Muitas destas, vieram de buscas pessoais. Entre as discussões com os colegas do curso de Pedagogia, desvendei um problema sério e mais comum do que eu imaginava: geralmente não nos ensinam nem nos estimulam a autorreflexão, a autonomia, ao pensamento crítico, a liberdade de expressão e a uma educação holística que nos contemple ou que nos dê uma base capaz de promover a espontaneidade e criatividade. Fui investigar mais a fundo essas questões no próprio curso de pedagogia e direcionei minhas disciplinas nesse sentido. Nas leituras, aulas e principalmente nas trocas possíveis pelo diálogo, fui encontrando subsídios do meu interesse. Descobri a dimensão social sobre o desenvolvimento da aprendizagem e ficando cada vez mais próxima da minha motivação interior, instigada pela necessidade de conhecer e compreender alguns fenômenos. Outra descoberta a ser destacada foi o contato com o budismo, ampliando minha visão de mundo. Posteriormente, cheguei ao encontro da doutrina espírita, que desde então vem me constituindo como pessoa e me guiando no dia a dia.

2012 proporcionou também o encontro com meu atual companheiro: Márcio (Síri Dharma), também aluno de Pedagogia. Não tinha tempo mais propício para sua chegada em minha vida. Márcio pegou na minha mão e desde então tem me fortalecido para um caminho de descobertas e resignificação da vida. Através do seu olhar sobre o mundo pude resignificar o meu. Ter um companheiro que faz o mesmo curso possibilitou uma discussão rica e profunda sobre tudo que víamos na universidade e também fora dela. Vivenciava as minhas pesquisas com mais segurança. Estabeleci desde esse encontro um diálogo honesto e verdadeiro comigo mesma, fiquei mais espontânea e maximizei ainda mais a busca por entender a mim, os outros e as relações interpessoais. Ao lado dele e de sua experiência pessoal, o curso de Pedagogia assumiu uma dimensão mais rica de possibilidades do que eu supunha e tinha até então.

Durante minhas buscas pessoais concomitantemente com as leituras acadêmicas e experiências obtidas durante o curso, descobri que os encontros pessoais e interpessoais foram os grandes responsáveis por maior parte dos meus aprendizados. Os exemplos “falavam mais altos” que as teorias, e minhas análises pessoais desde criança iam silenciosamente me conduzindo na vida e no curso. Tudo me levava a crer que viver, principalmente conviver, é a mais eficaz forma de ensino/aprendizagem que se pode ter. Não só por isso, mas também por frustrações e experiências que tive durante o curso de Pedagogia, cheguei ao ponto de começar a escolher as disciplinas de acordo com o professor que as ministrava, ou no mínimo com as referências a respeito deles. Essas descobertas e posturas me favoreceram muito e aconteceram durante os estudos do último ano do curso de Pedagogia (2013), ano em que deveria chegar à decisão do tema da monografia.

Depois de muita pesquisa sobre o perfil dos professores e sobre as disciplinas que tratavam dos temas de meu interesse, encontrei alguns professores que eu gostaria de tê-los como orientadores, todos eles da área de psicologia. A disciplina “Socionomia e Psicodrama na Educação” ministrada pelo professor Paulo Bareicha me chamava atenção há muito tempo e pela primeira vez o horário da disciplina tornava viável minha participação. Quando pesquisava sobre o Paulo Bareicha na minha busca por professores que pudessem me orientar, encontrei um artigo seu na internet (Psicodrama, teatro e educação: em busca de conexões) e assim que li, tive o primeiro “contato” com o Psicodrama e me encantei com as palavras de Bareicha e sua visão tão sensível acerca dos temas que tratava. A cada linha eu vibrava de alegria e me emocionava por ter encontrado um texto que reunia minhas principais motivações e que traduzia com tanta maestria idéias fundamentais não só para a educação mas também para a vida. Naquele momento, eu tive a certeza de que eu não poderia ter concluído o curso sem conhecer a socionomia, encontrar o psicodrama e suspeitei de que esse encontro seria o real motivo da minha chegada até a UnB. Me matriculei na sua disciplina e ao manifestar a vontade de fazer o projeto 4 e 5 ele, fui bem acolhida. Comecei um estágio na Biblioteca Central da UnB (BCE) e isso me colocou em contato diário com diversos livros, com uma variedade maior de autores e de perspectivas sobre as teorias Morenianas, que me atraíam e davam total sentido a um monte de respostas que eu procurara durante toda vida. Assim, o início da caminhada começou.

Na reta final do curso de Pedagogia, diante da escolha de um tema para ser abordado na monografia, relendo as linhas da minha própria existência e indo atrás de vestígios que poderiam revelar o tema das próximas páginas a serem escritas, percebi que não foi por acaso

que estive toda a minha vida em contato com escolas e tenho plena convicção que o plano espiritual conduziu e providenciou cada momento do curso de Pedagogia, para que eu chegasse ao tema aqui estudado. Sei que a educação me encantava porque era local de encontro entre as pessoas e suas diferenças, local de descobertas, troca de conhecimentos, onde cada um tinha seu jeito de ser e mil outros de se manifestar. Hoje, me valho dos estudos e vivências para ter uma aproximação das relações, da interferência das interações diárias que fazemos e dos inúmeros fenômenos humanos, sejam dentro ou fora do ambiente escolar. Vou atrás de caminhos que me aproximam e convergem na sustentação do meu fascínio pelo “ser humano”, pelo “ser correto”, pelo “ser errado”, pelo direito de ser e seus dilemas existenciais. Busco o mesmo ser humano que eu sempre encontrei dificuldades de interagir, e, talvez, por isso mesmo, despertou em mim a vontade de investigá-lo em sua formação. Acredito no Psicodrama. E com ele, sigo fortalecida na minha formação profissional e humana, com fé e esperança de poder contribuir de alguma forma para um mundo melhor.

“Se não houver frutos, valeu a beleza das flores;
se não houver flores, valeu a sombra das folhas;
se não houver folhas, valeu a intenção da semente.”
(Maurício F. Ceolin)

2 INTRODUÇÃO

Aprender? Certamente, mas, primeiro, viver e aprender pela vida, na vida.
John Dewey

Nós só pensamos quando nos defrontamos com um problema.
John Dewey

Do ponto de vista existencial a vida é feita por uma sucessão ininterrupta de escolhas, de grandes e pequenas ações, na interação das nossas ações juntamente com as ações dos outros, se consolidando em toda uma existência. Mostra-nos a natureza que tudo no universo está submetido dentro de uma perspectiva holística e dinâmica. A vida flui, há forças externas e internas interagindo a todo tempo independentes do nosso querer. Tudo – e este todo nos inclui - está conectado e em constante dinamicidade. Conscientes ou inconscientes dessa conexão e desse movimento natural, eles continuam influenciando o curso da vida individual e de toda humanidade. Após a noite, o dia sempre vem, cada segundo vem carregado do inesperado, de incertezas e de infinitas possibilidades. Seja durante uma fração de segundos, seja durante um período mais longo possível de reflexão, a vida nos exige a todo instante uma tomada de decisão, uma escolha a ser feita, um caminho a ser seguido, uma atitude frente ao novo. Há sempre questões a serem resolvidas, desde a mais simples como levantar ou não da cama, como as mais complexas que envolvem nossos sentimentos, crenças e emoções. Não há seleção por idade, sexo, escolaridade, posição social ou cultural, escolher é condição humana e interfere na dinâmica do mundo.

Escolher por quais caminhos seguir, decidir o que fazer da nossa vida, dar o próximo passo rumo ao inexplorado ou desconhecido nem sempre é tão fácil e tão simples quanto parece. Todo homem, seja qual for o seu espaço de pensamento e ação, é levado à experiência da escolha, e, qualquer que seja a cultura e os elementos que a constitui, há presença de valores em cada opção. A aparente liberdade de decidir gera conflitos, principalmente quando não se tem consciência ou referência de algo que nos assegure uma sensação de segurança ou de conforto na escolha. A liberdade causa medo, pois nada nos oferece garantias, é seguro ou 100 % livre de erros, tudo é imprevisível. Quando há indecisão, geralmente procura-se alguma referência, algum apoio para fortalecer a escolha. É mais fácil pra muita gente seguir um caminho que já esteja bem demarcado por pegadas ou ir seguindo atrás de alguém, até mesmo usar alguma substância ou recurso que “auxilie” na hora de resolver um problema ou tomar uma decisão. O que também não falta na interferência das decisões do ser humano são agentes manipuladores, explícita ou implicitamente. Seja qual opção for, o ser humano está

em constante busca na resolução de dilemas. Uns se baseiam em valores morais, doutrinas religiosas, em valores herdados da família ou grupo que se afeiçoa, ou até mesmo a partir da necessidade de conflito com esses mesmos grupos, mas há sempre uma base que move a escolha e inúmeros condicionantes que também interferem nesse processo.

No conflito entre deveres, quando as escolhas envolvem valores e sentimentos, com opções difíceis de resolução, nos encontramos diante os dilemas. Os dilemas requerem uma medida que contém o peso de toda nossa carga de vivências, de possibilidades, de horizontes que nos são possíveis de enxergar. Quando o horizonte é estreito, quando aquele que escolhe não tem referencial e se acha perdido diante os dilemas da vida, muitas vezes o primeiro passo é aliviar o sentimento de estar em situação difícil. A escolha envolve renúncia, desapego, que juntamente com a incerteza e o inesperado, assusta, causa medo, tolhe a ação e acarreta sofrimento quando ligadas aos sentimentos. Como tudo está ligado, ninguém se livra das sensações e dos sentimentos que a vida traz. Com muita frequência não há harmonia entre o que se deseja, o que se pode e o que se deve. Essa desarmonia gera dúvidas e nem sempre estamos aptos a lidar com ela, com a insegurança, com os próprios sentimentos, com o desejo que grita em nós e com o limite entre o que “posso e devo”. Essa fronteira entre o dever, querer e poder está sempre presente nos dilemas, e os caminhos são inúmeros, as consequências também.

Não estar consciente das consequências abre maior espaço para escolhas erradas, arrependimento e a um maior distanciamento na sintonia entre dever, querer e poder. Uma vez que erramos, em uma sociedade onde o erro é estigmatizado, somos levados a temer ainda mais o ato de escolher e a fugir cada vez mais da responsabilidade de decidir. É certo que as evidências nos mostram que não se pode viver em um mundo de pura harmonia, sem conflitos, sem desordem, no entanto, permanecer na aceitação ou passividade ao caos, agir e fazer escolhas irrefletidas, desprovidas da consciência de responsabilidade, traz às vezes consequências pesadas ou mesmo irreversíveis, tornando possível a destruição de valores, princípios altruístas e interferem no curso da vida de toda humanidade. É importante aprender a conviver com os dilemas, incertezas, ampliando a aceitação do momento e valorizando a sempre presente possibilidade do novo e do recomeço. Todavia, mostra-nos a realidade um despreparo e a falta de reconhecimento de muitos acerca dessa necessidade. Muitos ainda seguem o curso da vida obedecendo a leis, a normas, seguindo padrões de condutas e levando uma rotina sem saber qual o seu papel e suas possibilidades de ser, focados no ter, escravos ou vítimas das circunstâncias pelo simples despreparo a reflexão/ação.

Refletir sobre diretrizes, possibilidades de comportamentos e lançar o olhar sobre novas perspectivas, é fundamental para reverter esse quadro de valores que dignificam apenas uma vida de conforto material, de competitividade, de heteronomia pelo despreparo a ser crítico, reflexivo e criativo, desse quadro que vivemos, cada vez mais longe do verdadeiro e sublime significado do que seja ser humano. Quadro que enfraquece as relações, reduz e adormece o potencial de cada pessoa. Se não há reflexão, resta ser escravo das circunstâncias e daqueles que escolhem pelos outros. Se não há um pensamento crítico sobre os porquês, como, por quem, para quem, a favor de quem, contra quem ou contra o que as ações são tomadas e convertidas em ideais, o Homem fica a margem de si mesmo.

O ser humano tem potencialidades que podem ser aterradoras se lhe falta reflexão consciência, senso de moral, de ética, de responsabilidade e de fraternidade, mas, se esses valores são significativos para ele, ele se torna capaz de transpor condicionantes e determinismos que parecem impossíveis de se ultrapassar. O destino da humanidade acaba ficando nas mãos de cada pessoa, ou melhor, no terreno da consciência e da capacidade de pensar, escolher, de refletir, inclusive sobre os valores humanos. A esperança de uma realidade melhor está no território da mente de cada um, nas escolhas, decisões e resoluções desses dilemas sempre presentes na história da humanidade.

Contudo, na medida em que a solução está na mente de cada pessoa, o problema também reside aí. Variáveis e nuances da moralidade e da ética envolvidas nos dilemas passam pela questão central do que é certo e o que é errado. O que é certo para alguém, pode ser errado para o outro. A temporalidade também interfere, pois o que hoje é aceito nem sempre foi aceito como nos mostra a história. O certo e errado também entram na dinâmica da vida. A diversidade de opiniões geram conflitos negativos se não são bem administrados. Mas ainda assim, a reflexão, a compreensão, a tolerância às diferenças e aos diversos pontos de vistas são cruciais para a paz e convivência harmoniosa entre os povos, independente da consciência ou não, o individuo terá que conviver com a escolha e a diversidade de questões existenciais. O que se deve ter em mente é que conviver com a dúvida, com as escolhas e com os erros é aprendizado constante. Saber lidar com a vida como uma oportunidade de aprendizado é estar mais próximo a própria natureza humana, essencialmente dinâmica. Entre a perspectiva de ética das pessoas e como elas percebem a ética dos outros há grandes divergências e conflitos de inúmeras essências.

Sendo assim, frente à complexidade de ser pessoa, frente à importância das nossas ações, das nossas escolhas, da nossa tomada de decisão em relação aos dilemas que a vida nos

apresenta e que dão a cada vida a direção, a pesquisadora do presente estudo foi provocada a pensar em uma nova perspectiva da educação no sentido do ato educativo. Essa nova perspectiva pede uma atenção à ação pedagógica. Partindo do pressuposto que a vida em si é educativa, diante das diferenças, da potencialidade de cada ser, das experiências individuais e da visão singular que cada pessoa tem, começou a surgir o pensamento de que talvez a própria dúvida, as escolhas e os dilemas possam ter caráter pedagógico. É em toda esta relação entre dilemas, escolhas “certas”, escolhas “erradas”, mecanismos de decisão, de seleção e de tomada de decisão, seja de essência ética, moral, ou qualquer que seja a volição humana, que se fundamenta esta pesquisa. Entre várias pessoas que fazem escolhas, algumas destas esbarram no campo da legislação vigente e sobre estas recai a atenção da pesquisadora do presente trabalho.

Sabe-se que em nossa sociedade há leis que organizam, disciplinam e garantem as condições existenciais da sociedade e o seu funcionamento. A lei, esse instrumento formal, escrito, promulgado, imposto e que se apresenta como sistema jurídico único para um grupo, acaba por estabelecer uma referência de conduta, podendo também auxiliar na hora da resolução de dilemas. Diferentemente da flexibilidade que cada pessoa institui para si sobre o que é agir certo ou agir errado, a lei estabelece parâmetros em relação a conteúdos julgados como fundamentais, indispensáveis para garantir justiça mínima ou direitos mínimos e se rejeitada ou transgredida impõe penalidades àqueles que as transgride. Contudo, a lei é tão complexa quanto às pessoas e casos à que se destina. Entre as pessoas que fizeram suas escolhas, algumas são encaminhadas para grupos sócio-educativos (GS) porque fizeram escolhas consideradas erradas moralmente pela justiça, entrando em conflito com a lei devido ao porte ou uso de drogas ilícitas. Imagina-se que estas pessoas provavelmente têm seus sentidos estabelecidos e seu pensamento individual do que é ser ético, onde algo justifica os atos cometidos, abrindo campo para uma pesquisa fenomenológica.

No caso das medidas socioeducativas, sabe-se que são medidas aplicadas pelo governo com finalidade pedagógica para jovens que incidirem na prática de atos infracionais (crime ou contravenção penal), e é justamente esse “pedagógico” que interessa a pesquisadora explorar. No interesse sobre essas questões e nas dimensões que elas abrangem, a pesquisadora definiu como tema a ser pesquisado a pedagogia dos grupos socioeducativos. O objetivo geral se consolidou em investigar qual o papel dos dilemas na pedagogia de grupos socioeducativos.

Em contato com as obras de Jacob Levy Moreno (1889 – 1974) sobre o psicodrama e de Maria Alicia Romana (1927-2012) sobre uma Pedagogia psicodramática, unidas ainda com

o primeiro contato teórico sobre o Instituto Círculo de Giz que faz uma abordagem socioeducativa em junção com os métodos propostos por Jacob Levy Moreno, a pesquisadora foi conduzida a realização do presente trabalho, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha.

Assim, na intenção de explorar o papel dos dilemas na pedagogia, investigando a própria constituição desta, sabendo-se ainda da relevância de uma escolha baseada em reflexão e valores, o objetivo geral da pesquisa se estruturou na investigação fenomenológica do papel dos dilemas na pedagogia de grupos socioeducativos, mais especificamente dos grupos socioeducativos encaminhados a partir de avaliação técnica realizada por equipe multiprofissional do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) ao Instituto Círculo de Giz. Fez-se necessário definir três objetivos específicos para que tornasse viável um estudo exploratório a respeito do tema, para isso, considerou-se a necessidade de investigar a pedagogia psicodramática, caracterizar o GS como ambiente de aprendizagem e analisar os dilemas encontrados.

3 JUSTIFICATIVA

A verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa. Que livro melhor que o livro da humanidade?
Mahatma Gandhi

Tenha presente, seja você quem for.
Oh, você, que deseja sondar as profundezas da natureza: se não encontrar dentro de si mesmo o que procura, também não conseguirá encontrá-lo fora.
Se você desconhece as maravilhas da sua casa, como pretende achar outras riquezas?
Em ti se acha oculto o tesouro dos tesouros!
Oh, homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os deuses.
Sócrates

Houve incontestáveis progressos da humanidade sob o ponto de vista das ciências, das tecnologias e do bem-estar material. Ainda se desconhece muito sobre o interior humano e necessário se faz que as pesquisas comecem a estudar os próprios homens na sua relação consigo mesmos, com os outros e com o mundo, para que assim, caminhem rumo a uma compreensão maior de muitas questões humanas que ainda permanecem em espantosa obscuridade. A escolha do tema do presente estudo, justifica-se na necessidade de lançar luz à essas questões, trazendo os dilemas como objeto de estudo, que podem contribuir para a compreensão de fenômenos humanos, educativos e sociais.

A escolha do tema nasceu da necessidade de compreensão das atitudes que as pessoas têm em relação aos dilemas e da necessidade de compreensão da situação de aprendizagem nos grupos socioeducativos. Sabendo-se que os educadores são grandes agentes de mudanças sociais, nasceu a preocupação sobre a qualificação dos mediadores de grupos socioeducativos e a dúvida de quem ensina, quem aprende e qual o conteúdo abordado em grupos socioeducativos. Serão os dilemas que levam ao uso de drogas, ou os dilemas levam a solução dos problemas? Assim, surgia o problema desta pesquisa: qual seria o papel dos dilemas na pedagogia de grupos socioeducativos?

No campo teórico da Educação, constatam-se a ausência de materiais de pesquisa que abordem sobre a pedagogia na gestão de ambientes informais de educação e no que se refere a grupos socioeducativos ou a pedagogia psicodramática. A pedagogia psicodramática é um campo de ricas possibilidades para a educação, porém, não explorado. Dificilmente se encontra assuntos científicos que explore dilemas ou que explore a vida real dos sujeitos em seus conflitos.

Percebe-se que há uma predominância de estudos e pesquisas na área de educação voltadas para temas que convergem para docência ou ação pedagógica escolar. Verificando a grande lacuna de trabalhos que versasse sobre temas com ênfase nos dilemas, conflitos, aprendizagem em grupos ou com foco nos próprios sujeitos do processo educativo, surge a necessidade desta pesquisa. É imprescindível que diversos temas, inclusive os próprios dilemas humanos, não fiquem ausentes da formação do educador.

Ao mesmo tempo, é em razão da multiplicidade das dimensões do educativo que se torna necessário o enfoque de pesquisas propriamente relativas às questões humanas. A presente pesquisa contribui para uma percepção da pedagogia em grupos socioeducativos, uma pedagogia ainda não explorada no meio acadêmico. Mediante uma reflexão problematizadora, integrando sujeitos em conflitos com a lei juntamente com a prática pedagógica referente ao ato educativo e dilemas existentes nos grupos, o tema desta pesquisa é novo, mas extremamente necessário, ainda que para estimular a divergência e o debate, que é uma das formas para que o conhecimento avance. A relevância deste trabalho está na possibilidade de contribuição para o entendimento mais amplo dos significados e extensões do termo educação e do papel dos dilemas na gestão de ambientes informais de educação. A par disso, o texto poderá servir de subsídio para aqueles que procuram um estudo exploratório sobre esses temas tão pouco abordados e discutidos no meio científico.

Convém ressaltar, que diante da complexidade do ato educativo e sua multidimensionalidade, fundamental se faz avançar com pesquisas que abordem novos temas levando a sociedade e aos diversos atores educacionais uma nova perspectiva e compreensão do educativo fora da sala de aula. Um estudo que investigue o papel dos dilemas na pedagogia de grupos socioeducativos, pode ser também, mais um caminho para a pedagogia escolar, ambiental, de empresas, entre outras. Enfim, dilemas sempre existirão, dentro e fora da escola, começar a estudá-los já é um passo para novas possibilidades. Assim, diante dessas questões, se justifica e se dá à relevância do presente estudo.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial teórico constitui-se de quatro capítulos principais. O primeiro capítulo refere-se à origem dos grupos socioeducativos analisados neste trabalho, às drogas e às medidas socioeducativas no âmbito da legislação vigente. Posteriormente, o segundo capítulo intitulado como “As drogas e os dilemas”, aponta: os porquês de uma substância ser considerada uma droga; a maconha e a cocaína enquanto drogas ilícitas e de consumo; a abordagem da lei para considerar um traficante, usuário ou um dependente; e o uso e alguns dilemas que motivam a busca e o consumo de drogas. O terceiro capítulo expõe a Pedagogia Psicodramática, trazendo um breve histórico de Jacob Levy Moreno e o Psicodrama; técnicas, contextos, instrumentos e etapas de dramatização e alguns dos principais conceitos da teoria moreniana; e a relação do psicodrama com a educação, mais especificamente com o processo de aprendizagem. No último capítulo, um breve referencial teórico acerca das intervenções socioeducativas e os grupos socioeducativos a serem analisados.

4.1 DROGAS E GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS

Os Grupos Socioeducativos(GS) do Instituto Círculo de Giz analisados neste trabalho, segundo Bareicha (2010), foram criados inspirados na experiência sociátrica de Dalfsen (1966). Segundo o autor, um dos primeiros relatos a respeito de um trabalho abordando a metodologia sociopsicodramática com uma população semelhante a do GS aqui analisado, foi feito por Dalfsen(1966) e supervisionado pelo próprio Jacob Levy Moreno.

Conforme explica Bareicha (2010), Dalfsen (1966) desenvolveu em um hospital de internação, um trabalho em busca de tratamento e reabilitação socioeducativa para jovens entre 20 e 40 anos condenados por delinquência e uso de drogas. A internação-pena durava de acordo com a gravidade do caso e após o término de tratamento os jovens eram encaminhados para dar seguimento em grupo psicoterápico fora da instituição. “A equipe interna era do hospital e a externa não. Havia reuniões conjuntas e ambas eram multiprofissionais.”

Segundo Dalfsen (1966), a hipótese central do trabalho era a ampliação de círculos sociopsicológicos de inserção grupal e social. Considerava-se como círculo básico a matriz de identidade dos participantes e lá residia o primeiro foco. Posteriormente o contexto sociopsicodramático era trazido ao grupal (sociometria em grupos de internos) e a ênfase recaía sobre os papéis sociais a serem desempenhados. Esperava-se que houvesse inclusão em grupos (aspecto social), que a terapia de apoio favorecesse a adaptação social a a sobrevivência, que já se sentissem (aspecto psicológico) mais seguros, integrados minimamente em grupos na comunidade[...], que já tivessem melhor desempenho em sua comunicação interpessoal; e que já tivessem desenvolvidos planos e perspectivas futuras. (BAREICHA, 2010, p.534)

O GS, inspirado nessa proposta de Dalfsen (1966) dispõe de experiência semelhante onde o objetivo central é prestar acompanhamento sociopsicológico a jovens em conflito com a lei por uso de substâncias ilícitas. A proposta do Programa GS é “viabilizar momentos de acolhimento, sensibilização, autorreflexão, questionamentos, aprendizado, compartilhamento e tomada de decisões, empregando metodologia sociopsicodramática.” (BAREICHA,2010, apud BOHRER. 2012, p.13)

Bohrer (2012) discorre sobre o GS do Instituto Círculo de Giz afirmando que “cada integrante inserido no grupo, torna-se agente reflexivo e participativo do processo” e que, apesar do encaminhamento dos participantes ser judicial para fim de cumprimento de pena através de medida socioeducativa, a finalidade dos encontros é abrir um espaço protegido para discussão de diversas questões, não só de drogas mas das dificuldades vivenciadas e compartilhadas. Vejamos no próximo tópico o que diz a legislação vigente a respeito das medidas socioeducativas e da nova lei de drogas.

4.1.1 MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

Medidas socioeducativas é um tema complexo, tem caráter histórico, político, psicológico, passando por diversos contextos, lacunas, problemas e inúmeras situações para debates que não serão o foco neste tópico. Aqui a atenção se dá no que diz respeito à Lei nº 12.494, de 18 de janeiro de 2012 acerca da instituição do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) e que regulamenta a execução das medidas destinadas a adolescente que pratique ato infracional.

No parágrafo primeiro da Lei 12.494/2012:

Entende-se por Sinase o conjunto ordenado de princípios, regras e critérios que envolvem a execução de medidas socioeducativas, incluindo-se nele, por adesão, os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todos os planos, políticas e programas específicos de atendimento a adolescente em conflito com a lei. (BRASIL, Lei nº 12.494, de 18 de janeiro de 2012, 2013)

Portanto, compreende-se o SINASE como uma política pública que organiza e orienta a execução das Medidas Socioeducativas aplicadas a adolescentes aos quais se atribui a prática do ato infracional. O SINASE é coordenado pela União e integrado pelos sistemas estaduais, distrital e municipais responsáveis pela implementação dos seus respectivos programas de atendimento a adolescente ao qual seja aplicada medida socioeducativa, têm liberdade de organização e funcionamento, desde que respeitem os termos da Lei. Ainda no segundo parágrafo desta lei, se dá se o entendimento do que são as medidas socioeducativas:

Entendem-se por medidas socioeducativas as previstas no art. 112 da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), as quais têm por objetivos:

- I - a responsabilização do adolescente quanto às consequências lesivas do ato infracional, sempre que possível incentivando a sua reparação;
- II - a integração social do adolescente e a garantia de seus direitos individuais e sociais, por meio do cumprimento de seu plano individual de atendimento;
- III - a desaprovação da conduta infracional, efetivando as disposições da sentença como parâmetro máximo de privação de liberdade ou restrição de direitos, observados os limites previstos em lei. (BRASIL, Lei nº 12.494, de 18 de janeiro de 2012, 2013, grifo nosso)

Sendo assim, as medidas socioeducativas ficam previstas no art. 112 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que dispõe:

[...] Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

- I - advertência;
- II - obrigação de reparar o dano;
- III - prestação de serviços à comunidade;
- IV - liberdade assistida;
- V - inserção em regime de semi-liberdade;
- VI - internação em estabelecimento educacional;
- VII - qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI. [...] (BRASIL, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, 2013)

Observa-se que no capítulo VII, Das Medidas Específicas de Proteção, prevê-se qualquer uma das medidas previstas no art. 101, I a VI do ECA, que por sua vez, refere-se à:

- I - encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade;
- II - orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III - matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental;
- IV - inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente;
- V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial;
- VI - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos. [...] (BRASIL, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, 2013)

Segundo Silva e Freitas (2008, apud BOHRER, 2012, p. 36), “os princípios da atenção integral do Estatuto da Criança e do Adolescente, possibilitou estender essa atenção das medidas socioeducativas também aos adultos, por meio de uma abordagem multidimensional e multidisciplinar.”

Penso (2010, apud BOHRER, 2012 p.37) nos diz também que essas medidas socioeducativas destinadas a adolescentes podem ser referencias no trabalho com jovens e adultos que chegam à justiça por porte ou uso de drogas, devido à presença de adultos “encaixando-se no conceito de juventude que vem sendo elaborado e discutido em razão do prolongamento da convivência familiar do adolescente.”

Suscita-se então a necessidade de conceituar os termos **adolescente, jovem e adulto**, uma vez que o público do presente estudo têm idade entre 17 e 35 anos de idade e estão cumprindo medida socioeducativa.

Entende-se por **adolescente** segundo o ECA, a pessoa entre doze e dezoito anos de idade e ainda aplica-se excepcionalmente o ECA às pessoas entre 18 e 21 anos de idade.

Se procurarmos por **Adolescente, Jovem e Adulto** no dicionário da língua portuguesa (PRIBERAM, 2013), encontraremos o seguintes significados respectivamente: pessoa que se encontra na fase da vida humana entre a infância e a idade adulta, aproximadamente entre os 12 e os 18 anos e que se caracteriza por mudanças físicas e psicológicas que ocorrem desde a puberdade até ao completo desenvolvimento do organismo; que ou quem tem pouca idade, que ou quem está na juventude e que ainda não é adulto; que já está em idade compreendida entre a adolescência e a velhice, que já atingiu todo o desenvolvimento. Significados estes que se tornam difíceis de serem aplicados às pessoas na complexidade individual que há em cada ser humano.

Eisenstein (2005) define **adolescência** como “o período de transição entre a infância e a vida adulta”, e a caracteriza pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual, social e “pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive”.

Eisenstein (2005) nos informa que, pela Organização das Nações Unidas (ONU), a juventude é o período entre 15 e 24, e que, assim como a Organização Mundial da Saúde e o ECA, a ONU estabelece esses critérios principalmente para fins estatísticos e políticos.

“Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade. [...] Atualmente usa-se, mais por conveniência, agrupar ambos os critérios e denominar adolescência e juventude ou adolescentes e jovens em programas comunitários.” Nas normas e políticas de saúde do Ministério de Saúde do Brasil, os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos. [...] (EISENSTEIN, 2005, p.1, grifo nosso)

A autora destaca a importância de se enfatizar que

“[...] devido às características de variabilidade e diversidade dos parâmetros biológicos e psicossociais que ocorrem nesta época, e denominadas de *assincronia de maturação*, a idade cronológica, apesar de ser o quesito mais usado, muitas vezes não é o melhor critério descritivo em estudos clínicos, antropológicos e comunitários ou populacionais.[...] (EISENSTEIN, 2005, p.1, grifo nosso)

Outro estudo aponta que

[...] não existe apenas um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir de múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam,

entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupos, etc (ESTEVEES, ABRAMOVAY, 2007, p. 21).

Pode-se constatar, que as definições de adolescente, jovem e adultos se encontram em eixos comuns referentes ao próprio conceito de juventude. Em suma, existem várias representações, entre adolescente, jovem e adulto, Cara e Gauto(2007) propõe essa compreensão como ambos sujeito de direitos, ou seja, entender a juventude,

[...] entender essa etapa da vida como momento singular do desenvolvimento pessoal e social, por onde os jovens passam a ser considerados como sujeitos de direitos – tendo reconhecidas suas demandas sociais – e deixam de ser definidos por suas incompletudes ou desvios [...] (CARA e GAUTO, 2007, p. 174).

Assim, independente de uma análise por faixas etárias, mas compreendendo um sentido mais amplo de juventudes, no plural, pois há inúmeras possibilidades de expressão, definição ou enquadramento nessa categoria, pode-se entender que os participantes do grupo socioeducativo ao qual se dirige essa pesquisa, são jovens que compõem e fazem parte dessa juventude, hora marcada por traços de uma personalidade adulta, outrora por traços de adolescência, assim como aponta Esteves e Abramovay (2007) sobre essa dinâmica de transição:

[...]As diferentes juventudes não são, tão somente, estados de espírito. São, isso sim, uma realidade palpável que tem sexo, idade, fases, anseios, etc., entronizada em um período de tempo cuja duração não é permanente, mas transitória e passível de modificações.[...] (ESTEVEES e ABRAMOVAY, 2007, p. 26).

4.1.2 A NOVA LEI DE DROGAS E AS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

A humanidade sempre fez uso de drogas que alteram a *quantidade* e a *qualidade* da consciência [...] A história das drogas é tão longa quanto à da humanidade e paralela a esta [...]. O específico de ter consciência é querer *experimentar* com a consciência. (SAVATER, F. Ética como amor-próprio.)

Na discussão sobre as drogas, encontram-se incontáveis argumentos e múltiplas abordagens de discursos. Sejam de natureza química, ética, neurobiológica, jurídicas, psicológicas, medicinais, política ou cultural, há sempre controvérsias e diversos discursos sobre o tema. Alguns objetivam com suas idéias controlar o uso, sua produção ou comércio, outros defendem a liberação, o uso medicinal, outros trazem ideais de proibição, punição e criminalidade e ainda há aqueles que apenas reproduzem os discursos sem questioná-los ou refleti-los, enfim, não faltam opiniões sobre as drogas. No entanto, no que se refere às drogas, a Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, conhecida como “nova lei de drogas”, é clara e objetiva.

A Lei 11.343/2006 instituiu o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD, prescrevendo medidas de prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas, estabelecendo normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas, definindo também crimes e dispondo outras providências. Segundo essa Lei,

[...]para quem adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, será submetido às seguintes penas:

I - advertência sobre os efeitos das drogas;

II - prestação de serviços à comunidade;

III - medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo.[...]

(BRASIL, Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, 2013, grifo nosso)

Bareicha e Bohrer (2010, apud BOHRER 2012, p. 38) ressaltam duas questões relevantes trazidas pela nova Lei de Drogas no que se refere ao trabalho desenvolvido com o usuário de substância psicoativa. Segundo os autores as questões importantes são:

A primeira - mencionada no Art. 19, inciso XI - descreve a importância da implementação de projetos pedagógicos, em instituições de ensino público e privado. A segunda - aludida no Art. 22, inciso III – aponta para a definição de projeto terapêutico, orientado para inclusão social, bem como redução de riscos e de danos sociais e à saúde. (2010, apud BOHRER 2012, p. 38)

Sobre esse destaque, Bohrer (2012) ainda afirma que

Os autores salientam que a Lei não explicita como estes trabalhos devem ser abordados. Contudo, fica subentendido, na primeira situação, um caráter escolar, informativo e educativo e, no segundo, um caráter clínico, que se ocupa com o tratamento da doença. (2010, apud BOHRER 2012, p. 38)

É justamente nesta perspectiva entre educativo e terapêutico, que se desenvolveu o Grupo GS, e que é pesquisado no presente trabalho monográfico. Segundo Bohrer, o trabalho com usuários de drogas do Grupo Socioeducativo (GS), se dá fundamentado nas pedagogias ativas e na teoria sacionômica onde a proposta é participativa e vivencial, pedagogia a qual interessa a presente pesquisa. Antes de adentrarmos no referencial teórico que diz respeito à essa pedagogia, intitulada como Pedagogia Psicodramática, analisemos no próximo capítulo as questões referentes às drogas e aos dilemas.

4.2 AS DROGAS E OS DILEMAS

Sabe-se que droga é qualquer substância capaz de alterar o funcionamento do organismo, que pode resultar em alterações fisiológicas, comportamentais, psíquicas, emocionais e que são capazes também de alterar todo “o curso de uma vida”. Para fins da nova Lei de drogas, consideram-se como drogas as substâncias ou os produtos capazes de

causar dependência, sejam eles os especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União (BRASIL, 2006). A Lei diz respeito às drogas ilícitas, mas os temas dos próximos tópicos dizem respeito a algumas perguntas específicas: qual a definição dada às drogas?; o que se sabe sobre a maconha e a cocaína? No que diz respeito a traficante, usuário ou dependente, o que diz a nova lei de drogas? Quais os dilemas relacionados ao uso de drogas? Nesse âmbito, alguns referenciais teóricos citados a seguir nos aproximam de possíveis respostas.

4.2.1 DROGAS, POR QUÊ?

Com o tempo, o conceito de drogas adquiriu vários domínios. O mercado de drogas desenvolve novos tipos de drogas e a quantidade de substâncias consideradas como drogas vão ganhando espaço, dando abertura também para confusão, deturpação ou mesmo desconhecimento do que é ou não é droga.

Para Bertolote (2011) no uso corrente atual, o sentido de droga

[...] pode ser empregado como sinônimo de narcótico ou entorpecente, mesmo que nem todas as drogas possuam propriedades farmacológicas, narcóticas ou entorpecentes, e, por outro lado, algumas substâncias com nítidas propriedades psicoativas e alto potencial de causar dependência não sejam considerados como drogas – notadamente o etanol, contido nas bebidas alcoólicas e a nicotina, contida em diversas preparações do tabaco. [...] (BERTOLOTE, 2011, p. 52)

Bertolote (2011) aponta que a Convenção Única da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre entorpecentes (CUE) de 1961, define droga como qualquer uma das substâncias incluídas em suas Listas I e II onde estavam presentes a cocaína e a cannabis.

Foi a partir desse documento internacional que se cristalizou tal uso, e entre as substâncias consideradas como drogas encontramos desde a codeína até o ópio, a cocaína e a cannabis (mas não a anfetamina e seus derivados).[...] (BERTOLOTE, 2011, p. 61)

De acordo com Bertolote (2011), a formulação do conceito de droga e das políticas de controle da mesma, na prática, acaba obedecendo a critérios econômicos, militares e “políticos-geopolíticos”.

[...] O conceito de droga (e de droga psicoativa), apesar de bastante estável no campo da farmacologia, flutua tanto na linguagem corrente como na jurídica, de acordo com os ditames de quem detém o poder naquele momento. [...] observa-se, desde sempre, e de maneira cada vez mais acentuada, a apropriação pelo poder político, de conceitos farmacológico que utiliza, adapta, transforma e distorce segundo suas conveniências e necessidades. [...] o que é droga, aqui e agora, pode não ser droga alhures, e pode não ser droga amanhã, como não terá sido ontem.” (BERTOLOTE, 2011, p. 68)

Degos(et al, 1987) escreve sobre a droga e a dialética do bem e do mal que surge quando o assunto são as drogas. Para este autor, “a droga é a ilustração surpreendente e

ambígua do prazer e do sofrimento, do sonho e da realidade, do remédio e do veneno, da liberação e da sujeição, da comunicação e da exclusão.” Segundo ele, a droga é responsável pelo “bem estar ou sofrimento, ou mal-estar” e que a insinuação sobre drogas faz-se naturalmente pela dialética moral do bem e do mal.

É suficiente ouvir falar os zeladores ou os detratores de tal ou de tal produto, para constatar que se trata mesmo do bem absoluto ou do mal absoluto. Porém, na medida em que dependem posições morais, as fronteiras entre o bem e o mal são flutuantes. Flutuantes, mas absolutamente indispensáveis ao bom funcionamento pessoal e coletivo, pois essa distinção faz parte dos pontos de referência fundamentais do homem, que sem ela, viveria em uma incerteza angustiante e insuportável. **A não distinção entre bom e o mau, repõe em discussão esses limites, acarretando inevitavelmente uma dura reação do corpo social.** [...] Para que esses limites sejam bem percebidos e bem divididos, vai então ser preciso caracterizar aqueles que estão do lado do mal, do vício. (Degos, et al,1987, p.35, grifo nosso)

Sobre essa “dura reação do corpo social”, o autor ainda ressalta sobre o papel social que é concebido ao esteriótipo do drogomano e que se esse esteriótipo preenche uma função social – “a de mostrar onde está o mal, de diferenciá-lo do bem” - há vários perigos, entre eles: considerar o drogomano como um ser a parte, diferente e justificar assim a exclusão dele; impedir de ver que o vício começou antes do esteriótipo e pode acontecer com pessoas próximas; e assim, segundo autor suscita na sociedade a rejeição, a recusa do outro, recusa da diferença, o medo do mesmo, daquilo que há semelhante em nós, gerando estigma e tentativa por parte das pessoas de achar a qualquer preço diferenças tangíveis.

Ainda dentro das definições de drogas, sabe-se que o que define uma droga como **lícita ou ilícita** são as leis estabelecidas segundo as convenções e exigências sociais, portanto, drogas ilícitas são substâncias proibidas pela lei de serem produzidas, comercializadas ou consumidas. As drogas lícitas então, são aquelas permitidas por lei, as quais são compradas praticamente de maneira livre e seu comércio é legal. Interessa-nos aqui, especialmente duas drogas consideradas ilícitas: maconha e cocaína, que, geralmente, são as consumidas pelos beneficiários do grupo socioeducativo ao qual este estudo investiga.

4.2.2 A MACONHA E A COCAÍNA

Atualmente há inúmeras divergências nos debates sobre a definição da necessidade de uma droga ser considerada lícita ou ilícita e que não é o fato de serem lícitas que algumas drogas são pouco ameaçadoras. Houve-se muito a expressão “uma droga puxa a outra”, muitos questionam a legislação, principalmente a sociedade sobre as drogas lícitas que são prejudiciais à saúde que também causam dependência nos usuários, também há um debate

muito forte em cima da maconha, com aqueles que elevam seus benefícios e defendem sua legalização. O critério de legalidade ou não de uma droga, como afirmou Bertolote (2011) anteriormente, é historicamente variável e não está relacionado, necessariamente, com a gravidade de seus efeitos, podendo ter critérios de julgamentos frutos de jogos de interesses políticos, econômicos, entre outros. Independente da real causa, a maconha e a cocaína são consideradas drogas ilegais e possuem suas características específicas como será mencionado neste tópico.

Segundo o Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID, 2007), a **maconha**, também conhecida como haxixe, erva, baseado, “é o nome dado à planta conhecida cientificamente como Cannabis Sativa.” O OBID aponta que o THC (tetraidrocannabinol) “é uma substância química produzida pela planta da maconha, sendo essa a principal responsável pelos efeitos psíquicos da droga no organismo.”

[...] a potência da droga pode variar muito, produzindo mais ou menos efeitos. **A variação dos efeitos também se dá de acordo com a pessoa usuária, considerando que a reação à droga depende da sensibilidade do organismo do usuário.** [...] (OBID, <http://www.obid.senad.gov.br>, 2007, grifo nosso)

De acordo com o OBID (2007), **os efeitos** provocados pelo THC no sistema nervoso central dependem da dose consumida, mas também da experiência, expectativa e do ambiente, onde os efeitos esperados geralmente são: “leve estado de euforia, relaxamento, melhora da percepção para música, paladar e sexo, prolonga a percepção de tempo, risos imotivados, devaneios e ficar mais falante.” No corpo os efeitos são “vermelhidão nos olhos (hiperemia conjuntival), diminuição da produção de saliva (boca seca) e taquicardia (frequência superior ou igual a 140 batimentos por minuto) [...], aumento de apetite.”

O OBID (2007) apresenta ainda, as conseqüências negativas do uso de maconha, entre elas: conseqüências na fertilidade do homem por haver uma queda de 50 a 60% na produção de testosterona; quando usado regularmente traz problemas cognitivos como o prejuízo na memória e na habilidade de resolver problemas, comprometendo o rendimento intelectual do usuário; pode gerar a síndrome amotivacional, caracterizada por problemas de atenção e motivação. O Observatório aponta como um dos efeitos mais comum o bem-estar, porém, afirma que ocasionalmente ha o desconforto acompanhado de uma ansiedade intensa, idéias de perseguição e que foi observada em usuários crônicos, que consomem altas doses e sofrem de ansiedade, insônia, perda de apetite, tremor das mãos, sudorese, reflexos aumentados, bocejos e humor deprimido.

Bohrer (2012) mostra que em meados de 1930 a repressão ao uso da maconha tomou expressão no Brasil

[...] motivada pela II Conferência Internacional do Ópio, realizada em 1924, em Genebra, pela antiga Liga das Nações. As discussões previstas nesta conferência relacionavam-se ao ópio e à coca, contudo um representante brasileiro, presente na conferência, Dr. Pernambuco Filho, juntamente com um representante egípcio, esforçaram-se para incluir a maconha na discussão e assim **a substância foi condenada e, sua venda, proibida.**[...] (BOHRER, 2012, p.25, grifo nosso)

Segundo a autora esta fase repressiva alcançou o país em várias regiões e desde então a maconha foi considerada ilícita, prejudicial à saúde, e, como outras substâncias psicoativas, também foi colocada em foco para se combatida.

A cocaína, de acordo com OBID(2007) é uma substância psico-estimulante extraída das folhas de uma planta originária da América do Sul, popularmente chamada coca (*Erythroxylon coca*). Seu uso pode ser de diferentes maneiras e a mais comum é sua aspiração sob forma de um sal, o cloridrato de cocaína, popularmente conhecido como “pó”, “farinha”, “neve” ou “branquinha”. Pode-se usar este “sal” dissolvido em água e consumi-lo pela via intravenosa e a cocaína também pode ser encontrada sob a forma de base, conhecida como crack e merla (mela, mel ou melado), que por serem pouco solúveis em água, mas se volatilizarem quando aquecidas, são fumadas em “cachimbos” ou cigarros de tabaco ou maconha.

Para o Observatório (2007), o **mecanismo de ação** da cocaína acontece no Sistema Nervoso Central onde aumenta a liberação e prolonga o tempo de atuação dos neurotransmissores: dopamina, noradrenalina e serotonina, que são atuantes no cérebro.

A dopamina é o neurotransmissor que se relaciona à dependência, visto que é este responsável pela sensação de prazer associada ao consumo da droga, bem como a outros comportamentos naturalmente gratificantes como comer, fazer sexo e saciar a sede. Além disso, está relacionada ao comportamento motor fino (atividades que demandam maior precisão e coordenação motora, como escrever) cognição/percepção e controle hormonal. A noradrenalina e a serotonina se relacionam a algumas funções comuns: controle de humor, motivação e cognição/percepção. A noradrenalina se relaciona a mais duas funções, o comportamento motor fino e a manutenção da pressão arterial.[...] (OBID, <http://www.obid.senad.gov.br>, 2007)

Existem vários efeitos gerados pela cocaína, segundo o Observatório(2007), pode haver a sensação intensa de euforia e poder, estado de excitação, hiperatividade, insônia, falta de apetite, perda da sensação de cansaço, dilatação de pupilas, aumento da temperatura corporal, inibição de apetite podendo gerar desnutrição, fraqueza e cansaço físico, efeitos cardiovasculares que são os principais responsáveis por sua letalidade, parada cardíaca e até mesmo a morte pelo consumo excessivo da droga também pode ocorrer, devido à diminuição de atividade de centros cerebrais que controlam a respiração, entre outros.

Degos(et al, 1987) diz que após a iniciação de um produto proposto por um amigo, os jovens fazem quase sempre múltiplas experiências com diferentes produtos, antes de achar a droga que se identificam e possam chamar de “deles”. Segundo o autor, os jovens não mais se dão conselhos quanto ao modo de usar, de tomar a droga, as misturas a fazer e não fazer, realizando assim misturas complicadas, “usando seja lá o que for em quantidade e qualidade”, como ele diz “querendo fazer estourar a cabeça”, não mais pensar, e cada vez mais a absorção da droga não é mais intelectualizada. (Degos, et al, 1987, p.343-344)

Olievenstein (1977, apud BOHRER, 2012, p 30) discorre sobre o fato de não haver produto inofensivo, e afirma que não se pode negar o papel dos fenômenos de grupo e histeria coletiva em relação aos efeitos que são tanto físicos quanto psíquicos. Segundo o autor, a ação do produto relaciona-se com a personalidade do usuário, à dose, a frequência, o momento sociocultural no qual o jovem se insere, enfim, no encontro entre um produto, uma personalidade e um contexto sócio-cultural.

A nova Lei de drogas, como se sabe e como reafirma Bohrer(2012), “surgiu com a finalidade de redefinir o problema social do uso e tráfico de drogas, estabelecendo um tratamento diferenciado entre o usuário/dependente e o traficante, tratando as diversas situações separadamente, com procedimentos totalmente distintos.” (BOHRER, 2012, p. 37) Vejamos as referências dadas à traficante, usuário e dependente no próximo tópico.

4.2.3 TRAFICANTE, USUÁRIO E DEPENDENTE

“Ninguém saía do dilema: ou o drogado era um doente ou era um criminoso.”
Olievensten

Como citado anteriormente, a Lei 11.343/2006 (BRASIL, 2006), considera **usuário** aquele que adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar. O mesmo tratamento penal se dá àqueles que, para seu consumo pessoal, semeia, cultiva ou colhe plantas destinadas à preparação de pequena quantidade de substância ou produto capaz de causar dependência física ou psíquica (art. 28, § 1º).

A nova Lei de drogas considera como crime, e, portanto, como **traficante**, aquele que importa, exporta, remete, produz, fabrica, adquire, vende, expõe à venda, oferece, fornece, tem em depósito, transporta, traz consigo ou guarda, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, matéria-prima, insumo ou produto químico destinado à preparação de drogas.

Quem semeia, cultiva ou faz a colheita, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, de plantas que se constituam em matéria-prima para a preparação de drogas ou quem utiliza local ou bem de qualquer natureza de que tem a propriedade, posse, administração, guarda ou vigilância, ou consente que outrem dele se utilize, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, para o tráfico ilícito de drogas, também é considerado como traficante.

No segundo parágrafo do artigo 28 da Lei, diz que cabe ao juiz verificar se a droga encontrada em seu poder se destinava a uso pessoal ou não. Assim o juiz, deve analisar a natureza e a quantidade da substância apreendida, o local e as condições em que se desenvolveu a ação, as circunstâncias sociais e pessoais, bem como à conduta e aos antecedentes do agente podendo julgar o usuário como **dependente**.

Segundo interpretação de Machado(2010) a lei determina que:

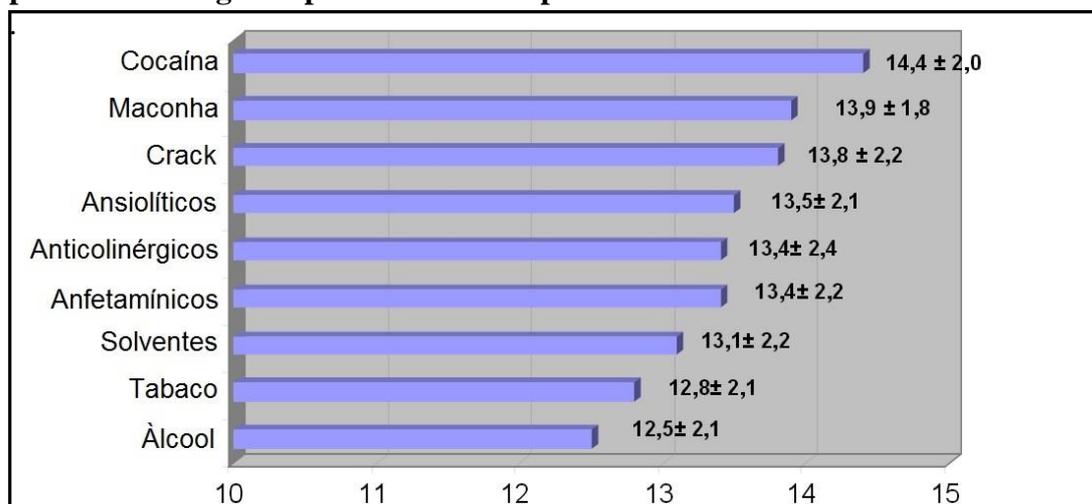
[...] cabe ao juiz diferenciar o usuário do traficante, mas é a polícia que efetua a prisão (ou o encaminhamento à Delegacia, no caso de uso de drogas, haja vista que não se impõe flagrante ao usuário) e é o Delegado de Polícia que conduz o inquérito (ou é o responsável pelo Termo Circunstanciado, caso entenda que a hipótese é de consumo e não de tráfico), portanto, a diferenciação começa já na abordagem do sujeito encontrado com droga e no seu encaminhamento à Delegacia de Polícia. (MACHADO, 2010 p. 1101)

4.2.4 O USO E OS DILEMAS

Duas vozes falavam comigo. Uma insidiosa e firme dizia: “A Terra é um bolo cheio de doçura; Posso (e teu prazer seria então sem limite!) Te dar um apetite de tamanho semelhante”. E outro: “Vem! Oh! Vem viajar nos sonhos, além do possível, além do conhecido!” Charles Baudelaire escolhe ouvir a segunda: “... É de então Que data o que se pode, ai de mim! Chamar minha chaga. E minha fatalidade...”[...] Então eu me re-intoxiquei porque os médicos que desintoxicam – dever-se-ia dizer simplesmente que purgam- não procuram curar as perturbações primeiras que motivam a intoxicação, recuperei meu desequilíbrio nervoso, pois prefiro um equilíbrio artificial a nenhum equilíbrio. (Jean Cocteau, Ópio)

Sob responsabilidade da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e executado pelo Centro Brasileiro de Informação sobre drogas, realizou-se em 2005 o II Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, revelando a idade média do início do consumo de diferentes drogas psicotrópicas. A pesquisa foi realizada com estudantes de ensino fundamental e médio da rede pública de ensino das 27 capitais Brasileiras e mostrou que a idade média e desvio padrão na qual esses estudantes usaram pela primeira vez algum tipo de substância psicoativa está entre 12 e 15 anos de idade, onde se considera a fase da adolescência.

QUADRO 1 – Gráfico de Idade média e desvio padrão na qual usou pela primeira vez algum tipo de substância psicoativa.



Fonte: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>

Marques e Cruz (2000, apud, BOHRER 2012), também citam que os levantamentos sobre o consumo de drogas entre os jovens no mundo e no Brasil apontam que é na passagem da infância para a adolescência que se inicia esse uso, e que, a Addiction Research Foundation Group mostra que entre os principais fatores desencadeadores de uso de drogas estão as emoções e sentimentos relacionados a sofrimento psíquico: depressão, culpa ansiedade e baixa autoestima.

Olievenstein (1984) afirma que a passagem do jovem para o mundo adulto é permeado por medo e impotência onde **as drogas entram e o jovem as escolhe como um meio e um refúgio**. “O jovem reage a um desequilíbrio afetivo ou a uma situação social intolerável. O objetivo é reduzir o mal estar ou esquecê-lo. A droga torna-se, então, solução para evadir à realidade que ele pensa não ter condições de modificar.” (OLIEVENSTEIN, 1984 apud BOHRER, 2012, p. 27)

A droga (...) representa o risco, a ilegalidade, a desilusão e a autodestruição. Mas tudo é aceito e procurado porque ela estabelece a transgressão. A transgressão terrível da lei da sociedade e da lei do Pai, a transgressão que constitui um jogo com a morte, que é busca de prazer, mas dentro da ambiguidade permanente da dor e da destruição (OLIEVENSTEIN, 1984, p. 8).

Assis (et al, 2008) aponta que na **adolescência** os afetos e conflitos ampliam-se, “o adolescente reexamina sua identidade e os papéis que deve desempenhar e geralmente ocorre um desajuste consigo mesmo, havendo maior necessidade de afirmação pessoal de busca de autonomia e independência em relação a família.”

É preciso que surja um adulto significativo para contrabalançar os conflitos com os pais, frequentes nessa fase da vida. As relações amorosas são valorizadas e o sentimento de confiança é cambaleante. (ASSIS et al, 2008, p. 13)

A autora afirma que no período da adolescência se eleva o potencial de enfrentamentos de normas e regras devido à busca de liberdade a qualquer preço pelos jovens.

Olievenstein (1984, apud BOHRER, 2012, p.27) acredita que o motivo para o consumo de drogas

“também está no desejo **que o jovem tem de expressar livremente as tendências mais reprimidas, mais abafadas da personalidade e da imaginação**”. Ele acrescenta que seria **como uma tentativa de se comunicar com o mundo**, em geral são pessoas que se sentem alienadas em sua vida prática e também na expressão de seus sentimentos. “Eles não se sentem bem em lugar algum, nem mesmos sozinhos. Talvez porque não possam descrever a si mesmos”. **É como se o usuário esperasse que a droga lhe oferecesse, magicamente, uma sensação de segurança, de relaxamento interior e é assim que a dependência vai aumentando** (BOHRER, 2012, p.27, grifo nosso).

Para este autor, como cita Bohrer (2012), “independentemente do tipo de droga, seja ela lícita ou ilícita, o ser humano procura substâncias que alterem o seu espírito e o seu consumo passa a ser incluído em ritos sociais.” O jovem sente atração justamente por substâncias proibidas devido à motivação da transgressão, “que surge pelo desejo de modificar não apenas a relação com o mundo, mas o próprio mundo.”

“Se as substâncias ilícitas fossem liberadas, o problema da transgressão apenas se deslocaria, já que o que está em questão são as cobranças contraditórias e atormentadas desses jovens que não tem suas exigências atendidas porque a sociedade é alienada. **É pelo proibido que o jovem se faz ouvir.**” (OLIEVENTSEIN,1984, apud BOHRER, 2012, p.27, grifo nosso).

Além disso, o autor refere-se à formação do eu na família. Seja como for, a criança aprende a ampliar as possibilidades de **busca de sua identidade** através do excesso.

[...] Às frustrações impingidas pela mãe precocemente vêm somar-se àquelas ligadas ao pai e aos irmãos (que acabam recuando frente a uma exigência de amor grande demais). [...] no decorrer da evolução constitutiva, e à medida que vão se produzindo os acasos fecundos e outros eventos psíquicos e/ou sociais, assistimos a uma vivência das dificuldades inteiramente desproporcional. A Lei é vivida como sendo descomunal ou, ao contrário, como sendo ridícula e devendo ser ultrapassada – daí como resposta, surgem os esforços exagerados despendidos para transgredi-la. [...] Em vez de ser tranquilizadora e de diminuir a angústia, a relação com a Lei reativa toda as frustrações adquiridas no sistema familiar.” (OLIEVENTSEIN,1933, p.118)

Olievenstein (1933) ainda discorre sobre a **dificuldade do indivíduo de ser ele mesmo**, quando ele está destituído de sua capacidade de orientação, no embate de afetos e de eventos contraditórios, não reconhece a função real das coisas e pessoas. Para o autor a função da linguagem “é, por sua vez sentida como desmesuradamente restritiva e vivida como uma armadilha; e o indivíduo tenta eliminá-la no sistema familiar. É o famoso eu não tenho diálogo com meu pai, não nos compreendemos.” (OLIEVENSTEIN,1933, p.119).

Ainda sobre a família, o autor também fala da **incomunicabilidade no seio familiar**, e na presença da autoridade familiar, “invariavelmente a incomunicabilidade é a regra (quantas fisionomias fechadas podemos observar no consultório na presença dos pais!) [...] cada vez

mais, ninguém joga pra prorrogação, [...] este cada vez se esgota tão depressa” (OLIEVENSTEIN,1933, p.126) Segundo ele, “**a organização do “Eu” só existe enquanto estatuto parcelado e móvel**” e a pessoa vai se formando nos encontros, também com elementos do Édipo ou genitais, permitindo-se todas as modelagens, “pseudo-identidades que o indivíduo vai usar para preencher suas faltas e curar suas feridas narcísicas” que de fato ele não consegue atingir pois a falta(ausências de construção de si) é extrema e o sistema familiar torna-se um espelho que reflete a falta, “ao mesmo tempo que a desvenda, apesar das aparências exigirem sempre normalidade e conformismo.” (OLIEVENSTEIN,1933, p.126)

O que se percebe segundo Olievenstein (1984, apud BOHRER, 2012) é que a transgressão é intrínseca à condição de ser jovem.

[...] na busca pelo autoprazer, surge a droga e o indivíduo [...] regride a uma sexualidade infantil, em busca de um “orgasmo generalizado” ou “orgasmo farmacológico”, que o consumo de drogas produz. Mas esse prazer denuncia uma impotência real, uma verdadeira regressão que altera as relações do toxicômano com o mundo. **O que prevalece na vida dessas pessoas é “a inibição, a recusa a se conhecer, a fuga, graças às fantasias de poder” . E, aliado a isso, sobrevém uma falta de iniciativa para a ação, que existe em razão do comportamento oposicionista dirigido ao mundo. “A vontade está doente, ela só trabalha para que haja autonomia para a droga.”** (Olievenstein,1984, apud BOHRER, 2012, p. 28, grifo nosso)

Fontes variadas de pesquisa apontam para a procura do prazer como sendo a primeira motivação para o uso de drogas. Degos (et al, 1987) confirma essa afirmação. Segundo o autor, o “princípio do prazer” na base de qualquer vida, teorizado pelos analistas e pelos neurofisiologistas que descrevem um circuito de prazer, um circuito de recompensa, é a primeira motivação.

A história de uma toxicomania começa sempre por este prazer[...] Mergulha-se em um mundo melhor, onde o passar do tempo, as coações materiais e afetivas estão niveladas. Refugiamo-nos em nosso jardim interior, deixamo-nos levar pelos sonhos e pelos fantasmas, daí o desejo compreensível de tentar achar essas sensações. (Degos, et al. 1987, p. 34)

Este autor ainda menciona que a evitação do sofrimento também é uma “motivação poderosa”, “trata-se tanto de evitar o sofrimento físico, como do sofrimento moral, mais ou menos intenso, do estado melancólico à franca depressão, dos conflitos[...]”. A busca do prazer e a evitação do sofrimento de acordo com o autor são as motivações bases e têm como resultados a **busca por acesso ao sonho, ao mundo imaginário.**

[..]o acesso à liberdade: a droga é utilizada a fim de evitar as opressões sociais, de aplinar diferenças intoleráveis. Permite ter acesso, pelo menos temporariamente, à ilusão de poder. [...] o acesso à comunicação: a maior parte das drogas facilitam a comunicação, diminuem as inibições, favorecem as trocas, [...] e as drogas como remédio. (Degos, et al. 1987, p. 34)

Assim, percebe-se diferentes motivações, causas, pulsões que podem explicar a escolha do indivíduo pelo uso de drogas, sejam motivações originárias na infância, adolescência, na passagem de fases ou na busca de identidade, prazer ou até mesmo na fuga de algo. Todos os fatores tem um ponto ou mais que identificam inúmeros dilemas.

Quando se trata de dilemas, logo se pensa nas dúvidas que surgem dos conflitos, nas dificuldades de se decidir, nas escolhas a serem feitas, no sofrimento de renúncia da própria decisão, enfim, na própria adversidade, no inusitado, nos valores, nos afetos e em diversos fatores que englobam cada dilema. Para CUNHA(1989) a dúvida tem seu valor e é uma das grandes fontes de evolução da humanidade. Para a autora “entender a dúvida como processo pedagógico é terapêutico na medida que provoca uma mudança de estrutura na pessoa em que aprende com ela conviver” e tudo passa a ter seu valor aceitável, “na medida em que há respeito fundamentado na confiança recíproca[...]”. (CUNHA, 1989, p.79)

O programa GS é um espaço onde esses temas são bem vindos. Conforme já foi descrito anteriormente e conforme nos diz Bohrer(2012), o programa GS “espera promover a liberdade de expressão e de ação em busca de respostas e alternativas para os problemas enfrentados e compartilhados.”

Nesse sentido, os métodos de ação morenianos têm sido muito úteis já que objetivam justamente, por meio das vivências, estimular a espontaneidade e a criatividade individuais e grupais, **para resolução de problemas e conflitos**. Com isso o Programa busca acolher, integrar e motivar a participação dos beneficiários, por meio de dispositivos (mecanismos e técnicas) que instiguem a ação e a transformação de atitudes. (Bohrer, 2012, p. 14, grifo nosso)

A seguir, uma compreensão maior desses métodos de ação morenianos e uma descrição acerca da pedagogia utilizada no grupo para tratar desses inúmeros possíveis motivos de uso e dilemas vivenciados pelos participantes do GS.

4.3 PEDAGOGIA PSICODRAMÁTICA

Maria Alícia Romaña é o nome mais conhecido quando se trata da pedagogia psicodramática. A própria educadora argentina, afirma em seu livro “Do psicodrama pedagógico à pedagogia do drama”, que, relacionar psicodrama e pedagogia não é tarefa fácil.

[...]a pedagogia, como disciplina que concentra o estudo da teoria e da prática no campo da educação, ocupa uma área muito vasta da reflexão e da ação humanas. Por outro lado, o psicodrama, caso sejam consideradas também a teoria e as técnicas que lhe são próprias, constitui uma prática e uma ideologia de vastos alcances. [...] (ROMAÑA, 1996, p.46)

A autora ainda afirma que talvez por essa razão e o fato do psicodrama ter estado basicamente vinculado desde suas origens à resolução de conflitos humanos, sua primeira

aplicação no meio escolar foi relacionada com a objetivação de dificuldades entre os alunos, resolução de problemas relacionados a disciplina, orientação comportamental e vocações. Mas, as aplicações possíveis de uma pedagogia psicodramática vão além dessas questões e a própria autora aborda suas possibilidades, no entanto, antes de entrarmos na relação propriamente dita entre educação e psicodrama, passaremos por alguns referenciais acerca de Jacob Levy Moreno, da sociometria e do psicodrama, técnicas, contextos, instrumentos, etapas de dramatização entre outros conceitos morenianos para então aprofundarmos no âmbito da educação, no que Romaña (1992) chama de método educacional psicodramático.

4.3.1 JACOB LEVY MORENO E O PSICODRAMA

Jacob Levy Moreno (1889 – 1974), o criador do Psicodrama, da sociometria e de uma abordagem especial da psicoterapia de grupo, nasceu na Romênia em 19 de maio de 1892 e faleceu nos EUA em 1974. Coursou a Faculdade de Medicina da Universidade de Viena, onde Sigmund Freud lecionou e ambos se encontraram, fato que é muito mencionado em algumas obras de autores que escrevem sobre Moreno.

A própria Zerka T. Moreno, que foi a companheira de vida e de trabalho de Moreno, cita em uma de suas obras este fato que comumente muitos citam do encontro de Freud e Moreno, onde: Moreno responde a Freud quando Freud pergunta a ele qual sua área de interesse e se ele havia gostado da conferência que o próprio Freud acabara de ministrar, segundo a autora, Moreno responde:

“Bem, Dr. Freud, eu começo onde o Sr. Termina. [...] O Sr. encontra as pessoas no ambiente superficial de seu consultório, eu os encontro nas ruas e em suas casas. O Sr. analisa os sonhos deles. Eu tento dar a eles a coragem para sonhar novamente.” (J.L.MORENO,1977 apud Z.T.MORENO, 2001, p. 16)

Zerka Moreno (2001) diz que essa citação é sempre citada como a própria filosofia de tratamento de Moreno, e que ele não se referia à terapia dos sonhos, mas se referia “ao fato de que ajudar as pessoas a sonhar suas vidas de novo era a forma de assegurá-los de que suas vidas podiam melhorar se eles implementassem a criatividade e a espontaneidade”, onde, “mesmo a fantasia mais ultrajante, poderia ser produtiva, desde que a fantasia não prejudicasse os outros.” A autora ainda diz que

Moreno elucidava as suas diferenças com Freud lembrando que Freud lidava apenas com o psiquismo individual, atribuindo a energia psíquica à libido, que de acordo com ele, seria constante desde o nascimento, e Moreno por outro lado, acreditava que essa energia não seria apenas uma fonte individual, mas estaria também relacionada com o grupo e com o cosmos, alimentada pela espontaneidade/criatividade. **“Somos mais do que seres econômicos, psicológicas, biológicos ou sociológicos, somos, primeiro e acima de tudo, seres cósmicos.**

Somos provenientes do cosmos e a ele retornaremos” declarou ele muitas vezes. (Z.T.MORENO, 2001, p. 16, grifo nosso)

Ao descrever porque Moreno não se tornou psicanalista, Zerka (2001) afirma que ele não aceitava que apenas as palavras fossem capazes de conduzir por elas mesmas todo psiquismo. “Ele não acreditava que a mera fala fosse a rota mais nobre para penetrar naquele psiquismo, mas intuía haver **um nível mais primordial subjacente à fala, isto é, o da ação e da interação.**”

[...] ele formulou a idéia de que **o ser humano tem fome de ação – ação física, assim como mental.** [...] do ponto de vista da raça humana e do indivíduo, a fala é um desenvolvimento relativamente tardio no ser humano. No entanto, a criança está em interação com os outros a partir do nascimento e **absorve todo tipo de aprendizagem, seja ela má, boa ou indiferente, desde que seja aprendizagem.** A criança se pergunta: “Será que o universo é amistoso? Infelizmente, para muitas delas, ele não é. No entanto se deixada meio ao sabor de seus próprios recursos, **há um positivo “Sim” da criança, um “Sim” a vida. Essa capacidade de se envolver alegremente com a vida Moreno atribuía à espontaneidade e à criatividade, que ele considerava ser o problema central da humanidade: como continuar a encarar a vida com tudo o que ela demanda, a partir de uma capacidade não meramente de se adaptar, mas de ultrapassar as barreiras e os obstáculos por ela apresentada.** Ele notou que esse tipo de liberdade diminui em muito de nós, e requer um meio especial no qual possa desabrochar.[...] (Z.T.MORENO, 2001, p. 17-18, grifo nosso)

Para Moreno, havia uma “conserva cultural” que era o produto final da espontaneidade e da criatividade, para ele, todo ser humano é um gênio mas alguns vivem isso melhor do que outros, nesse pensamento, segundo Zerka (2001), Moreno optou por reabilitá-los caso pudesse e acreditava na espontaneidade/criatividade como possível solução. O psicodrama que se conhece hoje levou tempo para se configurar como tal e para ser conhecido como é. Segundo a autora, “foi apenas gradualmente que o psicodrama começou a ser apreciado como uma possibilidade de crescimento pessoal para quem não é mais criança, nem psicótico, mas ainda é capaz de achar um caminho melhor.” (Z.T.MORENO, 2001, p. 18)

Ainda no problema que Moreno via sobre apenas o uso da linguagem como instrumento terapêutico, Zerka (2001) afirma que ele pontuou que “as palavras dos clientes seriam interpretadas de acordo com a filosofia de cada um.” Assim, “não haveria interpretação universalmente válida; pior, não existiria uma linguagem universal.”

Além disso, se a linguagem fosse instrumento todo-poderoso para a comunicação, por que teríamos a música, a dança, a mímica, a escultura, a pintura etc.? Não seriam esses também instrumentos de comunicação? Mas de espécie bem diversa! **Moreno procurava um modelo novo e diferente, que fosse mais semelhante à vida e completo em sua capacidade de atingir e se comunicar com as camadas mais profundas da mente, assim como capaz de oferecer maior flexibilidade do que a própria vida. Ele começou a explorar o teatro como uma via possível.** (Z.T.MORENO, 2001, p. 19, grifo nosso)

Moreno(1992) diz que a gênese do psicodrama encontrava-se intimamente relacionada à gênese da Deidade. É notório em seus livros como sua inquietação existencial o conduziu e o próprio autor afirma que “tal preocupação com o status e o lócus nascendi das coisas” tornaram-se guia de todo seu trabalho. Há algumas experiências narradas nas obras de Moreno e fatos significativos na sua trajetória que foram “concebendo” o Psicodrama, entre eles, alguns são: a brincadeira de ser Deus quando Moreno fraturou o seu braço direito; o contato com as crianças nos jardins de Viena; os trabalhos de assistência aos refugiados na Áustria e com um grupo de prostitutas; o caso Bárbara, jovem atriz do Teatro da Espontaneidade.

De acordo com Bohrer (2012), “a partir da concepção de homem em relação e da inter-relação entre as pessoas, que Moreno (1974) estruturou a teoria sacionômica como a ciência que trata das leis naturais que regem os sistemas sociais.” Segundo Bohrer (2012) o objetivo era a planificação e organização dos grupos sociais e para isso, Moreno “partiu de uma visão microssociológica (grupos com todas as suas propriedades e com sua capacidade de sobrevivência) para aspectos macrossociológicos (comunidade) onde estabeleceu as redes sociométricas.” E, assim, surgiu a Socionomia. (BOHRER, 2012, p.44)

A Socionomia, conceito geral do sistema criado por Moreno, subdividi-se em: Sociodinâmica que aborda a ciência da estrutura dos grupos sociais e que aplica como método a interpretação de papéis; **Sociometria**, que é a ciência que mede o relacionamento entre as pessoas, utilizando como métodos o teste sociométrico e o teste sociométrico de percepção; e a **Sociatria** como ciência do tratamento dos sistemas sociais. (MORENO, 1974, apud BOHRER, 2012, p.44, grifo nosso). É importante considerar também que **a FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) entende a socionomia como o conjunto teórico de toda a obra de Moreno.** (BAREICHA, 2010, apud BOHRER, 2012, p.41)

Segundo Moreno (1992, apud BOHRER 2012), a sociometria foi construída com o intuito de avaliar o conflito entre as configurações existentes de um grupo e a configuração almejada por seus integrantes. Ele diz que:

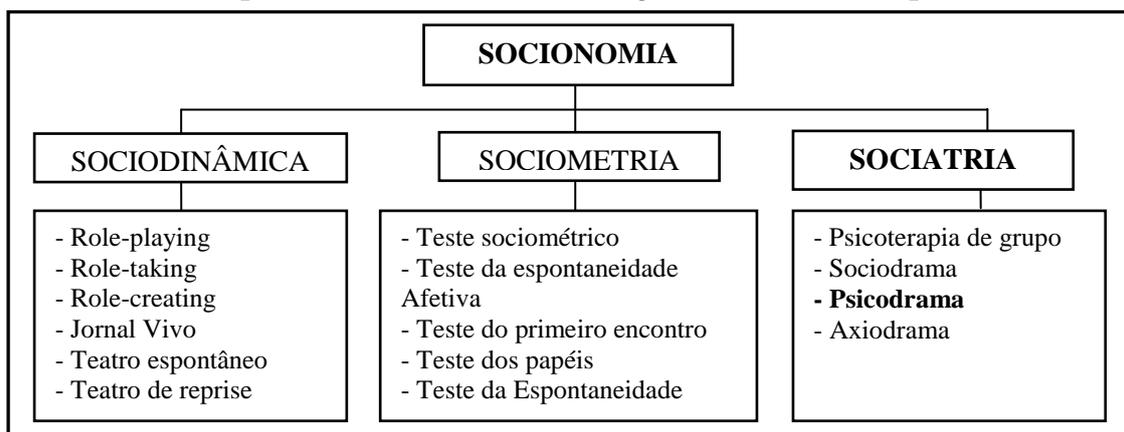
Se toda a espécie humana é una, devem, então, emergir tendências entre diferentes partes desta unidade, ora afastando-as, ora aproximando-as. Tais tendências podem ser vantajosas para as partes e prejudiciais para o todo, ou vantajosas para algumas partes e para outras, não. Podem, também, tornar-se aparentes na relação de indivíduos ou de grupos de indivíduos como afinidades ou discordâncias, como atração e repulsa (MORENO, 1992, p. 117).

Moreno (1951, apud BAREICHA, 2010) propôs a socionomia como uma nova sociologia, que propicia uma revolução criadora constante e que se instaura pela utilização de

métodos de ação. É na sociatria, ramo da socionomia que o psicodrama está cientificamente localizado.

Riquet (1995, p. 182) percorre um caminho mais didático em um de seus artigos para situar o psicodrama na ciência à qual pertence e faz um esquema da socionomia apresentando suas ramificações científicas e respectivos métodos no qual o representamos no quadro abaixo:

QUADRO 2 – Esquema: Socionomia, ramificações científicas e respectivos métodos.



Fonte: RIQUET, 1999, p.182.

Para a psicodramatista Wedja J. G.Costa (1995, apud LINHAS CRÍTICAS,1995, p. 59), “o psicodrama é o método sociométrico interventivo por excelência.”

Moreno (1992) ao explicar o psicodrama refere-se à própria palavra Drama, que segundo ele, “é uma transliteração do grego que significa ação ou uma coisa feita” e assim define o **Psicodrama “como a ciência que explora a ‘verdade’ através dos métodos dramáticos. Trata de relações interpessoais e de mundos particulares.”** (MORENO, 1992, p. 183, grifo nosso)

Segundo Moreno (1993) “o **psicodrama projeta processos, situações, papéis e conflitos reais num meio experimental, o teatro terapêutico**”, que ele diz ser “**um meio que pode ser tão vasto quanto as asas da imaginação permitam e que pode conter, entretanto, cada partícula dos nossos mundos reais.**” (MORENO,1993 p. 386, grifo nosso)

Zerka Moreno (2001), tendo vivenciado o psicodrama por quase sessenta anos afirma pensar no psicodrama como “O teatro do perdão”. Para a autora, o psicodrama é um “lugar onde se pode encontrar o amor e a aceitação pelo que consideramos ser os piores aspectos de nós mesmos. Vivenciamos nossa humanidade comum e aprendemos o que significa ser verdadeiramente humano.” E ainda, “aprendemos a transformar o passado e a ter acesso a um futuro mais promissor.” A autora refere-se ao “duplo”, “técnica no psicodrama onde um ator terapêutico fica junto ao protagonista, em pé, sentado ou caminhando, e o ajuda a se expressar

melhor” e diz que talvez a descrição mais feliz que ela já tenha ouvido falar sobre o psicodrama a foi dada por uma cliente: “Eu sei o que é psicodrama” “é o duplo da vida”. (Z.T. MORENO, 2001, p.13-14)

De modo geral, o psicodrama consiste em um método de intervenção de fundamentação existencial no qual destacam-se aqui alguns termos que o compreendem:

- o psicodrama possui as seguintes **etapas de dramatização**: aquecimento, dramatização e compartilhamento;
- entre suas **técnicas**, as mais utilizadas são: a auto apresentação, inversão de papéis, solilóquio, espelho, duplo, simbolização e interpolação de resistências;
- tem como **instrumentos**: diretor, ego auxiliar, público, cenário e platéia.
- Os **contextos** do psicodrama são: o contexto social, contexto grupal e o contexto dramático.

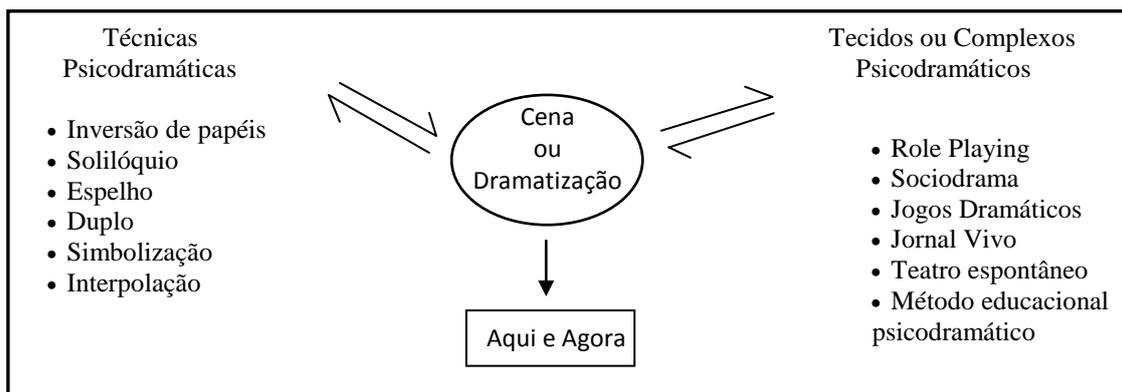
Não será realizada uma abordagem profunda de todos esses dispositivos nem dos métodos sacionômicos de Moreno. Interessa-nos especificamente o psicodrama e algumas técnicas específicas que geralmente são usadas no trabalho psicodramático na educação e que serão descritas no próximo tópico.

4.3.2 AS TÉCNICAS E O COMPLEXO PSICODRAMÁTICO.

Segundo Romaña (1999) pode-se definir o psicodrama como um “método de trabalho em grupo que se sustenta operacionalmente a partir da utilização de algumas técnicas específicas” onde as mais utilizadas são: **a inversão de papéis, solilóquio, espelho, duplo, simbolização e interpolação de resistências**. A autora lembra que as técnicas são sempre usadas no espaço dramático e, por isso, contextualizadas e referem-se ao desempenhos de papéis em cenas que representam diretamente a realidade, podem se referir a situações que ocorrem no presente, lembranças passadas ou projeções de futuros, mas todas se inserem num tecido psicodramático. Para a educadora, assim como as técnicas aparecem contextualizadas nas cenas ou dramatizações, estas estão dentro de modalidades de trabalho psicodramático, a qual ela chama de **tecidos ou complexos psicodramáticos**. Os complexos são o **role playing**, o **sociodrama**, os **jogos dramáticos**, o **jornal vivo**, o **teatro espontâneo** e o **método educacional psicodramático**. (ROMAÑA, 1999, p. 12-14)

Ela faz uma representação desse “tecido ou complexo psicodramático” a qual dispomos no quadro abaixo:

QUADRO 3 – O tecido ou complexos psicodramáticos.



Fonte: ROMAÑA, 1999, p. 14

A **inversão de papéis**, “é a técnica psicodramática por excelência” afirma Romaña (1999), a partir dela oportuniza-se a possibilidade de vivenciar o papel do outro dentro de uma cena ou dramatização como um todo.” Para ela, assumir o papel de alguém, o do outro, pode dar a pessoa a oportunidade de vir a compreender condutas e sentimentos alheios além da intencionalidade dos atos dos outros.

O **solilóquio** pode ser utilizado para expressar o pensamento daquele que é o protagonista da cena, “acrescenta à inversão de papéis a possibilidade de falar alto o que se está pensando no momento em que se desempenha um papel [...] já o **espelho** é um recurso que mostra a expressão corporal (gestual) daquele que está sendo espelhado” e segundo ela tem a intenção de que aquele que está sendo espelhado perceba suas características mais evidentes naquele momento ou situação. (ROMAÑA, 1999, p. 13)

Romaña (1999) também explica as outras técnicas. O **duplo** permite uma dublagem, e quem faz essa dublagem segundo a autora, “se posiciona do lado do personagem-ator, e vai incorporando falas e gestos que ele acha que estão sendo emitidos por aquele que está sendo dublado.” A **simbolização** é utilizada “quando se tem como objetivo a construção de estátuas (fixas ou em movimento) que mostram sentimentos e sensações.” A **interpolação de resistência** consiste na técnica que introduz um personagem inesperado em cena tendo como conseqüência a reformulação e a organização desta cena. Romaña(1999) explica que segundo Moreno(1975), o que se deseja é “produzir uma mudança radical na cena que estiver acontecendo, para provar a consistência dos papéis desempenhados e a tolerância ao fator surpresa dos participantes.” (ROMAÑA, 1999, p. 13)

A técnica **auto-apresentação** e a **projeção de futuro** que a autora não cita no tecido psicodramático são muito utilizadas. A auto-apresentação trata-se segundo Moreno (2008 apud BOHRER, 2012) de

[...] uma das técnicas mais simples e consiste em permitir que a pessoa partilhe situações que fazem parte de sua vida e os conflitos em que está envolvida. O passo seguinte é representar as pessoas próximas dela, que constituem o seu átomo social. A apresentação pode relacionar-se com situações atuais, passadas ou futuras. O átomo social procura identificar como a pessoa relaciona-se emocionalmente com as pessoas de seu universo social. Moreno afirma que “a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem desde o instante do nascimento é chamada átomo social”. Assim, essa técnica se utiliza da apresentação dramática do indivíduo das pessoas que lhe são emocionalmente significativas (SANTOS, 1998)[...] (BOHRER, 2012, p. 55)

A projeção de futuro segundo Moreno (1974, apud BOHRER 2012)

por meio da projeção de futuro, o paciente apresenta e representa como imagina o seu futuro, com todas as fantasias, sentimentos, desejos, esperanças e planos realizáveis. O paciente é levado a avaliar o que poderá acontecer, o lugar em que gostaria de estar e as pessoas com que gostaria de viver. (MORENO, 1974, apud BOHRER 2012, p.55)

Ainda na conceituação dos termos socionômicos, temos o jogo ou treinamento de papéis, **role-playing**, que “permite ao diretor pesquisar a problemática do desempenho de determinado papel e de seus complementos.” É aplicado a papéis relacionados à toda dimensão da vida (estrutura familiar, profissional, social, educacional, política etc.) e “permite realizar diagnósticos e rematizar os papéis, tornando-os mais flexíveis e melhor sintonizados com a circunstância de vida do protagonista. (ROMAÑA, 1999, p. 13)

O teste de papéis mede o comportamento de papel de um indivíduo; revela deste modo, o nível de diferenciação que determinada cultura atingiu dentro de um indivíduo e sua interpretação desta cultura. A variação de papéis do indivíduo representa a inflexão de determinada cultura nas personalidades que a ela pertencem[...] (MORENO, 1992, p.190)

Moreno (1992) define o **sociodrama** como “o método profundo de ação que trata de relações intergrupais e de ideologias coletivas” onde “o verdadeiro sujeito de um sociodrama é o grupo[...] as ferramentas de trabalho são tipos representativos de determinada cultura e não indivíduos em particular.”

A catarse no sociodrama difere da catarse no psicodrama. A abordagem psicodramática trata, principalmente, de problemas pessoais e visa a catarse pessoal; a abordagem sociodramática trata de problemas sociais e visa a catarse social. O conceito fundamental desta abordagem é um roleplayer, de que todo indivíduo é caracterizado por certo leque de papéis que domina seu comportamento e de que toda cultura é caracterizada pelo conjunto de papéis imposto, com grau variado de sucesso, a seus membros. O problema é como trazer uma ordem cultural à visão através dos métodos dramáticos. (MORENO, 1992, p. 189)

De acordo com Moreno (1992), métodos de ação na forma de sociodrama, podem “explorar como tratar de uma só vez, conflitos que tenham surgido entre duas ordens culturais distintas e, ao mesmo tempo, através da mesma ação, tentar mudar a atitude que membros de determinada cultura têm em relação a membros de outra.” (MORENO, 1992, p. 189)

Os **Jogos Dramáticos** na visão de Romaña (1999)

[...] requerem um tecido criativo e espontâneo ao máximo e que, ao mesmo tempo, não demande um compromisso específico com uma determinada situação ou temática para facilitar sua integração ou para desenvolver atitudes e habilidades nos participantes.[...] (ROMAÑA, 1999, p.14)

O **Jornal Vivo** segundo a autora, é uma técnica onde se procura dar um novo tratamento a alguma notícia veiculada pelos meios de comunicação, uma forma de se trabalhar com o jornal vivo é compor a cena de acordo com a versão oficial da notícia e depois ir introduzindo mudanças de acordo com a satisfação e opinião do grupo. O **Teatro espontâneo** “é um complexo psicodramático que opera a partir de cenas relatadas por uma ou outra pessoa da platéia mas não encenada por ela[...] existem uma equipe de atores espontâneos que encenam as estórias.”

O **método educacional psicodramático** relaciona o psicodrama como proposta específica para fins pedagógicos e por entrar no âmbito da educação, será abordado no próximo tópico.

4.3.3 PSICODRAMA E EDUCAÇÃO

De modo geral os métodos utilizados na educação segundo Bareicha (1999) são: o role-playing, o sociodrama, os jogos dramáticos, o jornal vivo, o teatro espontâneo e o **método educacional psicodramático** como veremos agora.

Maria Alícia Romaña, como pioneira do psicodrama pedagógico, acredita que, se aqueles que trabalham na educação (pedagogo, orientador, psicólogo escolar) obtiverem uma formação psicodramática mais profunda, “terão à sua frente um campo bem amplo pra trabalhar relações à procura de estabelecer vínculos vitais e significativos e para facilitar a percepção de soluções criativas e honestas do conflito e dificuldades.” (ROMAÑA, 1992, p. 55)

Os métodos pedagógicos (ou educacionais, como gostaríamos de chamá-lo) podem ser mais simples ou mais elaborados, claro. O que ocorre é que, já que o psicodrama oferece uma trama básica seqüenciada, podemos dar a ela mais consistência e assim, com mais consciência do que estamos provocando, podemos vir a criar redes mais significativas de compreensão. E essa é, sem dúvida, uma aspiração legítima dos educadores. (ROMAÑA, 1992, p. 57)

Nessa linha de pensamento, a autora compõe um método de trabalho para tratar dos conteúdos curriculares, no qual criou o **método educacional psicodramático**, como uma proposta libertadora de ensino/aprendizagem e que pode ser utilizado em vários contextos no âmbito da educação.

“[...]como método de aprendizagem, o **psicodrama presta-se a uma didática expressiva e vivencial**, que permite ao aluno, através da **experimentação**, **contextualizar os conceitos** aprendendo seus alcances e limites. A partir da

condução psicodramática, a cena é criada segundo os referenciais do aluno, que se torna autor e ator de seu processo de aprendizagem – e não um receptor passivo de informações repetidas pelo professor. **Ocorrendo no grupo, faz com que a apropriação dos conhecimentos seja um ato coletivo, dentro de uma perspectiva interativa e dinâmica.**(Bareicha, 1999, p.125),

Romaña(1992) discorre que por intermédio da metodologia psicodramática pode-se contribuir para que o aluno exteriorize o próprio conhecimento e o compreenda como algo seu e isso ocorrerá porque o aluno acaba descobrindo as conotações que dão sentido ao conhecimento e que têm valor tanto para si mesmo quanto para os outros dentro de um mesmo contexto cultural. A autora acredita que “todo conhecimento adquirido só atinge significância desde que relacionado à experiência de vida” e propõe “um equilíbrio maior entre os aspectos cognitivos e afetivos envolvidos em qualquer situação de aprendizagem” pois segundo ela “a experiência vivida não é neutra[...] é sempre tingida por sentimentos de aceitação ou rejeição e, de alguma maneira, determinada por nossos interesses e necessidades”. (ROMAÑA 1992, p.25)

Como método didático o psicodrama garante a aquisição do conhecimento em nível intuitivo e em nível intelectual, mas também leva a uma participação maior do aluno e à utilização do seu corpo, permitindo ao professor, ao mesmo tempo, o manejo do grupo como unidade. ”. (ROMAÑA 1996, p.29)

A autora faz uma referência aos métodos socionômicos, à algumas técnicas e faz uma relação com sua utilização pedagógica (ROMAÑA 1992,p. 55-56). Assim, o psicodrama pode ser utilizado pedagogicamente:

- como *método* no processo de construção do conhecimento;
- *role-playing* na estruturação de papéis que dizem respeito a instituição escolar;
- *sociodramas* para considerar situações de conflitos das classes ou na instituição como um todo;
- *jornal vivo* para dar novos tratamentos às notícias veiculadas pelos meios de comunicação, especialmente jornais e revistas;
- *teatro espontâneo* para a percepção de conteúdos subjacentes na compreensão da realidade;

Romaña(1996, p.30-31) cita ainda as utilizações já realizadas na sua prática educativa, as quais acredita que pelos resultado obtidos podem ser utilizados em todo nível educativo, nas seguintes situações:

- Fixar e exemplificar o conhecimento.
- Encontrar soluções alternativas aos problemas disciplinares.
- Desenvolver papéis novos. (formação de educadores)

- Como prevenção de situações ansiógenas (provas).
- Sensibilizar grupos.
- Elaborar mudanças (de professores, de classe, de turma, de escola).
- Avaliar o trabalho em equipe.

A autora refere-se ao psicodrama pedagógico como método ativo na aprendizagem, e ressalta o valor da ação no campo da aprendizagem e aponta algumas questões positivas do método, a saber: o aluno aprende em relação a objetos, situações ou conceitos concretos e precisos; o aluno não aprende sozinho; o aluno incorpora um método ao mesmo tempo que um conhecimento; o aluno elabora além de uma idéia, também uma imagem e com o conhecimento, o aluno amplia sua experiência em relação ao espaço e ao tempo.

Romaña(1996) acredita e defende que “da articulação coerente das proposições de Paulo Freire, L.S.Vygotsky. e J.L. Moreno, pode surgir um recíproco fortalecimento.” A autora não propõe um recorte ou uma colagem das idéias desses autores, mas uma trama consistente tecida entre o que eles têm de semelhante e de desafiador.

A utilização que Paulo Freire faz da palavra remete-nos à **valorização da linguagem como forma mediadora da realidade [...] os componentes dialógico e interativo**, tão caros a Paulo Freire, aparecem também em Vygostky, com outra roupagem e enunciados como consequência de outras motivações e premissas, porém igualmente fortes e definitivos. De outro lado, **os aspectos interação, diálogo e encontro** estão constantemente na obra de Moreno. As técnicas e abordagens que ele propõe têm como alvo **uma construção coletiva do saber/sentir/fazer. Ao levar o corpo à interação, ele acrescentou uma nova vertente a troca verbal e afetiva.**[...] (ROMAÑA, 1996, p. 99, grifo nosso)

Compreendendo então o psicodrama na educação constituindo-se como uma pedagogia psicodramática que envolve uma série de possibilidades, faz-se necessário, compreender também o caráter formativo ou educativo das intervenções em grupos socioeducativos como veremos no próximo tópico.

4.4 INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA E GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS

Segundo Ramos (2008, apud Fleury e Marra, 2008) crianças e adolescentes têm “enfrentado uma situação de abandono, omissão e marginalidade, encontrando no confronto a única estratégia possível de construção de identidade e de sobrevivência no grupo social” e que os programas utilizados para reverter esse panorama não têm obtido êxito devido a sérias lacunas no âmbito do processo educativo. (RAMOS, 2008, p. 47)

Acerca do caráter educativo desses programas, sabemos que a forma de intervenção utilizada pode ser responsável tanto por resultados negativos como também por resultados positivos.

Fleury e Marra (2008) afirmam que as práticas sociais ou comunitárias têm uma proposta interventiva e que “toda situação social que gera ampliação de consciência devido a uma ação-reflexão-ação é uma forma de intervenção.” No contexto das **intervenções socioeducativas**, Fleury e Marra (2008) nos diz que

As intervenções socioeducativas constituem-se em ações formativas por excelência porque cultivam a autonomia e o pensamento crítico e criativo, sempre proporcionando a oportunidade de participação. Sabemos que a capacidade espontânea e criativa do ser humano demanda renovação na educação, o que é viabilizado nas intervenções sociais vivenciadas nessas intervenções, que são, em si, potencialmente terapêuticas (FLEURY e MARRA, 2008, p. 17, grifo nosso).

Ramos (2008, apud Fleury e Marra, 2008) pontua referências demonstrando o caráter de pesquisa do método sociodramático de intervenção em grupos e discorre sobre a intervenção neste aspecto, que segundo ela se desenvolve em três etapas:

a busca de uma relação de confiança mútua, a escuta diferenciada para cada um – com atenção especial para seu contexto e suas possibilidades – e o empoderamento dos participantes de modo a liberarem suas aptidões e talentos para solucionar os problemas de formas socialmente aceitável, com benefícios para todas as partes envolvidas. (RAMOS 2008, apud Fleury e Marra, 2008, p.49)

Independente da especificidade das intempéries, dos problemas, dos dilemas, das escolhas, motivos ou das adversidades enfrentadas pelos participantes do grupo socioeducativo analisado, ambos têm um fator de ligação entre si: todos foram abordados por porte ou uso de drogas ilícitas e estão sob medida socioeducativa.

Segundo Saliba (2006, apud, BOHRER, 2012) as medidas socioeducativas são aplicadas como “penas” devido à prática de ato infracional. “O objetivo é alcançar uma ação pedagógica e educativa, já que todas as medidas devem prever reeducação e prevenção, estabelecendo, com isso, um novo padrão de comportamento e conduta do infrator.” (BOHRER, 2012, p.37)

No caso dos **grupos socioeducativos** do Programa GS do Instituto Círculo de Giz, Bareicha (2010) discorre que a abordagem socionômica utilizada no trabalho desses grupos não tem como objetivo o “tratamento” e muito menos tem um caráter de punição, mas é usada “com a intenção de fomentar reflexão, informação e aprendizado.” (2010, apud BOHRER, 2012, p. 39)

Por fim, o problema principal do presente trabalho está em toda essa perspectiva, entre os dilemas existentes e vivenciados por usuários de drogas ilícitas, geralmente usuários de maconha e cocaína que foram encaminhados ao GS do Instituto Círculo de Giz, onde este por sua vez foi inspirado na proposta de Daltsen e realiza intervenções socioeducativas utilizando entre outras abordagens, uma pedagogia psicodramática. Nesse contexto, surgiu o problema de qual o papel dos dilemas na pedagogia desses grupos socioeducativos, exigindo assim, a

elaboração dos próximos capítulos que abordam o método, instrumentos, corpus, técnicas de pesquisa, análise e discussão dos dados obtidos nessa investigação, bem como considerações finais de todo trabalho realizado.

5 METODOLOGIA

5.1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS DA METODOLOGIA

O método abordado no presente estudo é o **método fenomenológico**. Quanto aos objetivos de pesquisa, trata-se de um tipo de **pesquisa exploratória**.

Segundo Triviños (2010), Edmund Husserl (1859 – 1938) pretendeu fazer da filosofia uma ciência rigorosa e voltou-se para a investigação do “mundo vivido” pelos sujeitos. A filosofia como ciência rigorosa deveria ter como tarefa estabelecer as categorias puras do pensamento científico. Para alcançar esse objetivo Husserl criou o método fenomenológico, que seria usado para o desenvolvimento da ciência das essências. Para Husserl, mediante o método fenomenológico, opera-se uma série de reduções até alcançar o resíduo das coisas, as essências ou eidos (ideias).

“O objeto de conhecimento para a Fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito.” (GIL, 2012. p 14).

A pesquisa fenomenológica se propõe a uma descrição da experiência vivida da consciência, mediante o expurgo de suas características empíricas e sua consideração no plano da realidade essencial. Trata-se pois, de um tipo de pesquisa que busca descrever e interpretar os fenômenos que apresentam à percepção. Seu objetivo é chegar à contemplação da essências, isto é, ao conteúdo inteligível e ideal dos fenômenos de forma imediata. (GIL, 2010. Pg 39)

Gil(2012) ressalta que a pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas.

A pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, **de natureza qualitativa**. (GIL, 2012, p. 15, grifo nosso).

Caracterizada como um **tipo de pesquisa exploratória**, busca-se no decorrer da pesquisa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito considerando os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado, como aponta Gil (2012).

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. [...] Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados [...] (GIL, 2012, p. 27).

Inicialmente, em virtude do método fenomenológico de pesquisa, foram suspensas qualquer crença, hipótese, teoria ou explicação do fenômeno. Diante do tema escolhido, o pesquisador se atentou para não criar expectativas de que as análises ou os resultados obtidos estivessem de acordo com as teorias encontradas e estabelecidas a priori, por mais consistentes que fossem, assim como propõe Gil(2012). Ressalta-se ainda que, isto não significa que as teorias não tenham valor para o pesquisador, mas são desconsideradas temporariamente durante a pesquisa, minimizando as possibilidades de preconceito ou deformação da realidade a que se dispôs a pesquisar.

Após a escolha do tema, foram definidas genericamente algumas etapas da pesquisa segundo contribuições de GIL (2010): formulação do problema; seleção do contexto de pesquisa e participantes; escolha das técnicas de coleta de dados; coleta de dados; análise dos dados; e redação dos relatórios.

5.2 CORPUS DE PESQUISA

5.2.1 PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA

O problema que norteará todo este trabalho é a investigação de qual o papel dos dilemas na pedagogia de grupos socioeducativos (GS). Diante da problemática a ser estudada, tem-se como objetivo geral investigar o papel dos dilemas na pedagogia de grupos socioeducativos.

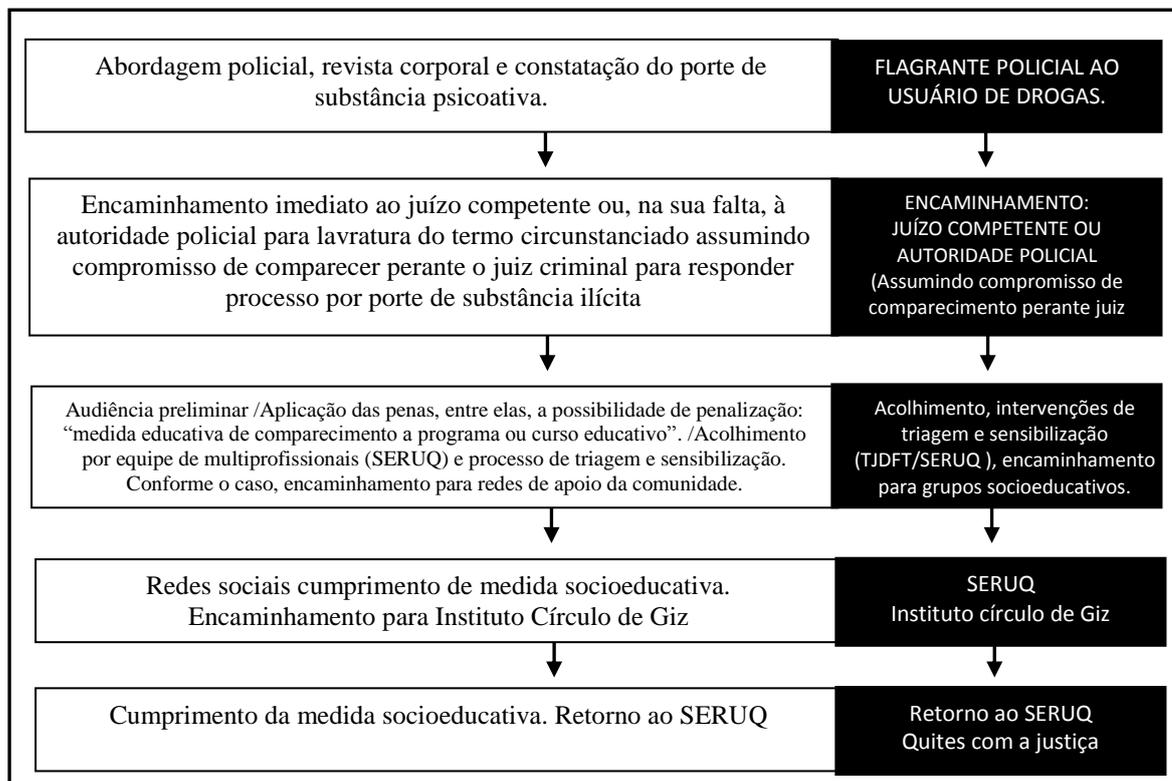
Com a intenção de efetivar esta pesquisa e explorar mais o tema da pedagogia de GS, foram elaborados três objetivos específicos:

1. Investigar a pedagogia psicodramática
2. Caracterizar o grupo socioeducativo como ambiente de aprendizagem
3. Analisar os dilemas encontrados

5.2.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Considerando o tema, o problema de pesquisa e o método de pesquisa adotado, escolheu-se o Instituto Círculo de Giz como local de pesquisa. O Instituto, como mencionado da apresentação deste trabalho, dispõe de uma sala/consultório de atendimento psicológico, trata-se de uma unidade de atendimento das redes sociais do DF que atendem usuários de drogas, recebendo para atendimento, jovens em situação de conflito com a lei que cumprem medida socioeducativa por porte ou uso de substâncias ilícitas.

Os participantes que compõem os grupos de que tratará esta pesquisa, são jovens que foram flagrados por agentes policiais portando ou usando drogas, cuja trajetória até o Instituto Círculo de Giz pode ser exemplificada no quadro abaixo que descreve o percurso dos usuários que passaram pelo GS:



Fonte: Autoria própria, consulta de informações em BOHRER,2012, p.73;136

Estes jovens foram encaminhados ao Instituto Círculo de Giz pelo Serviço de Assessoramento a Magistrados sobre Usuário de Drogas (SERUQ), do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), para cumprimento de medida socioeducativa por porte ou uso de drogas – pena prevista no Art. 28, inciso III da Lei 11.343 (BRASIL, 2006) – medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo.

No geral, 16 beneficiários passaram pelos encontros. Além dos beneficiários, houve a presença de dois convidados por parte dos beneficiários, cinco estudantes do curso de Pedagogia e uma de Sociologia, ambas da Universidade de Brasília. O grupo era coordenado por um Psicólogo que assim como todos os participantes não terão os nomes revelados. A pesquisa foi desenvolvida durante 18 encontros, cada encontro com duas horas de duração.

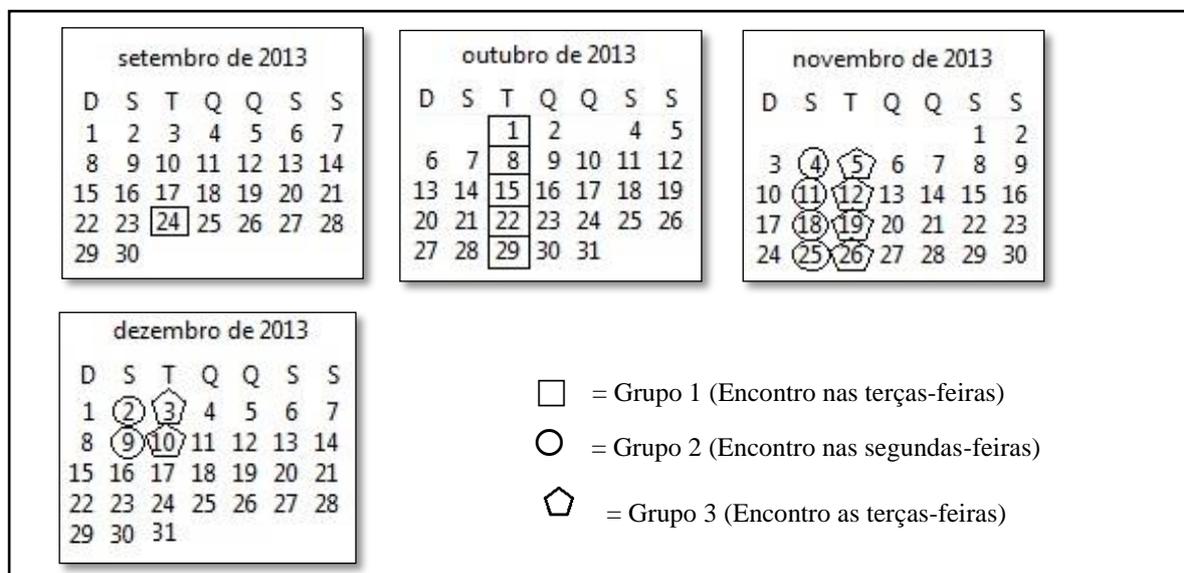
Geralmente, os grupos atendidos no Instituto Círculo de Giz são compostos por 6 beneficiários e tem a duração de 6 encontros. No entanto, para um melhor atendimento aos beneficiários, o Instituto se flexibiliza de acordo com a demanda e necessidades imprevistas que possam surgir. A exigência por parte do tribunal para cada beneficiário era a presença em

6 encontros nas datas preestabelecidas, porém, nem todos compareceram aos dias marcados. Houve abertura à participação dos beneficiários nos encontros seguintes para validar a presença e houve também abertura para novos beneficiários segundo a demanda.

Para esta pesquisa foram analisados 3 grupos, onde todos eram do sexo masculino entre 17 e 33 anos de idade, encaminhados ao instituto por porte ou uso de substâncias ilícitas, geralmente porte ou uso de maconha e/ou cocaína. O primeiro grupo teve ao todo a participação de 4 beneficiários, teve seus encontros realizados nas terças-feiras. Os encontros do segundo grupo aconteciam nas segundas-feiras onde 4 participantes o freqüentavam e os encontros do terceiro grupo aconteciam nas terças-feiras com a participação de 8 beneficiários. Como foi dito anteriormente, houve flexibilidade em relação as datas de freqüência dos participantes, por isso, os segundo e terceiro grupos recebiam participantes um do outro dependendo da data, contudo, exigia-se legalmente a presença de cada beneficiário a 6 encontros em semanas alternadas.

Para melhor entendimento e controle da pesquisadora, elaborou-se o seguinte quadro com a representação de calendários mensais referente aos encontros de cada grupo:

QUADRO 4– Calendário de organização dos dias de encontro de cada grupo.



Fonte: Autoria própria

Foi assegurada aos participantes a confidencialidade dos dados obtidos. Os participantes são identificados nesta pesquisa através das denominações: “Beneficiário 1” (B1), “Beneficiário 2” (B2), “Beneficiário 3”(B3), “Beneficiário 4”(B4), “Beneficiário 5”(B5) e segue respectivamente de acordo com a quantidade de beneficiários (16).

Convém ressaltar que, seguindo as orientações de Gil (2010), foi considerado que de modo geral, os membros do grupo ou comunidade não estão interessados na pesquisa que está

sendo desenvolvida pelo pesquisador e podem manifestar algum tipo de desconfiança ou hostilidade. Por isso, o ingresso do pesquisador foi facilitado mediante o auxílio de um dos membros do grupo, neste caso, pelo coordenador do grupo.

5.2.3 ESCOLHA DAS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Gil (2010) acredita que as técnicas mais adequadas para coleta de dados na pesquisa fenomenológica são aquelas que possibilitam a livre expressão dos participantes, essenciais tanto para a descrição quanto para a interpretação das experiências vividas, pois segundo ele, as experiências vividas compartilhadas são a melhor fonte de dados para o estudo do fenômeno. De acordo com as idéias do autor e com o fato de que foi assegurada aos participantes a confidencialidade dos dados, não havendo gravações ou exposição da imagem e nome dos participantes, escolheu-se como técnica de coleta de dados a **observação participante e elaboração de notas de campo**.

A observação assume geralmente a forma de **observação participante**, que se caracteriza pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno estudado, com a finalidade de obter informações a cerca da realidade vivenciada pelas pessoas em seus próprios contextos. Tem, pois, como pré-requisito sua presença constante no campo, em convívio com os informantes durante algum tempo. [...] A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. Assim, as informações que obtém dependem do comportamento do pesquisador e das relações que desenvolve com o grupo estudado [...]. (GIL, 2010, p. 129, grifo nosso)

“As **notas de campo** são constituídas pelos dados obtidos mediante **observação** ou **entrevista**.” (GIL, 2010. p 130, grifo nosso). Na elaboração das notas de campo do presente estudo, as mesmas foram redigidas logo após a obtenção de dados para evitar perdas de detalhes importantes. Como dados, foram considerados fatos específicos, números, detalhes do que acontece no local, expressão oral ou corporal dos pesquisados, opiniões ou atitudes em relação ao fenômeno analisado, bem como histórias de vida, depoimentos pessoais, memórias e experiências vividas narradas pelos sujeitos investigados.

“A **entrevista** é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais” (GIL, 2010. p 111, grifo nosso). O tipo de pesquisa considerado será a entrevista informal que se adéqua ao presente estudo, segundo definições do autor:

Esse tipo de entrevista é o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. O que se pretende com entrevistas desse tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado. A entrevista informal é recomendada em estudos exploratórios, que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema. Nos estudos desse tipo, com frequência, recorre-se a entrevistas

informais com informantes-chaves, que podem ser especialistas no tema em estudo, líderes formais ou informais, personalidades destacadas etc[...] (GIL, 2010. p 111).

Apesar de não haver necessidade de revisão bibliográfica como etapa prévia em estudos fenomenológicos, foi realizado **estudo bibliográfico** acerca do tema pesquisado. No entanto, esse estudo foi realizado com o objetivo de proporcionar maior familiarização da pesquisadora com o tema e maximização do conhecimento sobre as possíveis variáveis do fenômeno analisado.

5.2.4 TÉCNICA DA ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta, procede-se à análise dos dados, que na pesquisa fenomenológica segundo Gil (2010), consiste basicamente nos procedimentos adotados com o propósito de chegar à **redução eidética**, ou seja, à abstração de tudo que é acidental para permitir a intuição das essências em busca de desvelar o fenômeno e compreendê-lo, dando ênfase ao mundo e a vida considerada pelos sujeitos que vivenciam o fenômeno em análise, estabelecendo assim, um contato direto com o fenômeno estudado. Para tanto, adota-se aqui como referência, o **modelo de análise proposto por Colaizzi** (1978 apud GIL, 2010, p. 139), que se desenvolve em sete etapas: 1) Leitura da descrição de cada informante; 2) Extração das assertivas significativas; 3) Formulação dos significados; 4) Organização dos significados em conjunto de temas; 5) Integração dos resultados numa descrição exaustiva; 6) Elaboração da estrutura essencial do fenômeno; 7) Validação da estrutura essencial.

5.2.5 CRONOGRAMA DE PESQUISA

Em virtude da flexibilidade do método de pesquisa, foi elaborado um cronograma representativo das atividades desenvolvidas na produção do presente trabalho, a saber:

Atividade	Mês/ Ano				
	08/2013	09/2013	10/2013	11/2013	12/2013
Pesquisa de literatura	X	X	X	X	X
Desenvolvimento do pré-projeto de pesquisa	X	X			
Trabalho de campo (encontros): coleta de dados		X	X	X	X
Análise dos dados		X	X	X	X
Elaboração de relatório final				X	X
Revisão do texto				X	X

6 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão abordados os resultados da análise dos dados coletados. Atendendo ao tipo(exploratório) e método(fenomenológico) de pesquisa, primeiramente será dada uma descrição geral dos encontros apontando os dilemas, algumas especificidades dos grupos e a discussão dos resultados encontrados em relação aos objetivos específicos pré-estabelecidos para a efetivação desta pesquisa. Também será abordado o objetivo principal, o problema de pesquisa no que se diz respeito aos resultados encontrados referentes a eles durante a análise de dados, abordando também as considerações finais sobre a pesquisa.

6.1 DESCRIÇÃO GERAL E ANÁLISE DOS ENCONTROS

Como foi dito anteriormente, as sessões dos Grupos Socioeducativos do Instituto Círculo de Giz foram realizadas semanalmente e tinham aproximadamente 2 horas de duração cada. Durante cada encontro eram elaboradas notas de campo com as vivências do dia, o que incluía a postura da coordenação do grupo e dos participantes, as atividades realizadas, os depoimentos dos participantes, as expressões verbais e não verbais.

Os atendimentos foram dirigidos na maioria das vezes por um psicólogo e vez ou outra por uma equipe de estudantes de pedagogia. O ambiente era acolhedor, se deu no Próprio Instituto Círculo de Giz, que atendia em uma sala/consultório de atendimento psicológico, confortável e semelhante à sala de estar de uma casa, contendo almofadas, poltronas organizadas em círculo, livros e decorações que diferenciava o ambiente do que comumente se vê em atendimentos socioeducativos (sala de aula ou espaços de palestra). As seis sessões foram realizadas para cada grupo, num total de 18 encontros analisados. Todo assunto era bem vindo no grupo, geralmente os grupos eram conduzidos com temas provenientes dos beneficiários e mediados pelo coordenador (psicólogo) ou estudantes de pedagogia. Surgiam temas comuns entre os participantes e esse fator era utilizado pelos mediadores na condução do grupo, nesses momentos, surgiam também os dilemas.

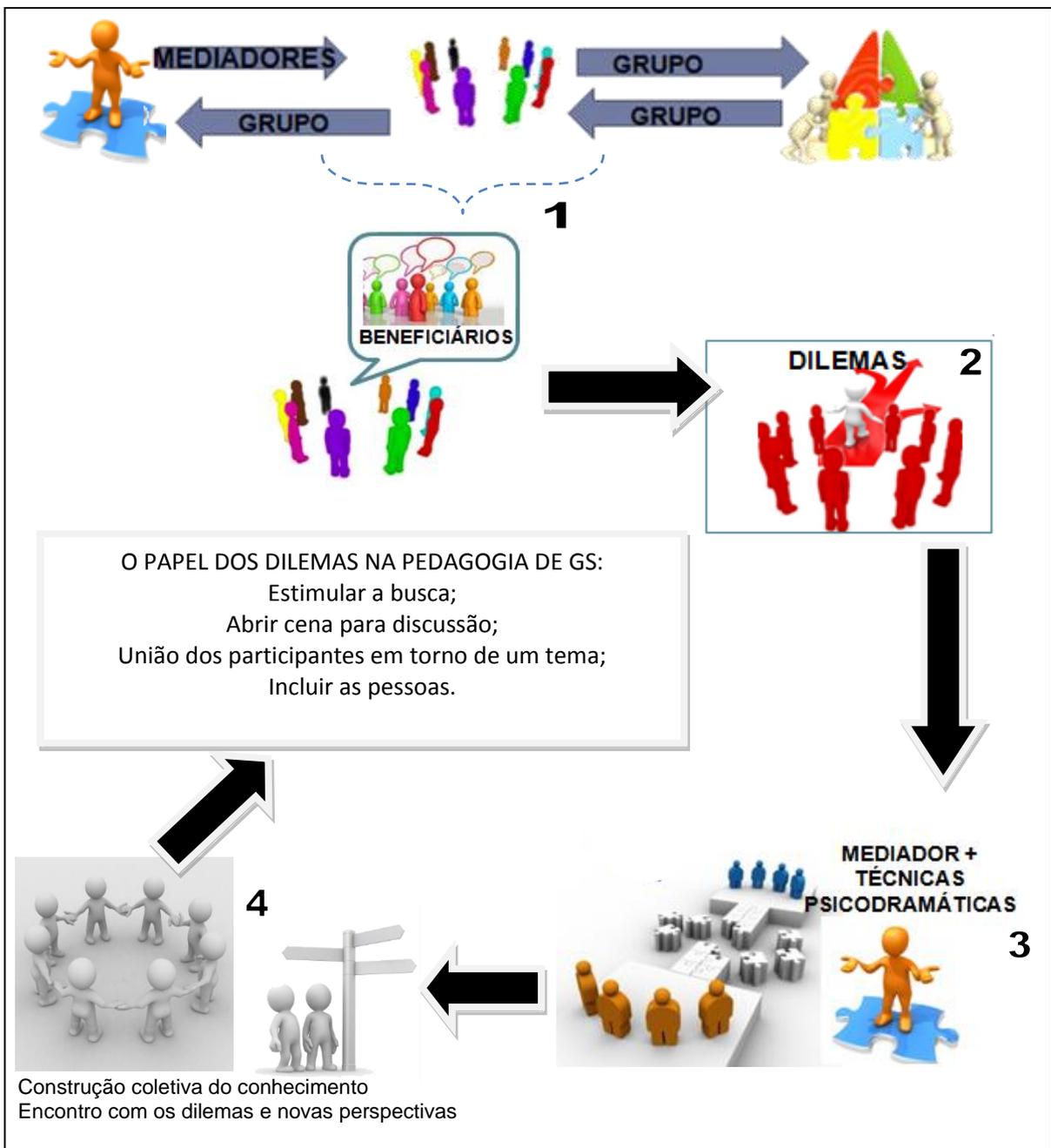
No geral, os métodos, técnicas e procedimentos utilizados no manejo do grupo foram: psicodrama, auto-apresentação, role-playing, jogos dramáticos, sociodrama, os jogos educativos e método educacional psicodramático.

Para a presente análise foram selecionadas algumas das vivências e relatos específicos aos objetivos da pesquisa, considerando a observação dos três grupos de um modo geral e algumas das técnicas e métodos utilizados pelos mediadores na condução do grupo. Os dados

coletados nos encontros foram organizados em momentos, cada momento refere-se aos três grupos de modo geral e são divididos em três momentos:

- **Primeiro momento:** referente ao 1º e 2º encontro de cada grupo;
- **Segundo momento:** referente ao 3º e 4º encontro de cada grupo;
- **Terceiro momento:** referente ao 5º e 6º(último) encontro de cada grupo.

Serão descritos alguns dos acontecimentos de cada momento e algumas das técnicas utilizadas. Antes de analisarmos esses momentos, podemos compreender a dinâmica de todo processo vivenciado nos encontros a partir da imagem elaborada abaixo:



Fonte: AUTORIA PRÓPRIA

O desenho numerado com o número 1 representa a chegada dos participantes ao encontro, o que ocorria era a mediação dos coordenadores/mediadores dos GS para que ocorressem diálogos, trocas de experiências e inclusão dos participantes na conversa. Havia conversas direcionadas dos mediadores para o grupo, entre o próprio grupo e do grupo para os mediadores onde todo assunto era bem vindo. A partir dessas “trocas” surgiam os dilemas (representado pelo desenho de número 2) e quando estes surgiam abria-se cena para discussão unindo os participantes em torno de um tema em comum e o mediador entrava com as técnicas psicodramáticas para a condução dos participantes a busca de respostas, reflexão, questionamentos, percepção mais aprofundada dos dilemas entre outras possibilidades (representado pelo desenho número 3). Através das técnicas psicodramáticas e reflexão sobre os dilemas vivenciados em comum, acontecia o que está representado pelo desenho 4: a construção coletiva do conhecimento, maximização de possibilidades, encontro com novas perspectivas e inclusive com novos dilemas que geravam mais assuntos para o encontro posterior, os dilemas então iam assumindo diversos papéis na pedagogia do GS, mas antes de entrarmos especificamente na análise dos dilemas, prossigamos com a análise de algumas cenas e técnicas psicodramáticas utilizadas nos encontros que classificamos em três momentos como mencionamos anteriormente.

PRIMEIRO MOMENTO

O primeiro momento referente ao 1º e 2º encontro dos grupos socioeducativos, era destinado à chegada dos beneficiários ao grupo, à acolhida, integração e apresentação de todos os membros e da dinâmica de trabalho do GS. Eram priorizados nessas sessões: a acolhida, as dúvidas, expectativas, compartilhamento de sentimentos, impressões e sensações dos participantes de fazerem parte dos grupos e esclarecimento quanto aos três princípios do programa e outras “responsabilidades” (dias, faltas, atrasos, horário, anonimato, voluntariedade). Nesse primeiro momento houve a realização de uma sessão de **psicodrama** e a técnica de **auto apresentação**.

Inicialmente o coordenador do grupo (psicólogo) informava aos participantes os três princípios do GS: Gratuidade, não se cobra nada e acredita-se que os participantes ganham em algo; Sigilo, há um compromisso interno de tudo que for dito no ambiente do GS permanecerá em sigilo, informando a eles que o que será apresentado ao tribunal é a lista de presença; e Aprendizagem, tentam contribuir para a formação de opinião e esperam que os participantes aprendam alguma coisa.

No primeiro contato havia sempre a **auto-apresentação** dos participantes, considerando aspectos como nome, idade, local de residência, se eles trabalham ou estudam, com quem moram, qual a expectativa e o que pensam de estarem cumprindo medida socioeducativa. O primeiro momento já revelava e dava indícios de alguns dilemas existentes e possíveis de existir no grupo.

A idade do grupo variava entre 17 e 33 anos de idade, a maioria dos participantes moravam em Unidades Administrativas do DF, apenas 4 deles moravam em Brasília. Todos moravam ainda com a família, com exceção de 2 participantes, mas eram a família os responsáveis por suas despesas. As apresentações foram sucintas, eles respondiam apenas o que foi perguntado e não se estendiam, não estavam à vontade e nem dispostos a conversa. Foi com a condução do coordenador que eles foram se sentindo mais a vontade, inclusive quando foi falado no sigilo das informações, mas alguns ainda permaneciam fechados para o diálogo.

O conhecimento que tinham do que fariam no grupo era superficial e ninguém ali dizia se sentir “beneficiado” com o programa, a idéia de que “não era necessário” e “não iria adiantar em nada” era unanimidade entre eles. A primeira manifestação deles foi em relação a preocupação do “nome ficar sujo” na delegacia. Com as conversas e a condução do coordenador algumas opiniões foram mudando. Foram esclarecidas no primeiro momento as dúvidas, a diferença de usuário e traficante ressaltando que o usuário não é um criminoso, que não se pode discriminar uma pessoa porque ela é ou não é usuário de drogas e que o programa não tem aspecto de punição. As respostas referentes ao fato de estar participando do GS e de expectativas foram:

- **B1**- “Eu pensei que ia ter um monte de cadeira branca e ia ficar ouvindo mais palestra aqui, vocês iam pegar um pulmão me mostrar como ele fica depois de fumar, mas é melhor do que pensei, a gente pode conversar de qualquer coisa?!”
- **B3**- “Não espero nada. Sei não, só quero me livrar logo.”
- **B7**- “Meu advogado que falou pra eu assinar a folha lá e vir pra cá. Mas achei que ia ser aquelas coisas de cadeiras enfileiradas e vocês falando, falando, mas foi bem melhor do que pensei, até me sinto a vontade pra conversar.”
- **B11**- “Eu fui pego injustamente, nem tava fumando mais, não devia ta aqui se eu nem uso mais droga, isso aconteceu ha seis meses atrás. Ainda tenho que gastar dinheiro com passagem de ônibus. Essa pena é dada por pouca coisa, não precisava de todo esse processo.”

- **B12-** “Eu não escolhi estar aqui, o juiz que me mandou, ele que decidiu ninguém aqui escolheu vir pra cá, a verdade é que ninguém tá feliz de tá aqui, não dá em nada isso.”

No final do 1º encontro a maioria dos participantes estavam mais tranquilos e menos tensos em relação ao próprio grupo, às alunas de pedagogia e ao coordenador que foi tornando a conversa atrativa e interativa. O B11 e o B12 demonstraram bastante revolta na chegada ao grupo, total indignação e impaciência por estarem freqüentando o grupo, porém, na hora de sair, o B11 foi o último a sair e saiu agradecendo, se despedindo de todos com uma expressão facial mais tranqüila que demonstrava claramente sua satisfação. No segundo encontro estes dois participantes chegaram com outra postura, bem dispostos e se colocavam abertos e animados para responder as questões. Por fim todos estavam mais receptivos e acessíveis ao diálogo.

Alguns fatores dos primeiros encontros de cada grupo mudaram o pré-conceito de todos em relação ao “caráter punitivo” que pensaram existir no GS e que contribuíram para que olhassem para o GS como uma oportunidade de rever seus conceitos e conhecer/aprender algo novo. Esses fatores de mudança são:

- A técnica de auto-apresentação
- O respeito do coordenador e das alunas de pedagogia pela opinião de cada beneficiário
- A oportunidade dos beneficiários de exporem suas opiniões mesmo que contrárias
- A oportunidade de relatar sobre qualquer assunto
- O sigilo das informações
- A ausência de críticas e valorização da história pessoal de cada participante

Era notório a surpresa dos participantes em relação ao que encontraram no grupo, mas alguns manifestaram bastante revolta por estarem ali, principalmente o B11. O primeiro momento teve seus climas de tensão e opiniões diversas sobre o que eles vivenciavam em comum: o fato de serem flagrados por policiais por porte e uso de drogas. Houve bastante troca e exposição de opiniões, mudanças de pensamento no que se refere ao próprio julgamento das atividades no GS e os participantes demonstraram querer ouvir a opinião dos mediadores que também se manifestavam. Era um círculo de cultura onde durante as conversas todos tinham o direito de real expressão. Foram direcionadas ao coordenador e as participantes, as seguintes perguntas feitas por alguns usuários:

- “E vocês? O que acham de nós? O que acham de usar maconha?”;
- “Alguém de vocês aí já usou maconha?”;
- “Alguem de vocês já usou droga? Não vale mentir.”

Não houve um grupo em que elas não surgiram. Foram respondidas, e, claro, geraram mais confiança nos beneficiários para conversarem, afinal, perceberam que eles não estavam naquele local para serem julgados, mas para trocarem experiências, aprenderem, ouvir, serem ouvidos, responderem, mas também, terem direito a pergunta e a resposta.

Realizou-se uma sessão de psicodrama no caso de uma das abordagens policiais vivenciada por um beneficiário (B2), refletindo sobre a vivência dele que aconteceu junto a um amigo. A vivência diz respeito ao dilema que ele teve na situação que envolvia voltar na delegacia para assumir um cigarro de maconha que havia esquecido no carro de um amigo durante a abordagem policial ou deixar o amigo enfrentar a situação sozinho na delegacia.

Os **temas** trabalhados no primeiro momento foram:

- Questões pessoais (fatos e acontecimentos vividos, personalidades e características pessoais, família, lazer, opções e escolhas pessoais etc.).
- A conotação social da maconha.
- A abordagem policial que cada beneficiário passou e a abordagem policial no geral.
- Questões judiciais quanto as penas (Serviço judicial).
- 3 princípios do programa e informações judiciais.
- Liberação da maconha e o tráfico de drogas.
- A determinação de lícito e o ilícito.
- A atuação da polícia.
- Primeiro contato com as drogas.
- As características de um usuário (físicas, subjetivas e da família).
- A escolha de participar ou não do GS.
- A consciência do ilícito.
- O porquê e a satisfação ou não de estarem no grupo.
- Encaminhamento da pena.
- A aprendizagem ou não nos GS.

SEGUNDO MOMENTO

O segundo momento, referente ao 3º e 4º encontro de cada grupo, foi conduzido de acordo com os conflitos, com os dilemas e temas colocados em discussão pelos próprios beneficiários que iam contribuindo com suas ideias e opiniões para a construção de um diálogo que contemplasse a todos. As situações individuais, dificuldades compartilhadas e os temas, eram debatidos e analisados dentro dos mais variados aspectos possíveis. O

coordenador e as estudantes de pedagogia que também coordenaram o grupo em alguns momentos, conduziam os participantes a uma maior reflexão e davam novas perspectivas, mostravam novos olhares e caminhos possíveis para cada assunto.

Das técnicas/métodos e procedimentos utilizados no segundo momento, realizou-se: o **Jogo “querer e precisar”** com cada grupo, o que possibilitou uma maior interação dos participantes, percepção deles sobre questões importantes que geralmente não são percebidas mas necessárias na compreensão da realidade e dinâmica do mundo e também da realidade individual de cada um. O tema norteador do Jogo foi o significado do querer e do precisar na vida das pessoas e principalmente a dimensão do querer e precisar em relação a maconha e as drogas; e o **método educacional psicodramático** foi utilizado na condução interativa e dinâmica do grupo diante dos temas que iam surgindo, onde cada participante exteriorizou suas experiências, seu próprio conhecimento e os compreendeu como algo seu. Romaña(1992) afirma que isso ocorre “porque o aluno acaba descobrindo as conotações que dão sentido ao conhecimento e que têm valor tanto para si mesmo quanto para os outros dentro de um mesmo contexto cultural.” (ROMAÑA 1992, p.25)

Os **temas** trabalhados no segundo momento foram:

- A abordagem policial.
- O preconceito com usuários de drogas e outros tipos de preconceito.
- O primeiro contato com a droga e outras experiências com drogas.
- A diferença entre “querer” e “precisar” e suas implicações na vida.
- Perspectivas futuras.
- A família: de cada participante, relação com a própria família e visão sobre o tema.
- Reação da família na descoberta do uso de drogas e a importância da opinião alheia.
- O autoconhecimento.
- Política, políticos e corrupção.
- Alistamento militar.
- Guerras, guerras atuais, guerras no trânsito, guerras em Israel, defesa do país, defesa da própria casa, defesa da família
- Vontade, criminalidade, legalidade e ilegalidade
- Comidas, açaí, cafeína, substâncias lícitas e ilícitas, quantidade de consumo de substâncias prejudiciais a saúde.
- A ciência e sua “instabilidade de verdades”

TERCEIRO MOMENTO

O terceiro momento: referente ao 5º e 6º(último) encontro de cada grupo foi marcado pela continuidade de temas que prevaleciam entre os grupos e que foram debatidos novamente de acordo com a necessidade. Também surgiram outros temas. Foi utilizado o **sociodrama** e um **jogo de perguntas** para a condução dos grupos e encerramento dos encontros. Realizou-se uma avaliação do programa GS e os participantes tiveram a oportunidade de avaliar tanto o programa quanto seus aprendizados, suas vivências, experiências e participação no grupo.

O jogo de perguntas possibilitou uma reflexão mais profunda dos valores, das motivações, dificuldades e dos dilemas vivenciados. As perguntas foram elaboradas pelo grupo de estudantes de pedagogia e pesquisadora deste estudo. Os participantes receberam um “lanche” especial preparado pelas mediadoras, alguns beneficiários também levaram sua contribuição para o lanche. Foram despedidas descontraídas e afetivas, valorizando mais uma vez a participação e importância da presença dos participantes no grupo.

Os **temas** abordados foram:

- Família.
- Outras drogas que os participantes já consumiram e os efeitos que sentiram.
- Astrologia, signos, simbologias e crenças.
- A abordagem policial e o abuso de autoridade.
- Cadastramento biométrico do título de eleitor.
- Tatuagem, dialetos e outras marcas de identificação.
- Opressão da polícia sobre usuários de maconha.
- Mulheres, gravidez na adolescência e idade para se ter filhos.
- Perspectivas futuras, mudanças, sonhos.

Durante os três momentos, na medida em que os temas e os encontros aconteciam, geravam-se dilemas e buscava-se enfrentá-los, resolvê-los ou no mínimo refletir sobre eles. Abaixo damos uma descrição de algumas das técnicas utilizadas nos três momentos que se estabeleceram na relação com dilemas.

A Auto-apresentação

A auto-apresentação foi utilizada na chegada dos participantes ao grupo. Apesar de Moreno (1993) referir a essa técnica como “a técnica psicodramática mais simples”, foi ela que possibilitou aos participantes uma maior integração entre si, adaptação ao grupo e “quebra” de preconceitos em relação ao programa socioeducativo e a liberdade de expressão. O fato de serem respeitados por quem são, de serem valorizados pelo que fazem e falarem de

si mesmos, os deixou mais a vontade e tranqüilos nos grupos. Sorrisos, brincadeiras positivas, “obrigadas” e expressões faciais comprovavam a satisfação quando falavam deles mesmos.

Alguns participantes não gostavam de falar de si mesmos e aparentavam uma certa desconfiança em relação ao verdadeiro sigilo e confidencialidade de suas falas. Teve apenas um participante (B9) que se recusava várias vezes a falar. Os primeiros dilemas surgiram, no entanto, com a auto-identificação e conhecimento dos outros participantes, os que estavam mais reservados se abriram para o diálogo. No primeiro momento, graças a condução dada pelos mediadores através da auto-apresentação, os dilemas relacionados a insegurança e necessidade de participar no grupo foram sendo enfrentados. Quanto a assuntos mais profundos deles mesmos, ficaram mais reservados e só relataram nos encontros posteriores, mas a auto-apresentação contribuiu na sua medida para que isso fosse viável posteriormente.

O Sociodrama, o teatro espontâneo e o role-playing

Um dos exemplos da utilização do sociodrama, teatro espontâneo e do role-playing que ocorreram no GS, aconteceu em um dos grupos que contava com a presença de 3 beneficiários, do coordenador, de 4 estudantes de pedagogia e a da presente pesquisadora.

O tema preconceito em relação a usuários de drogas já havia surgido no grupo várias vezes. Num momento de descontração, uma das estudantes de pedagogia bocejou e coçou o nariz e nesse dia um dos beneficiários brincou com ela sobre o uso de drogas e o coordenador do grupo entrou então no tema: características de um usuário de drogas, vinculando este aos dilemas aparecidos em alguns encontros sobre o preconceito, os papéis e estereótipos existentes na sociedade. Foi proposto a participação colaborativa de todos para construir um personagem que tivesse as características de um usuário e que este fosse representado por alguém. Os participantes demonstraram resistência em fazer o papel e dificuldade de se colocar no lugar do outro, o papel então foi assumido pela aluna que bocejou e coçou o nariz, que segundo eles “estava mais suspeita” naquele dia.

A aluna sentou em uma cadeira de frente a eles, entre **solilóquios** e trocas de opiniões, eles começaram a descrever as características. As características físicas apontadas por eles foram: bocejo, olhos vermelhos, olho “embaçado” e “olho que brilha mais”. As características subjetivas foram: vergonha, timidez, tranqüilidade. As características da família: pais vivem juntos, a mãe é “cúmplice” do pai. Na descrição da família surgiram dois perfis: a família que restringe/repreende o uso e a que abandona os filhos.

O coordenador propôs o **teatro espontâneo** onde criaram uma **cena** que representava o modo de conversar dos pais, referente às notas baixas da filha no colégio e suspeita do uso de maconha – é importante ressaltar aqui que esta cena retratava alguns dos dilemas vivenciados pelos participantes em relação à família -. Cada beneficiário passou pelo papel de pai e outra aluna escolhida por eles fez o papel de mãe. Depois ocorreu uma **interpolação de resistência** acrescentando na cena o fato de existir um namoro da filha com um usuário de drogas – o que gerou mais dilemas no grupo.

O B5 se mostrou enérgico na dramatização do tratamento que daria a filha, fez expressões de raiva, nervosismo e disse que “não iria sustentar ela, gastar com ela pra ela ficar tirando notas baixas e ainda jogando dinheiro dele fora.”

O B7 deu um tratamento menos enérgico, avisou pra filha que ela sabia o que tava fazendo e que se fosse pega as conseqüências iriam ser ruins, mas que ele estava avisando e se ela fosse fumar pra fumar em casa. O B7 disse que os pais não podem brigar se não fica pior e que pai e mãe tem que defender o filho mesmo ele estando certo ou errado e que pode aconselhar, mas que “cada um tem sua cabeça”.

O B8 não quis representar mas disse que cada um sabe o que faz e tem consciência do que ta fazendo. O B5 disse que a representação dele foi de pai, mas que no caso dele, se ele realmente fosse o pai ele agiria conversando falando que ela tem consciência do que faz, no entanto, a proposta desde o início ficou aberta para representarem o pai que quisessem, e curiosamente o B5 a priori representou um pai rígido, depois ele encenou um pai mais compreensivo, porém continuava a repreender o uso de drogas pela filha.

Depois dessa representação os beneficiários ocuparam a cadeira da aluna desempenhando o papel de filhos. O B7 não quis interpretar, mas participou através de solilóquios. No papel de pais os beneficiários acusam ser um erro e ser negativo o fato da filha usar drogas, no entanto, no papel de filhos eles aceitam a liberdade de escolha sem tanta repreensão. Ambos afirmam que a personagem -no caso deu-se a ela a idade de 16 anos- tem consciência do que faz, o que abriu espaço para outra discussão gerando mais dilemas. O B7 dava muita ênfase no fato de que a família tinha que defender o filho mesmo se ele estivesse errado.

No final perguntou se alguém queria dar algum recado. O B7 disse: “Sua cabeça é seu guia, você é de maior, seu guia ta aí.”

Esta é uma narração genérica do que aconteceu no grupo, ainda houve varias discussões no grupo sobre o uso de drogas na frente dos pais, da consciência ou não dos males

da droga, das atitudes diferentes dos pais, etc. O que predominou foi a idéia de que para eles próprios não havia problema no uso de drogas, mas repreendiam o uso pelos “filhos”, irmãos, parentes ou outras pessoas. A questão do próprio consumo de drogas, do uso na frente da família, das relações familiares, do papel de pai, de mãe e assuntos de preconceitos foram trabalhados neste momento. O sociodrama e o compartilhamento de opiniões, trataram dos conflitos vivenciados por eles em uma só ação e atingiu o que Moreno (1992) aponta como um conceito fundamental do sociodrama, “o reconhecimento de que o homem é um *roleplayer*,” no sentido de que “todo indivíduo é caracterizado por certo leque de papéis que domina seu comportamento e de que toda cultura é caracterizada por certo conjunto de papéis imposto, com grau variado de sucesso, a seus membros.” (MORENO 1992, p.189) Nessa dramatização percebemos também o **role-playing** acontecendo quando os beneficiários diferenciam o papel de pai e o interpreta de acordo com sua cultura, eles interpretaram papéis que acabaram sendo representativos do que se opera no meio em que vivem.

A técnica do **role-paying** também foi utilizada em outro momento em um dos grupos de terça-feira. O grupo estava composto por 8 beneficiários e todos ainda estavam no momento de indignação em relação ao cumprimento da medida socioeducativa, o que fez com que o coordenador colocasse em discussão o porquê que eles estavam cumprindo a medida e qual “tratamento” seria justo para eles.

Sobre o motivo de estarem lá as respostas foram: “para pagar”, “para limpar o nome”, “porque o juiz falou, o juiz que decide”. A idéia de que era uma penalidade era a mais comum. Então o coordenador do grupo faz algumas perguntas que talvez o grupo não esperasse ouvir: “Qual o papel do juiz?”, “Qual o motivo da medida socioeducativa”, “O que vocês acham da penalidade?” A reação dos participantes foi interessante, eles não esperavam ouvir essas perguntas, agora estavam do outro lado da situação e o “direito de escolha” estava mais claro pra eles. Na hora que foram levantadas essas perguntas eles fizeram expressões de surpresa, ficaram calados e bastante pensativos, inquietos por uma resposta que ainda não tinham.

Na pergunta “qual o papel do juiz”, ninguém respondeu. Depois de algum tempo o B12 disse que juiz só sabe mandar, não quer estudar a situação, só quer o dinheiro no bolso no final do mês e depois afirma: “O serviço judicial nunca vai mudar, o juiz sempre vai mandar e o que ele diz é o que vale.” O Coordenador os lembrou que tinham três opções e que podiam contestar o encaminhamento para GS, mas que ao assinarem o termo na delegacia estão escolhendo/aceitando a sentença.

Na pergunta “qual o motivo da medida socioeducativa” o B12 diz que não serve pra nada. Outros afirmam que pra eles ficarem espertos para não serem pegos. Um participante disse que os políticos criaram essas leis para não verem os filhos presos. Os demais não se manifestaram, mas concordaram com os outros. O coordenador explicou sobre a proposta da medida socioeducativa que cumpriam ali no GS e falou sobre a aprendizagem, o fato de aprenderem algo novo, aprenderem com as experiências narradas, construindo juntos, pensamentos até mesmo sobre como é o serviço policial. Eles não manifestaram discordância ao que o coordenador disse.

Na pergunta “o que vocês acham da penalidade”, um beneficiário diz ser desnecessária que “não devia ter”, os outros concordam mas demonstram nunca ter parado pra pensar com profundidade sobre isso, ainda mais quando o coordenador pede para eles inverterem os papéis e se colocarem no lugar do juiz e decidirem qual pena seria justa. Os participantes se olham ficam calados durante algum tempo e ficam sem saber o que dizer. Um deles disse que “não dou a pena de medida socioeducativa porque causa vários transtornos, tem que pegar ônibus, esconder do chefe e o juiz ainda olha pra gente e vê um noiado, um drogado, vagabundo, bandido, safado, mas a gente trabalha.” O B13 disse que como juiz ele ofereceria trabalho para tirar eles da rua, que eles “só andam com malandro” mas que num programa assim igual o GS eles podem conversar com pessoas de outro nível, que o programa é bom e igual esse é bom de se ter, mas que se fosse ele, ele daria também trabalho pra eles poderem se sentir melhor, terem seu dinheiro no final do mês e sair mais do meio que vivem.

Eles demonstraram uma visão pessimista do sistema judicial e uma visão de que as coisas nunca vão mudar, mas a própria condução do coordenador já mostrou a possibilidade das coisas serem diferentes. O fato de terem se colocado no lugar do juiz e tentarem entender o papel do GS no sentido da aprendizagem, gerou mais tolerância, aceitação e compreensão do grupo por estarem cumprindo medida socioeducativa, apesar da não aceitação de cumprimento de “pena”, estavam enfrentando com mais compreensão e aceitação seus dilemas.

O Jogo: “querer e precisar”

O Jogo Querer e Precisar foi coordenado e mediado pelas estudantes de pedagogia. Na chegada dos participantes ao grupo, sempre realizava-se uma conversa inicial de integração e recepção dos participantes, de modo a facilitar a interação e o compartilhamento de vivências e experiências. Após um primeiro momento de descontração e diálogo, foi

proposto aos beneficiários que eles refletissem sobre o que eles querem e sobre o que eles precisam na vida deles. Após a reflexão, as mediadoras entregaram revistas e tesouras para que eles encontrassem e recortassem nas revistas o que eles queriam, o que precisavam e que depois justificassem os porquês das escolhas. Depois, elas perguntaram aos beneficiários se em relação à maconha eles querem ou precisam da maconha. O resultado foi o seguinte:

BENEFICIÁRIO	QUERER	PRECISAR	QUER OU PRECISA DA MACONHA?
B1	Acarajé – “Por que estou com fome.”	Dinheiro- “Por que precisa de dinheiro pra tudo, pra viajar, pra comer mulher, pra ter um carro e até para o acarajé.”	“Fumo por que quero e acho que não preciso.”
B2	Viajar	Comida – “Por que estou com fome.”	“Não preciso. Tenho insônia com ou sem maconha, fumo por que quero mas é raramente.”
B3	“Camaro novo, já tenho carro, mas quero um Camaro”	“Preciso de uma casa, um apartamento, ou kitnet pra eu morar e ter minha liberdade, privacidade.”	“Preciso para dormir, durmo sem fumar mas se não fumo demoro a dormir. Como melhor quando fumo. Preciso quando tenho aborrecimento, quando não tenho dinheiro, quando tenho problemas e quando fumo tiro o peso das coisas.”
B4	“Carro, por que ajuda e facilita muito a vida.”	“Viagem, não sei para aonde mas preciso viajar, por que queria esquecer algumas coisas. Esquecer os seis meses que fiquei preso. Fui preso por tentativa de latrocínio.”	Preciso
Convidado 1	“Quero e preciso de uma casa.”	“Quero uma casa por que preciso, moro com minha tia e quer morar só.”	“Quero, por que da vontade, fumo umas duas vezes na semana.”
B7	“Moto, para ir para o trabalho despreocupado, com carro tem engarrafamento, mas de moto é mais fácil até pra sair. Também quero viajar para outros países. Quero “no mínimo duas faculdades nas costas”, minha casa e minha família, uma mulher, mas	“Moto, tenho necessidade de economizar tempo para ir trabalhar e para chegar em casa mais cedo.”	Quero

	agora mesmo quero só a moto.”		
B8	Carro	“Viajar para conhecer outros lugares, gosto de mato.”	Quero
B11	“Apartamento/casa, viajar para conhecer novas culturas, viajar pelo mundo levar a cultura do Brasil também. “Mexer com bicho”, chegar perto dos animais que nem os adestradores, aprender a lidar com o animal, queria viajar mas acho legal tipo missionário que viaja pra fazer o bem dos outros.”	“Família, todo mundo precisa de família, você pode ver que a maioria dos que usa droga é porque tem uma família desestruturada, quero ter uma família porque família é a base de tudo, por isso eu fumava, não tinha uma família pra contar com ela, pra desabafar pra falar das minhas frustrações e aí usava tudo quanto é tipo de droga pra botar pra fora, não sabia me dar com os problemas, não sabia o que fazer e aí fumava, quero uma família já que não tive uma talvez eu comece uma nova vida com uma nova família. Exercício físico para melhorar a saúde, e de uma boa mulher.”	“Antes eu fumava porque queria, depois comecei a precisar. Comecei a precisar quando parei de fumar e aí sentia vontade. Precisava pra comer, pra dormir, pra ficar calmo quando ficava nervoso e para saber perder porque eu não sabia perder e não sabia me dar com as situações difíceis, por isso já usei de quase tudo. O que fez eu dar conta de ficar sem usar foi a igreja. La eu conversava com outras pessoas, em casa ninguém conversava com ninguém e tudo que eu aprendi foi na rua, não aprendia em casa.”
B12	Mulher – “Tô precisando de uma mulher que preste, só acho mulher ruim. Quero uma que seja pra casar, que saiba conversar, saiba sair, se comportar, que não passou na mão de muitos, não precisa ser virgem mas se for virgem fica perfeito.”	Cachoeira “Preciso de um lugar tranquilo, fazer uma escalada fumando um”	“Quero. Quando me convém eu paro.”
B15	“Ir para Miame, dar um rolé, fumar um, tenho muita vida pela frente e quero conhecer esses lugares diferentes”	“Comer, tô com fome.”	“Quero e preciso pra não estressar.”
B16	“Quero uma arma. Quero porque a “quebrada” ta perigosa. Deixo em casa guardada para uma hora que precisar num momento de risco, de perigo.”	“Uma van, pra transporte de carga aí.”	“Uso por que quero”

Convidado 2	Hotel – “Pra ganhar dinheiro.”	Carro- “Dar uns role na cidade, quero qualquer carro não andando a pé já ta bom.”	“Preciso, já acostumei.”

Um participante em um dos grupos, perguntou porquê as mediadoras não perguntaram a eles o que eles não queriam, porque tinha muitas coisas que eles não queriam. O resultado do “não quero” desse grupo foi:

B12	Não quero injustiça, esses políticos aí que não ajudam, não quero roubar, já roubei e me arrependo.
B9	Não quero morrer agora, tenho muitos anos ainda pra curtir pra aprontar”
B16	Não quero fracassar na missão
B15	Não quero ser preso
Convidado 2	Não quero morrer por agora

Após o compartilhamento do que eles precisavam, queriam e não queriam para si mesmos, realizou-se uma discussão mais profunda sobre o desejo relacionado ao querer e o precisar como necessidade. A discussão aprofundou também em relação à maconha e as drogas, também no que diz respeito à influencia da sociedade, dos outros e da mídia no querer e no precisar de cada pessoa. A grande maioria afirmava ter pleno controle do uso de drogas e que apenas “queriam”, paravam quando quisessem. No entanto, de acordo com outros relatos e comentários a respeito do uso de drogas que eles mesmos fizeram, eles não percebiam que o uso virou hábito e necessidade quando surge algum conflito, ou falta de sono e ausência de respostas, fato que dialoga com a afirmação de Olievenstein(1984 apud BOHRER, 2012, p. 27): “a droga torna-se, então, solução para evadir à realidade que ele pensa não ter condições de modificar.[...]” É como se o usuário esperasse que a droga lhe oferecesse, magicamente, uma sensação de segurança, de relaxamento interior e é assim que a dependência vai aumentando.” As mediadoras indagaram sobre as contradições que eles vivenciavam e o que eles falavam, para que percebessem a situação com mais clareza e a influência dos grupos que participavam foram dali nas suas escolhas e opções. Houve um desconforto por parte dos participantes, alguns admitiram que o uso de maconha virou necessidade e já haviam perdido o “poder” sobre a droga, outros se sentiram incomodados com dúvidas e questionavam as mediadoras para tentarem entender a si mesmos: “mas eu uso só quando to nervoso, e duas vezes no dia só, em alguns uso mais, mas é só pra ficar de boa, não tenho aquele desespero por ela, isso não me faz dependente, faz?”; “só vicia quem quiser, eu usei a primeira vez por pressão dos amigos, mas uso quando quero agora, claro que ainda uso com eles, fumo sozinho

também mas fumar sozinho é ruim, mas só fica viciado quem quer, ninguém influencia ninguém não (B7)”. Essa última colocação do B7 entrou em contradição com outra apontada por ele: “tem droga que se você usar e nego mandar você fazer algo você vai, chamar ‘bora’ matar, ‘bora’ roubar, você fala ‘bora’ e vai e faz e nem lembra no outro dia”. No geral, ninguém abriu mão de defender seus motivos e o uso “positivo” da droga pra eles. Esses conflitos e contradições, possibilitaram grandes trocas de opinião, de informações, esclarecimentos e de auto-reflexão.

Após esse primeiro momento do jogo, foi proposto que escolhessem entre eles alguém para desempenhar o papel de uma “divindade”, de um “ser supremo”, um “Deus” que teria capacidades e poderes infinitos para realizar qualquer desejo desde que fosse da vontade dele e que os outros iriam pedir a esse Deus as coisas que eles queriam e convencê-lo do porque que mereciam recebê-las. As reações em cada grupo foram diferentes, um grupo gostou da brincadeira, os beneficiários riram e todos apontaram para o mesmo colega para que ele fosse o Deus, no entanto, pela **inversão de papéis**, os participantes trocavam de personagens e por fim todos experimentaram lugares diferentes na cena. Os outros grupos já foram mais resistentes, um não participou e claro, foram respeitados na sua vontade, e no outro disseram que ninguém “tinha cara de Deus”, que uma das estudantes de pedagogia era a que mais “tinha a cara” e que ela tinha que desempenhar o papel, não escolheram um Deus entre si, mas participaram dos pedidos e a estudante desempenhou o papel de Deus. Uns tiveram dificuldades de pedir, as mediadoras os auxiliavam a se expressarem pelo **duplo** e iam aparecendo **solilóquios** com os pensamentos da platéia e dos protagonistas que surgiam durante a cena. Abaixo segue um quadro de alguns dos resultados das cenas.

Beneficiário	Quer/Precisa	Argumento	(“Deus”)	Parecer do Deus
B7	Moto	“Preciso da moto para trabalhar, andar de ônibus é ruim, fica cheio. Acho que não mereço mas preciso.”	B11	“Aprovo porque é para trabalhar, mas não é pra você chegar tarde em casa e já que você disse que não merece eu vou dar.”
B8	Carro	“Mereço porque quero dar um role com minha mãe para ela sair de casa e pra eu levar ela pra ver minha vó no ceará”. Não mereço também não mas eu queria.”	B11	“Vou dar porque você foi humilde, mas você tem que ser responsável e aprender a dirigir primeiro”
B11	Apartamento ou casa.	“Eu quero porque quero ter minha família, quero construir uma família e preciso de um lugar pra morar com ela, não sei se mereço, se eu merecesse já teria né, mas com uma família eu teria uma oportunidade melhor pra começar uma nova vida.”	B8	“Ta bom, você é de boa, merece.”
B12	Cachoeira	“Mereço porque corro atrás do que quero e mereço momento de	Aluna de Pedagogia	“Todo mundo merece momento de descanso, mas

		descanso.”		já que você cansa por que disse que corre atrás do que quer é sinal que trabalha muito e se esforça para conseguir suas coisas. Desejo concedido.”
B16	Arma	“Quero porque quero ser colecionador de armas. Mereço por que corro atrás do que quero.”	Aluna de Pedagogia	“Deus ta vendo e sabe da realidade de cada um. Você pode querer ser colecionador de armas ou fazer outra coisa com a arma, mas independente disso as conseqüências sempre serão suas. Pedido concedido pois também sempre concedo liberdade de escolha e vivência das conseqüências para aprendizado também.”
B15	Comida e ir para Miame	“Mereço por que tem fome e não quero sofrer por fome. E ir pra Miame pra sair desse clima, mereço porque vou correr atrás”.	Aluna de Pedagogia	“Pedido concedido, cada um sabe de suas reais necessidades, se vai correr atrás do que quer, terá o que deseja na medida da suas ações.”
Convidado 2	Hotel e carro	“Mereço porque estudo e pra quando chegar no futuro começar uma nova vida.”	Aluna de Pedagogia	“Todo pedido é digno, cabe a cada um administrar, quem sou eu pra julgar vocês, ainda mais no papel de Deus. “

Percebeu-se uma mudança de argumentos de alguns participantes diante de “Deus”, o que pode ser bem exemplificado aqui pelo exemplo do Beneficiário “16” que no início do jogo recortou o desenho de uma arma e disse que queria uma arma para guardar em casa e que só usaria para se defender, na frente de Deus mudou seus argumentos afirmando pra “Deus” que queria porque queria ser colecionador de armas.

O B7 e B8 se condenaram dizendo que não merecem antes mesmo de chegar à vez de Deus falar, o B11 deixou a entender que ainda não merecia. Estes estavam no mesmo grupo e nesse grupo o que prevaleceu foi uma visão crítica e quase que negativa deles mesmos. Já no outro grupo, após o primeiro usar a expressão “corro atrás” como justificativa e ter sido aceito por Deus, todos os outros deram a mesma resposta, um deles como foi exemplificado, não afirmou que corria, mas que iria correr. Nesse grupo prevaleceu a noção de que o “corro atrás do que quero” se traduzia em desejar, eles não quiseram especificar o que era correr atrás, mas tentavam dizer que alguma coisa faziam para conseguir e ninguém se julgou desmerecedor do que queria. Dois grupos com reações diferente, no entanto, os resultados de cada grupo dependeram da visão do primeiro participante a falar, um influenciou as respostas dos outros e até mesmo induziu uma maior reflexão sobre as próprias falas, que iam mudando

até o final do encontro. Houve muita contradição, e justamente nas dúvidas e incertezas que cada um pode fazer e refazer sua opinião sobre as dimensões do querer, do precisar e do merecer, principalmente do querer e precisar de drogas.

O Deus interpretado apareceu todas às vezes como um ser generoso e compreensível, mas todos os participantes que o interpretaram não abriram mão dos conselhos e até mesmos das condições. Interessante ressaltar que na hora da interpretação, eles ficaram todo o tempo com uma expressão facial séria, não brincaram e falaram com seriedade, uma expressão de autoridade, mas pelo que se constata, para eles, o papel de autoridade exige condições e normas, mas revela também uma exigência de postura considerada “correta” que os leva a mudar seus argumentos até entrarem num “estado aceitável”. Tal fato nos remete ao pensamento de Moreno (1993, p.158)) sobre a **conserva cultural**, “que propõe-se ser um produto acabado e como tal, adquiriu uma qualidade quase sagrada” e que tem como resultado uma teoria de valores geralmente aceita. Os participantes, não só nesse momento, mas principalmente nos primeiros dias do GS, várias vezes tentaram “agradar” e dar respostas de acordo com o “socialmente aceitável”, raramente eram espontâneos nos seus diálogos e inúmeras vezes entraram em contradição com suas falas, assim como evidenciamos nos relatos acima. Todavia, a espontaneidade começava a surgir como potencial, entre uns e outros na medida que iam sentindo confiança no grupo e perdiam o medo da exposição, levados a mostrar o que tinham de melhor ou mesmo a criarem papéis nem que fossem para se sentirem confortáveis consigo mesmo. A estudante que interpretou o papel de Deus teve a intenção de apresentar um Deus que aceitava tudo a fim de conscientizar os participantes de que há sempre escolhas, há desejos e vontades que podem se realizar, uns motivados pelo interior de cada um, outros pelo meio e por outras pessoas, mas que as tomadas de decisão e escolhas dependem sempre deles e que toda ação, até as mais simples têm conseqüências, o que parecia não estar muito claro ainda no grupo e surgiu como mais uma oportunidade de reflexão.

Percebe-se que os dilemas, a fuga da verdade, os conflitos e a ausência de resposta levaram os participantes ao uso de drogas, mas os dilemas tiveram outro papel além da condução ao caminho das drogas, assim como o uso de drogas tiveram motivações relacionadas e eles. Veremos essas questões no próximo tópico, buscando compreender enfim, qual foi o papel dos dilemas na pedagogia desses grupos socioeducativos, mas antes, uma reflexão geral sobre o que aqui foi exposto.

No geral, os resultados foram significativos visto que elogios ao programa do GS não faltaram, assim como expressões de contentamento e mudanças de opiniões. A presença de diálogo e de uma comunicação que privilegiava a tudo e a todos, a presença sempre constante também de novas perspectivas e novas abordagens para “velhos” temas conduziram ao enfrentamento destes e das mazelas que cada um levava consigo. Como disse um dos participantes: “muita gente bacana, gente nova e diferente, legal pra conversar, aprender, trocar umas ideias e pá... até olhar pra que eu sou e tô sendo eu olhei[...] (B13)”.

Ainda sobre uma análise geral dos resultados do Programa GS, evidencia-se resultados positivos em relação as presenças dos beneficiários nos encontros realizados.

QUADRO 5 – Quadro de presença dos beneficiários do GS

<p>1º GRUPO – TERÇA FEIRA</p> <p>Data: Presença: 24 Setembro - B1 e B2 1º Outubro - B1, B2 e B3 08 Outubro - B1, B2, B3, B4 e Convidado 1 15 Outubro - B1, B3 22 Outubro - B1, B2, B3 e B4 29 Outubro - B1, B2, B3 e B4</p>	<p>2º GRUPO – SEGUNDA- FEIRA</p> <p>Data: Presença: 04 Novembro – B5, B6, B7 e B8 11 Novembro – B5, B7, B8 18 Novembro – B7, B8 e B11 25 Novembro – B5, B7, B8 e B11 02 Dezembro – B5, B7,B8 e B11 09 Dezembro – B7,B8,B11</p>
<p>3º GRUPO – TERÇA- FEIRA</p> <p>Data: Presença: 05 Novembro – B9, B10, B11, B12, B13, B14, B15, B16, B3 e B4 12 Novembro – B9, B10, B11, B12, B13, B14, B15, B16 19 Novembro – B9, B12, B13, B15, B16 e Convidado 2 26 Novembro – B12, B13 e B16 03 Dezembro – B9, B12, B13, B15, B16 10 Dezembro – B9, B12, B13, B15, B16</p>	<p>LEGENDA:</p> <p>B1= Beneficiário 1 B2= Beneficiário 2 B3= Beneficiário 3 B4= Beneficiário 4 B5= Beneficiário 5 B6= Beneficiário 6 B7= Beneficiário 7 B8= Beneficiário 8 B9= Beneficiário 9 B10= Beneficiário 10 B11= Beneficiário 11 B12= Beneficiário 12 B13= Beneficiário 13 B14= Beneficiário 14 B15= Beneficiário 15 B16= Beneficiário 16 Convidado 1= Irmão B4 Convidado 2= Primo B15</p>

Fonte: Autoria própria

Analisando o número de presença com os depoimentos dados pelos participantes sobre sua satisfação de estar no grupo, juntamente com as transformações, mudanças de opinião, aumento de perspectivas, sorrisos, demonstrações de respeito, consideração e contentamento, conclui-se que foi satisfatória a pedagogia utilizada no grupo. O fato de retornarem nos encontros seguintes era um objetivo do Programa GS. A escolha de continuar freqüentando é um sinal positivo que o GS está conseguindo alcançar a atenção e a participação efetiva dos participantes. Sabe-se que a desistência da participação em outros GS são comuns devido o

caráter de penalidade das medidas socioeducativas, fato que eles discordaram no final do encontro a respeito do Programa GS do Instituto Círculo de Giz.

Alguns participantes trabalhavam, porém, a maioria deles não revelava no seu espaço de trabalho que participavam do GS, alguns justificaram a falta por não poderem deixar o trabalho, como foi o caso do B2. Um fato curioso é que certo dia houve greve dos responsáveis pelo transporte público de Brasília e não houve circulação normal de ônibus, mesmo assim, alguns participantes compareceram. Sejam pela obrigatoriedade da presença ou por satisfação, alguns depoimentos revelam a importância da experiência no GS para alguns participantes:

- B2- “Conheci outras pessoas cada um traz alguma coisa, aprendizado pra vida mesmo”
- B4- “Todo mundo ta interagindo, ta conversando os assunto são diferente, não mudei nada mas aprendi algumas coisa, talvez tem que mudar de uma vez ou ficar esperto.”
- B9- “Só de não ter que ficar agüentando sapo de PM e de juiz já tá ótimo.”
- B11- “Bom mesmo seria se o juiz soubesse e escutasse a gente como aqui, os outro lugar tinha que ser assim também”
- B12- “A mente ficou mais aberta, vai vendo mais história. Se tivesse isso aqui sem passar pelo juiz, pela polícia, sem essa pressão toda em cima da gente, era melhor ainda. Devia era ter isso daqui em todo lugar. Os que não vem e pararam de vir é porque é trouxa. A gente acha mesmo que é ruim mas depois vê que é bem melhor, quê que custa sair de casa vir conhecer gente nova, aprender coisa nova?”
- B13- “Aqui é bom pra tocar na consciência. Nós não temos e nem vai ter isso aqui lá fora não. Eu precisava disso aqui era todo dia, e não é só eu não.”
- B15- “Mudou muita coisa que eu achava, aqui tá é muito bom, ficar de boa aqui e ainda tem até café, pode ficar tranquilo do jeito que quer e todo mundo ouve a gente.”
- B16- “Foi bom mas se tivesse advogado, esses juiz e policial aqui, aí ia ser chato.”

Dos métodos e técnicas psicodramáticas utilizados nos encontros dos grupos socioeducativos do Instituto Círculo de Giz, todos os que estiveram presentes - o **psicodrama**, **sociodrama**, **role-playing**, **teatro espontâneo**, a **auto-apresentação** e o **método educacional psicodramático**- conduziram a sua forma para a aprendizagem, revisão de valores, avaliação de si mesmos, dos outros, do meio e de novas possibilidades.

O método e as técnicas utilizadas, **além de caracterizarem a pedagogia utilizada na intervenção socioeducativa como uma pedagogia psicodramática, levaram os participantes a uma ampliação de consciência, o que segundo Fleury e Marra (2008) caracteriza uma intervenção socioeducativa com ação formativa por excelência**, “porque cultivam a autonomia e o pensamento crítico e criativo, sempre proporcionando a oportunidade de participação[...]”(FLEURY e MARRA, 2008, p. 17) e também porque possuem as três etapas que as autoras referem para caracterizam uma intervenção socioeducativa: a busca de uma relação de confiança mútua; a escuta diferenciada para cada um – com atenção especial para seu contexto e suas possibilidades –; e o empoderamento dos participantes de modo a liberarem suas aptidões e talentos para solucionar os problemas de formas socialmente aceitável. **Todo esse contexto caracteriza também o grupo socioeducativo como ambiente de aprendizagem.**

6.2 ANÁLISE DOS DILEMAS ENCONTRADOS

“A mente que se abre a uma nova idéia, jamais voltará a seu tamanho original”
Albert Einstein

Após a leitura das descrições de cada participante registradas em notas de campo, foi realizada a extração das assertivas significativas que pudessem identificar e caracterizar os principais dilemas existentes no grupo organizando-os em conjunto de temas. Os temas relacionados aos dilemas foram:

- Justiça e segurança pública
- Escolhas pessoais
- Influência do meio, dos amigos e da Família

Abaixo uma lista de alguns dos dilemas encontrados no GS:

Dilemas relacionados **à justiça e segurança pública:**

- Eu posso tudo, mas tudo é legal?
- Se ninguém estiver olhando, eu posso agir ilegalmente?
- Sou prejudicado ou sou beneficiado no GS?
- Denuncio o abuso de autoridade ou fico calado para não ser perseguido/”marcado” ?
- Revolto ou não dou crédito ao policial?
- Obedeço e sou humilhado ou não obedeco ao policial e corro riscos?
- Há preconceito com usuários de maconha ou há falta de conhecimento?
- Sou julgado pelo uso de maconha/cocaína e não julgado pelo álcool e cigarro.

- Tenho ou não tenho escolha de vir para o GS?
- A pena é justa ou estão cometendo uma injustiça?
- Tive uma abordagem justa ou injusta?
- Confio na ciência ou confio nas minhas experiências?

Dilemas relacionados às **escolhas pessoais:**

- Estou errado ou não estou errado por usar drogas?
- Eu quero ou eu preciso da maconha? Usuário ou dependente?
- Fico na dependência de outro ou moro sozinho e sou independente?
- Vivo o momento ou me preparo para uma vida melhor?
- Eu me conheço ou me desconheço?
- Uso drogas infringindo as leis seguindo minha vontade e corro riscos ou não uso?
- Uso drogas em casa ou na rua?
- Aceito participar do GS ou não aceito?
- Eu mereço o que eu quero ou mereço que preciso?
- Continuo no GS ou não continuo?
- Conto ou não conto para o meu chefe que participo do GS por uso de drogas?
- As coisas são previsíveis ou o inesperado pode acontecer?
- Eu faço o meu futuro ou meu futuro já está feito?

Dilemas relacionados as **influências do meio, dos amigos e da família:**

- Fumo para ser aceito pelo grupo, ou não fumo e corro o risco de não ser aceito?
- Paro ou não paro de fumar maconha se minha mãe ou outra pessoa que considero muito importante me pedir?
- As outras pessoas influenciam o uso de drogas?
- Se eu fumo, incentivo ou não incentivo meu filho a fumar?
- Namorados influenciam a usar drogas ou cada um sabe de si?
- Uso drogas por minha vontade ou pressão dos amigos/meio?
- Qual o papel de outros grupos na minha vida?
- Qual a importância da família nas minhas decisões?
- Orientar as pessoas vale para alguma coisa ou cada um tem sua mente “formada”?

Após organizá-los em conjunto de temas, realizou-se a integração dos dilemas resultados de notas de campo numa descrição e análise exaustiva de relação entre eles, elaborando por fim, as essências dos dilemas existentes nos grupos.

As essências dos dilemas foram:

- Confiança (em si, no outro, na justiça, no futuro)
- Ausência (de referenciais, diálogo, perspectivas)
- Influências (do meio, dos amigos e da Família)
- Padrões (de conduta, tradições, leis)
- Fuga
- Busca

Quando citamos a confiança como a essência de alguns dilemas nos referimos a confiança mas também a falta de confiança, em alguns casos o excesso de confiança em si mesmo ou nos amigos, já em outros a falta de confiança ou fé no futuro, na justiça ou na família por exemplo. As essências são a parte principal, mas nelas estão a própria ambivalência dos casos, a presença e a ausência dessas “essências”.

É interessante mencionar que os dilemas iam surgindo em todos os encontros. Seja no sociodrama onde a verdadeira atenção se concentrava no grupo em volta de ideologias coletivas e que abordava o preconceito em relação aos usuários de drogas entre outros assuntos; seja na auto-apresentação que integrava o grupo e dava luz aos primeiros dilemas cujo mediador conduzia para suas resoluções; sejam nas dúvidas do querer/precisar que exigiam a busca de enfrentamento de si mesmos; seja no psicodrama, teatro espontâneo ou nas outras técnicas que também conduziam os participantes aos enfrentamentos das questões e reflexão dos temas do dia; ou seja também na relação interpessoal ou nas intergrupais que ali se centravam; seja em qualquer uma destas vivências ou experiências narradas pelos participantes, os dilemas iam se revelando e constituindo seus papéis e espaço na pedagogia do grupo, estavam sempre presentes, hora em uma lembrança narrada, outra hora na divergência de opiniões entre os beneficiários, outras vezes bem explícito nas conversas e opiniões de cada um e principalmente no silêncio que travava as vozes e gritava nos olhares de cada participante.

Se observarmos mais atentamente as análises anteriores citadas neste trabalho, vamos notar que todas as abordagens e as técnicas conduziram para a reflexão dos conflitos em comum e evidências de dilemas existentes. Um dos pontos mais interessantes encontrados no GS foi a ausência de respostas para várias perguntas levantadas e a evidente busca dos beneficiários por “um não se sabe o quê” que traziam consigo, pois, era aí que se constituíam e se tornavam explícito seus dilemas. Se eles soubessem as respostas não viveriam os dilemas, as respostas que davam eram elementos paliativos, o que não estava explícito e o silêncio

dizia muito e evidenciava a necessidade da condução do grupo à constante reflexão, revisão de si, de suas buscas, falas e de nova elaboração de respostas.

Diante de tais dilemas e por tudo que foi vivenciado no grupo, constata-se que a transgressão a leis e normas que aconteceram fora do GS não ocorreram dentro dos encontros do Círculo de Giz. Os beneficiários respeitaram as regras dos jogos e atividades propostas, participavam e respondiam, de certo que nem sempre as falas permaneciam coerentes ou mantinham-se na mesma linha de pensamento, havia muitas contradições, mas todos aceitaram as normas, as propostas e as condições dos jogos. Alguns aceitavam e até mesmo tentavam desempenhar o esperado, o aceitável e programado, tal como um teatro para atender as expectativas. Seria um teatro? Uma dramatização a mais? Não perderia então o sentido dos encontros uma vez que alguns optaram por se esconder atrás de papéis que poderiam não ser eles? Mas se são representados por eles, esses papéis os pertencem de alguma forma. E foi assim mesmo, entre dramatizações, encenações e no “teatro vivencial”, que foram realizadas os encontros e esteve uma das maiores riquezas para os participantes do Programa GS do Instituto Círculo de Giz: o encontro com o inesperado.

Pode-se parecer contraditório com o que se esperaria comumente de uma “penalidade”, mas não havia metas rígidas e nem o intuito de que as idéias dos coordenadores prevalecessem sobre a dos participantes. A realidade é que não se esperava uma mudança do estado de uso para o do não uso das drogas. A proposta era uma reflexão consciente de si, de sua própria vida e atitudes, do uso, das conseqüências e de possibilidades de ação.

Os participantes mostraram que não esperavam nada do que encontraram no GS. A dinâmica utilizada, a acolhida, a oportunidade de expressar, a valorização dos saberes de cada um, a troca de opiniões, o ambiente, os temas, o fato de serem escutados, aceitos e respeitados pelo que são e pelo que pensam, além da liberdade que tiveram nos grupos, foram questões inesperadas para todos. Eles aguardavam a penalidade, como eles mesmos mostraram várias vezes. A forma sutil de levá-los a reflexão de si mesmos, de levá-los ao enfrentamento de seus dilemas, suas contradições, impotências, transgressões, dependências e “auto-sabotagem”, foram conduzindo o grupo ao contato com o inesperado. O inesperado que aparecia também nas situações problemas e perguntas que eram lançadas aos participantes e os levava a crer na possibilidade de outras respostas, além das programadas, das já conhecidas e das socialmente aceitas apesarem de não serem o que no fundo eles queriam. Quando chegaram ao grupo e encontraram mediadores que aceitavam tudo e os respeitava nas opiniões dando credibilidade em suas falas, tudo foi tomado como verdade. Assim, percebia-se que os próprios

participantes já não sustentavam suas próprias verdades, quando estiveram diante de pessoas que os deixavam ser como eram, sem abuso de autoridade ou discriminação de papéis, eles ficaram por vezes desajustados e “desmontavam” seus papéis, o que lhes exigia, sem que percebessem, um diálogo e esforço interior para se revelarem tal como são e procurarem uma forma mais confortável de ser e estar naquele ambiente.

Se interpretavam ou não papeis, ficou claro que novos papéis foram criados, a reflexão por si só liberta, mas as ações, a vivência, “o duplo” da vida que ali acontecia, os levaram a uma condição maior de contato com o novo, de contato consigo mesmo e com sua própria realidade, dando mais possibilidades e levando o inesperado como algo possível sim de acontecer. Várias vezes as diferenças de opiniões causaram desconforto, os próprios dilemas causaram inquietação e desconforto, um desconforto terapêutico e didático.

Os dilemas, as colocações, as dúvidas, os temas grupais, a postura, as expressões de revolta, as queixas, as interferências, as motivações, os diálogos, as falas, o compartilhamento de vivências e principalmente a ausência de respostas e o silêncio de alguns, foram dispositivos de ação e mudança utilizados pelos mediadores dos grupos como oportunidade de ensino/aprendizagem e condução do grupo a reflexão e revisão de atitudes e valores. Além destes, outros mecanismos de ação foram utilizados nos grupos para estabelecimento de regras, das relações e de mudanças, que são os métodos e as técnicas psicodramáticas utilizadas no manejo do grupo.

O Programa GS do Instituto Círculo de Giz e a pedagogia utilizada no mesmo possibilitaram além da aprendizagem em conjunto, uma exploração do universo particular e coletivo dos sujeitos pesquisados, revelando dilemas existentes. Havia dois tipos de dilemas, aqueles que os participantes traziam e aqueles que eles geravam e vivenciavam no grupo.

Observa-se que no primeiro momento, já se revelavam os primeiros dilemas do GS que foram sendo conduzidos e enfrentados pela auto-apresentação e ação psicodramática. Quando os beneficiários chegaram ao grupo, demonstravam revolta, indignação e acusavam ser injusta a penalidade, muitos permaneceram desconfiados e 2 dos participantes ficaram bastante reservados e resistentes durante os primeiros encontros. Um, assim como ele mesmo disse que não trabalhava, não estudava e “não fazia nada”, também deixou a entender que não queria fazer nada no GS. Ele demonstrava estar distante das notícias que ocorriam no mundo, ao ser indagado ou questionado pelos mediadores ele ia de acordo com a resposta da maioria do grupo e demonstrava-se bastante “alienado”, apesar de não ter tido evidências de uso de

alguma substância antes das reuniões. O outro participante que se manteve bastante reservado também não interagiu e tentava passar despercebido pelos mediadores, como isto não acontecia, ele respondia e participava, mas não aprofundava nas respostas e nem dava espaço para os mediadores, estes, por sua vez, o respeitava. A resistência e dificuldade de se expressar da maioria dos participantes sempre aparecia quando o assunto era falar de si mesmos. De um lado estavam os satisfeitos de ganharem atenção e estarem no centro das atenções, de outro lado e em número maior, aqueles que não tinham flexibilidade e argumentos quando o assunto era a própria vida.

Diante de tal situação, os mediadores usaram as técnicas psicodramáticas e quando iam sendo conduzidos a se apresentarem, a expor seus sentimentos, pensamentos e experiências, surgiam questões em comum entre eles que revelavam a presença de dilemas relacionados ao “quero mas não posso”, “posso mas não é legal”, “eu confio ou não confio nos agentes de segurança pública que foram os mesmos que me repreenderam”. Enfim, surgiam vários dilemas, aqueles que chegavam no grupo prontos porém implícitos, e aqueles dilemas que foram surgindo durante os encontros, tais como “revelo quem sou ou assumo uma postura para que me aceitem nesse GS?”, “Falo o que penso ou mudo a versão para ser condizente com o momento?”. Assim, os dilemas direcionavam as ações e vivências do dia.

O que os dilemas proporcionavam eram temas em comum para serem refletidos e repensados sob novos pontos de vista. Os participantes ao chegarem sozinhos no grupo tinham o que considerariam um “grande problema” (cumprimento da pena de medida socioeducativa), acreditando que este problema os desqualificaria, principalmente quando vivenciavam o dilema de participar ou não do GS. Na medida que o coordenador mostrava as nuances da realidade e outros participantes demonstravam que tinham dilemas em comum, o encontro no grupo ia favorecendo a resolução de conflitos. A condução das cenas reais e imaginárias que o Programa GS realizava proporcionava a socialização das idéias, a vontade e o desejo de solução, onde os participantes se desvencilham de um “problema” porque encontravam mais “soluções” para os questionamentos que eles vivem e cada um enriquecia o outro com novas possibilidades.

O que gerava dilemas no grupo é um fator que já dissemos anteriormente: o inesperado. O fato do grupo ser conduzido de forma que tudo que eles dissessem era aceitado como verdade os deixava desconfortáveis, principalmente porque as contradições não passavam despercebidas e eram questionadas. O incômodo, o inesperado e os próprios dilemas que surgiam eram dispositivos que abriam cena para discussão e incluía o grupo na

busca de respostas ou no mínimo conforto para ali estarem. Um dos dilemas mais frequentes era “escolho ou não escolho participar do GS?” de onde derivavam alguns outros dilemas: “tenho ou não tenho uma pena justa por usar drogas?”; “sou ou não sou beneficiado no GS?”. Todas as técnicas e jogos contemplavam a busca por entendimento relacionado à essas questões.

Talvez uma das mais importantes faces dos dilemas seja de levar a cada participante a perceber o outro com problemas semelhantes ao seu e ao se reconhecer no outro não sentir-se sozinho. Ainda que não se diga, quando os participantes chegaram no GS e encontraram pessoas com dilemas semelhantes aos deles, o fato de ser um elemento em comum, fez deles um grupo, um grupo que compartilha seus dilemas individuais e coletivos, uma oportunidade de reconhecer que as fragilidades, os medos, o enfrentamento de conflitos e de dilemas, são questões naturais da vida humana e com o respeito as diferenças isso consequentemente os deixavam menos receosos com o Programa e mais abertos ao diálogo. O fato de compartilhar suas vidas, qualquer experiência, qualquer conhecimento que eles tinham, valoriza e fortalece cada um dos membros do grupo para a aceitação de si e dos outros.

6.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O papel dos dilemas na pedagogia de grupos socioeducativos

Os dilemas assumiram vários papéis no grupo: o papel de unir os participantes do grupo em torno de um tema, o papel de incluir as pessoas e o papel de abrir cena para discussão. Contudo, talvez o papel mais importante dos dilemas, tenha sido o estímulo para a busca, seja a busca de resolução de conflitos, a busca de respostas, a busca de si mesmo ou a busca de resolução e entendimento dos próprios dilemas, enfim: a busca. A busca por algo que não se tem, a busca que surge devido a ausência de inúmeras respostas e que gera um estado de inquietação e insatisfação. As buscas geram perguntas e são justamente essas perguntas que movem e geram ação, reflexão e torna possível o início da mudança para o progresso, para a transformação, ainda que de forma sutil ou em passos lentos.

Nem sempre podemos compreender as atitudes que as pessoas têm em relação aos dilemas, no entanto, podemos levá-las a compreensão mínima de si mesmas e de suas motivações, de suas contradições e de novas possibilidades de enfrentamento a novas condições ou a antigas questões. A aprendizagem nos grupos socioeducativos era rica, pois o conhecimento era construído coletivamente, valorizava o saber de cada um e agregavam-se novas perspectivas, todos ensinam, todos aprendem e tudo é conteúdo, havia mediadores que

conduziam para o desenvolvimento dos encontros, mas os mediadores estavam orientados pelos próprios beneficiários e seus dilemas.

Se pararmos para observar, estamos em constantes buscas, vivemos dilemas diariamente e sim, transgredimos vez ou outra as leis, as normas sociais ou de boa convivência, o “socialmente aceito” e o esperado, mas a própria transgressão tem seu lado educativo, se não ultrapassássemos algumas condições, não teríamos descoberto o sabor do errado, o ponto de vista do outro lado, o valor do erro, a visão do outro e caminhos pelos quais se escolhe ou não trilhar. Tudo é aprendido, e por isso começar a se pensar nos dilemas como motivação para a aprendizagem, para a revisão de valores, ampliação de consciência, de responsabilidade e valorização das relações, pode ser a chave que os educadores procuram para uma educação que alcance uma formação efetiva e significativa na vida dos sujeitos.

Uma pedagogia psicodramática é capaz de revolucionar o sentido de ensino aprendizagem e ressignificar o ato educativo. O que se percebeu na pedagogia do GS foi uma condução da dinâmica do grupo direcionada para a valorização individual e coletiva do saber. Valorizou-se sonhos e quando estes não apareciam se estimulou a revisão de opiniões, de pensamentos, valorizando toda forma de expressão, as críticas e até mesmo o direito de não ser espontâneo, o direito de ser outro além de si e o direito de não querer ser, estar ou até mesmo de não querer sonhar.

Possivelmente, assim como muitos esperam a mudança de atitude dos participantes no final dos encontros, talvez você leitor tenha esperado no final desta monografia um resultado concreto de avaliação sobre o fato de “parar ou não de usar drogas” para cada participante no final dos encontros. Poderíamos sim fazer um levantamento quantitativo das mudanças de opiniões, de quantos ali fizeram revisão de seus valores e atitudes, inclusive com resultados satisfatórios, mas o trabalho no GS vai mais além do que a mudança ou números, ele alcança outras dimensões do ser, do despertar da consciência e ampliação de horizontes. A vida é o próprio caminho, é transformação sempre e a educação não poderia ser reduzida a mera imposição de opinião, transmissão de informação ou idealização de condutas. O que pode-se constatar é que os encontros proporcionados pelo Instituto Círculo de Giz agora fazem parte da história individual de cada pessoa ali presente e possibilitou a visão de novos olhares, novos caminhos e novas possibilidades de ser para cada beneficiário. Não podemos dizer que 10, 20, 30, 50, 70 ou 90% dos que estiveram ali deixaram ou não de fazer uso de substâncias ilícitas, e nem relatar a mudança concreta da influência do GS na vida deles até mesmo

porque não foi o foco da pesquisa, mas podemos nos utilizar dos números para dizer que 100% dos que freqüentaram o GS vivenciaram ou lembraram seus dilemas de forma dinâmica, acolhedora, integradora, com respeito, com informação franca e honesta, com direito e espaço para manifestação de suas verdades, de seus saberes e puderam também agregar, revelar e compartilhar valores, conhecimentos e novas perspectivas.

Bareicha (2010) ao referir em um de seus textos sobre o Programa GS do Instituto Círculo de Giz, fala sobre a mudança de comportamento que muitos esperam acontecer no sentido de deixar de usar maconha, e, de forma brilhante ele nos brinda com uma própria reflexão da qual fazemos uso para desfecho deste trabalho:

“Mudança é um processo relativamente objetivo e pode significar meramente a troca de um estado ou de uma coisa por outra; por exemplo, fazer uma coisa ou deixá-la de fazê-la. Já a transformação é um processo mais complexo e, pelo mesmo motivo, talvez mais congruente com a realidade. Para entendê-lo, podemos dividi-lo em três componentes inseparáveis: **trans+formar+ação**. Dito de outra maneira, **um componente terapêutico (a ação), um pedagógico(a formação) e outro estético (trans)**. A ação como componente terapêutico é a essência da proposta moreniana. Do grego ação é drama. Através das ações é que podemos alterar as perspectivas. Do mesmo modo o componente pedagógico não pode ser meramente informativo. Aliás, a experiência no GS mostrou, as pessoas possuem informações suficientes para tomada de decisões. O que lhes falta é formação de valores. Formação não é algo “rápido” como a apreensão de informações para se passar em uma prova.[...] O currículo extra-escolar, pressuposto de todo cidadão, é heterogêneo e aumenta a desigualdade ao invés de minimizá-la. O problema é que a desigualdade de crenças e valores, e a falta de diálogo especialmente sobre as Instituições Sociais e as regras mínimas de convivência multiplica a inevitável violência das relações. Finalmente, o aspecto estético é o que promove a expressão tanto como forma de comunicação, quanto como componente sensível à interpretação da realidade.”

(BAREICHA, 2012, p. 539-540)

7 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Uma das minhas expectativas em relação ao futuro começa no aprimoramento presente. Pretendo buscar sempre o aperfeiçoamento da minha profissão, na busca contínua e interminável pelo conhecimento, por novas experiências e aprendizados. Como pedagoga recém formada e já com alguma experiência na educação, pretendo aprofundar nas possibilidades de ensino aprendizagem e perceber com sensibilidade o que o ser humano carece para seu desenvolvimento pleno e expressão espontânea/ criativa.

Ter tido a formação como educadora na UnB me proporcionou uma visão de mundo que quero compartilhar com as outras pessoas. “Presentemente” e futuramente, pretendo buscar mais entendimento acerca da Socionomia/Psicodrama como métodos de ação e intervenção na educação. No exercício da profissão vou poder valer-me das teorias e buscar/pesquisar novas possibilidades de trabalhos com grupos. Quero descobrir o que podemos fazer através de um ensino/processo de aprendizagem que valorize o sentir, o fazer, o pensar, a busca por autoconhecimento e a valorização/respeito de si e do outro.

Diante dos resultados da pesquisa e do encontro com o último texto citado de Bareicha(2010), renasce em mim o interesse de pesquisa sobre o “formar” existente na “transformação” que o autor citou, a formação de valores, tema que passa pelo campo da moralidade tão pouco pesquisado e explorado na educação. Pretendo alcançar um mestrado e chegar a um doutorado que contemple a área da educação e quem sabe possa desenvolvê-los no campo da ética/moralidade com respaldo na socionomia/psicodrama. Paralelamente a essas buscas, pretendo começar a atuar como pedagoga para buscar elementos que possam me orientar em minhas pesquisas. Atualmente meu foco está em dar início a jornada da profissão continuando em Brasília, mas sempre aberta a novas oportunidades que me realizam. Minha realização pessoal está em continuar desempenhando meu papel de educadora, seja no ambiente escolar ou em ambientes informais de educação. Quero contribuir com todas minhas possibilidades na busca de uma educação que valorize as relações, inclusive no processo de ensino/aprendizagem, contribuindo como pedagoga perante a sociedade na busca de um mundo melhor.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar. [...] A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo. [...] Sonho com o dia em que todos levantar-se-ão e compreenderão que foram feitos para viverem como irmãos. [...] É um ideal que espero viver para alcançar. Mas, se for preciso, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer.”
(Nelson Mandela)

REFERENCIAL TEÓRICO:

ASSIS, S. G.; AVANCI Q. J.; PESCE P.R.; NJAINE K. Resiliência na adolescência: refletindo com educadores sobre superação de dificuldades/ Rio de Janeiro: FIO CRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2008 68 p.

BAREICHA, P. Grupo sócio-educativo (GS) em uma perspectiva socionômica. In: GHESTI-GALVÃO I.; ROQUE B. C. E. (Org.). A aplicação da lei em uma perspectiva interprofissional: direito, psicologia, psiquiatria, serviço social e ciências sociais na prática jurisdicional. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2010. Cap. 4, p. 527-541.

BAREICHA, P. Psicodrama, teatro e educação: em busca de conexões. Linhas Críticas, v.4, n. 7-8, p. 121-136, Universidade de Brasília, 1999.

BERTOLOTE, M. J. O que é droga, onde e quando? Uma leitura da geopolítica mundial sobre algumas substâncias psicoativas. In: Geopolítica das Drogas: textos acadêmicos. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. P. 51-68

BOHRER, G. R. Dispositivos socionômicos na pedagogia de grupos socioeducativos. 2012. xii, 152 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art112 > Acesso em 23 dez. 2011.

BRASIL. Lei Nº 11.343 de 23 de agosto de 2006. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm > Acesso em 23 dez. 2011.

BRASIL. Lei Nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112594.htm> Acesso em 23 dez. 2011.

CARA, D.; GAUTO, M. Juventude: percepções e exposição à violência. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E.; ESTEVES, L. (Org.). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2007. P. 171 – 196.

CUNHA, M. F. M Coordenadas: uma visão holística da educação. Rio de Janeiro: Memórias Futuras Edições, 1989. p. 78-79

ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E.; ESTEVES, L. (Org.). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Edições MEC/Unesco, 2007. p. 19 – 54.

EISENSTEIN E. Adolescência: definições, conceitos e critérios . Adolesc Saude. 2005

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LIBÂNEO, J.C. *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* 2ª Ed. São Paulo, Cortez, 1999.

MACHADO, C. B. N. *Usuário ou traficante? A seletividade penal na nova lei de drogas.* Fortaleza: Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI, 2010. Disponível em <<http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3836.pdf>> Acesso em 22 dez. 2011

MARRA, M. M.; FLEURY, H. J. (Org.). *Grupos: intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático.* São Paulo: Ágora, 2008.

MORENO, J.L *Fundamentos do psicodrama.* [tradução de Maria Sílvia Mourão Neto] São Paulo: Summus, 1983.

MORENO, J.L. *Psicodrama.* 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MORENO, J.L *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama.* Goiânia: Dimensão, 1992.

MORENO, Z. T.; BLOMKVIST L.D.; RÜTZEL T. *A Realidade suplementar e a arte de curar.* [tradução de Eliane Araujo N. do Vale] São Paulo: Ágora, 2001.

NERY, M. P. *Grupos e intervenções em conflito.* São Paulo: Ágora, 2010.

OBID, *Cocaína.* In: *Informações sobre drogas/Tipos de drogas/Cocaína.* Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>> Acesso em 22 dez. 2013.

OBID. *Idade média e desvio padrão na qual usou pela primeira vez algum tipo de substância psicoativa.* In: *Pesquisas e Estatísticas/Indicadores/Consumo de drogas/ Idade do primeiro uso de drogas.* Disponível em <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Dados_Estatisticos/indicadores/327431.pdf> Acesso em 22 dez. 2013.

OBID, *Maconha.* In: *Informações sobre drogas/Tipos de drogas/Maconha.* Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>> Acesso em 22 dez. 2013.

OLIEVENSTEIN, C. *Destino do toxicômano.* São Paulo: Almed, 1933.

OLIEVENSTEIN, C. *A droga.* 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

OLIEVENSTEIN, C. *Os drogados não são felizes.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Saúde do adolescente.* Disponível em: <http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/> Acesso em 20 jun. 2011.

PRIBERAM, D. "adolescência", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,* Disponível em <<http://www.priberam.pt/DLPO/adolesc%C3%Aancia>> Acesso em 22 dez. 2013.

PRIBERAM, D. "adulto", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,* Disponível em <<http://www.priberam.pt/DLPO/adulto>> Acesso em 22 dez. 2013.

PRIBERAM, D. "jovem", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em <<http://www.priberam.pt/DLPO/jovem>> Acesso em 22 dez. 2013.

RIQUET, S. H. S. O lugar científico do psicodrama. *Linhas Críticas*, v.4, n. 7-8, p. 181-192, Universidade de Brasília, 1999.

ROMAÑA, M. A. Construção coletiva do conhecimento através do psicodrama. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

ROMAÑA, M. A. Desenvolvendo um pensamento vivo diante uma didática sócio psicodramática. *Linhas Críticas*, v.4, n. 7-8, p. 11-22, Universidade de Brasília, 1999.

ROMAÑA, M. A. Do psicodrama pedagógico à pedagogia do drama. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. p. 41 -49. 1.ed. São Paulo: Atlas,2010.